




UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA

PINTURA RUPESTRE: DEFINIÇÃO DAS FRONTEIRAS DA SUBTRADIÇÃO
SOBRADINHO - BA

Sebastião Lacerda de Lima Filho

São Cristóvão

2013



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA

PINTURA RUPESTRE: DEFINIÇÃO DAS FRONTEIRAS DA SUBTRADIÇÃO
SOBRADINHO - BA

Sebastião Lacerda de Lima Filho

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação ARQUEOLOGIA como
requisito parcial à obtenção do título de
Mestre em Arqueologia.

Orientador (a): Dr^a. Suely Gleyde Amâncio Martinelli
Agência Financiadora: FAPITEC/SE

São Cristóvão
2013

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada à fonte.

São Cristovão - SE, 10 de março de 2013.

Sebastião Lacerda de Lima Filho

Sebastião Lacerda de Lima Filho

arqueologiasebast@yahoo.com.br

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DO CAMPUS DE LARANJEIRAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

Lima Filho, Sebastião Lacerda de

L732p Pintura rupestre: definição das fronteiras da subtradição Sobradinho - BA/ Sebastião Lacerda de Lima Filho; orientadora Suely Gleyde Amâncio Martinelli. – Laranjeiras, SE, 2013.

202 f.

Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Universidade Federal de Sergipe, 2013.

1. Pinturas rupestres - Bahia. 2. Arte pré-histórica. 3. Arqueologia. 4. Antiguidades. I. Martinelli, Suely Gleyde Amâncio. II. Título.

CDU 7.031.1(813.8)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM
ARQUEOLOGIA – PROARQ/UFS

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

As 09 horas do dia 08 (oito) do mês de fevereiro de 2013, reuniram-se no auditório do Campus de Laranjeiras da Universidade Federal de Sergipe, os membros da Comissão Examinadora, formada pelos Professores Doutores **Suely Gleyde Amâncio Martinelli** (Presidente - PROARQ), **Celito Kesting** (Examinador Externo - UNIVASF) e **Gilson Rambelli** (Examinador Interno - PROARQ), para a realização da Defesa de Dissertação de Mestrado intitulado “**Pintura Rupestre: definição das fronteiras da Subtradição Sobradinho - BA.**”, do mestrando **Sebastião Lacerda de Lima Filho**. Após a apresentação do candidato e a arguição dos membros da Comissão, o candidato foi considerado **aprovado**. Não havendo mais nada a tratar, eu **Suely Gleyde Amâncio Martinelli**, presidente da banca, lavrei a presente Ata que será assinada por mim, pelos membros da Comissão Examinadora e pelo candidato. Campus de Laranjeiras, 08 de fevereiro de 2013.

Prof.ª. Dr.ª. Suely Gleyde Amâncio Martinelli

Presidente - PROARQ

Prof. Dr. Celito Kesting

1º Examinador Externo - UNIVASF

Prof. Dr. Gilson Rambelli

2º Examinador Interno - PROARQ

Sebastião Lacerda de Lima Filho

Candidato

DEDICATÓRIA

À “mainha” Elza e ao “painho” Sebastião, pelo apoio incondicional. Aos amigos e colegas, cuja ajuda, confiança, amizade e boa vontade são inestimáveis. Deveriam existir mais pessoas como vocês, neste mundo.

Ao Dr. Celito Kesting pela sinceridade, o apoio e o compromisso que dedica à pesquisa científica na Área Arqueológica de Sobradinho – BA.

AGRADECIMENTOS

O ato de agradecer pode parecer uma etapa fácil, se levamos em consideração a responsabilidade de uma pesquisa arqueológica. Configura-se como um momento de reflexão, quando alguns nomes são citados e outros deixados de lado, ainda que essa não seja a vontade do autor. Constitui uma etapa nostálgica, emocionante e angustiante.

Agradeço à Professora/Orientadora Suely Amâncio-Martinelli, pela paciência, atenção, carinho, amizade, respeito, bronca e consideração, durante o tempo de mestrado. A sua confiança serviu de suporte para seguir em frente. Fez-me ver o quanto a Arqueologia é fascinante.

Ao Dr. Celito Kesting, por ter assumido comigo a responsabilidade dessa pesquisa. Tirou algumas dúvidas e suscitou outras muitas. Esteve comigo nos levantamentos de campo, saindo sempre de madrugada, com seu tradicional bom humor, para percorrer longas distâncias, a pé, por picadas sinuosas que davam acesso às feições de relevo com sítios arqueológicos. Ensinou-me, na prática, que deve haver sintonia entre a ação, a razão e a emoção para que a pesquisa e o pesquisador tenham razão de ser.

Ao Dr. Gilson Rambelli, pelas discussões acerca da teoria arqueológica e pelo incentivo à Arqueologia Sub-Aquática. À Dra. Márcia, pelas reflexões sobre os métodos e as técnicas na pesquisa, bem como pelas dicas a quem recorrer quando o assunto for datações e pelas considerações na qualificação. Agradeço ainda por aturar, juntamente com a Profa. Suely, meus momentos de euforia e confusão e pelas constantes caronas de volta a Aracaju. Ao Dr. Albérico e à Dra. Olívia, pelos ensinamentos e pela paz de espírito com que sempre me receberam dentro ou fora da sala de aula. Espero poder entender mais do mundo da Zooarqueologia e da Arqueotanatologia. À Dra. Elizabete, pela humanidade e pelas reflexões sobre a importância do patrimônio e o sentido do mesmo para as comunidades. À Dra. Janaina, pela sempre boa recepção que me dedicou, dentro e fora da Universidade. Aos Drs. Paulo Jobim, Emilio Fogaça e Betânia pelos exemplos que são de pesquisadores comprometidos com a Arqueologia séria.

Ao Dr. Tom Ferreira da Universidade Autônoma de Madri – UATM, pelas observações feitas na qualificação. Sua forma gentil e direta de notificar os defeitos e as qualidades foi relevante para esse trabalho.

Ao Pró-Reitor de Assuntos Estudantis, Dr. Mário Resende, pela força que me deu quando cheguei a Sergipe, desorientado e com poucas condições de manter-me no curso. O seu apoio foi fundamental. Seu conselho “Eu também já passei por isso; faça com o outro o que faço por você” marcou-me profundamente.

Aos mestrandos mais irados e incríveis da Universidade Federal de Sergipe, com quem dividi experiências. Às meninas do sobrado logo ali: Jeane, Karina, Samara e Luciana. À Vanessa, minha psicóloga emocional e companheira em linha de pesquisa. Aos meus “agiotas”, Deivisson e Taty (Lady Day); À Ângela, pelo carinho e pelo respeito. À Juliana, com quem dividi boas risadas e bons quebra-paus. A Ronaldo, representante discente e à Márcia egiptóloga. Aos arqueólogos subaquáticos, Felipe e Otávio. Às futuras arqueotantologas, Jaciara e Elaine. Ao arqueozoólogo Tiago. A Cleones e Amélia que abandonaram o curso.

Aos amigos que fiz em Laranjeiras (Cristiano, Ezaú, Acassio, Luana, Ramon, Ten-Ten, Dinho, Osmar, Robinho, Junior, Iago, Emanuel, Andinho, Paulo), em Aracaju (Márcio, Danilo, Patrícia, Naiane, Victor, Yumi), em Japaratuba (Jô, Pretinha, Dedeu, Carlinha, Memé, Dinho, Nathan e Davi) e em Pirambú (Anne, Anna, Keninho).

A minha família que atuou sempre como *“um suporte de proteção que chega para aguentar o peso de um abrigo sob-rocha em desmoronamento”* rsrss... mainha, painho, Edu, Gabi, Elieuzza, Nenê, Delzin. Aos cunhados: Mirian, Paulinha, Roberto e Luzailda. Aos sobrinhos: Anderson, Victor, Léo, Christhian Edward, Edward Messi, Letícia e Elzinha.

Aos amigos e colegas: Allan Diego, Walter, Maikon Williams, Kaká, Bruno, Walisson, Márcio, Iago, Maikon Reis, Júlio, Michael, Thais, Dêka, Kaike, Sheila, Day, Letícia, Jandir, Mirian, Alex, Allan Kennedy, Diego, Thiago, Bia, Rafa, Rodrigo, Nielson, Fran, Erika, Elaine, Hugo, Francisco, Ramon, Wesley, Willian e Ruan. As arqueólogas que prezo tanto, Pâmara, Andréia, Samara e RakeL.

Por último, mas não menos importante, a minha índia Elinete (Ely), T. A.??!!

À FAPITEC/SE pela bolsa que viabilizou esta pesquisa.

Com fragmentos vestigiais da pré-história, o arqueólogo contribui na difícil tarefa de resgatar a autoestima coletiva dos sertanejos para edificar com eles o futuro da região Nordeste do Brasil.

Celito Kesting

RESUMO

Pesquisas atuais sobre registros gráficos pré-históricos têm recebido relativa atenção em todo o território brasileiro. Nota-se uma expressiva dedicação na região nordestina desde a década de 1970 por missões franco-brasileiras e por outros pesquisadores nela erradicados. A Área Arqueológica de Sobradinho, região Noroeste da Bahia, limítrofe entre o Médio e o Submédio São Francisco, mostra-se propícia para a pesquisa arqueológica em decorrência do grande número de sítios que nela vêm sendo identificados. Na fase atual dos estudos, limita-se, ao norte, com a fronteira da Bahia com o Piauí; a leste com a fronteira da Bahia com Pernambuco e com o talvegue do Rio Salitre; ao sul, com a coordenada UTMN 8700 e, a oeste, com a UTMS 100. Faz parte do polígono das secas da região Nordeste. Situa-se a 70 km ao sul do Parque Nacional Serra da Capivara. Na área em apreço busca-se identificar as fronteiras da Subtradição Sobradinho que se caracteriza pela dominância da temática que apresenta traços contínuos, em diagonal ascendente e descendente, quando horizontais, ou da esquerda para a direita e vice-versa, quando verticais. O universo gráfico da Subtradição Sobradinho encontra-se, predominantemente, em suportes de rochas da Chapada Diamantina, Formação Tombador. Pela contiguidade e pela semelhança das feições da presente pesquisa com a unidade onde essa subtradição foi identificada, formula-se a hipótese de que seus conjuntos gráficos pertençam à mesma subtradição. Acredita-se, que seu espaço geográfico abrange a área compreendida entre o Rio São Francisco, ao norte, o Riacho Tatauí, a leste, o Riacho do Bonsucesso e Riacho da Pitombeira ao Sul e o Riacho da Samambaia a oeste.

Palavras-chave: Pintura rupestre. Temática dominante. Subtradição Sobradinho. Sobradinho – BA. Sento Sé – BA.

ROCK PICTURES: THE DEFINITION OF SUB-TRADITION'S BORDERS SOBRADINHO – BA

ABSTRACT

Current researches on prehistoric graphic records have received attention on throughout the Brazilian territory. It shows a significant commitment in the Northeast since the 1970s by Franco-Brazilian missions and by other researchers eradicated it. The Archaeological Area of Sobradinho Northwest region of Bahia, boundary between the Middle and Lower Basin San Francisco shows up a rich area for archaeological research due to the large number of sites that have been identified in it. In the current phase of the study is limited in the north, with the border between *Bahia* and *Piauí*, with the east boundary of Bahia and Pernambuco and the thalweg *Salitre* River, to the south, with the coordinated UTMN 8700 and on the west with the UTMS 100. It is part of the polygon of droughts in the Northeast. It lies 70 km south of the National Park *Serra da Capivara*. In the area in question seeks to identify the boundaries of Subtradição Sobradinho characterized by the dominance of the theme that presents solid lines, diagonally upward and downward when horizontal, or from left to right and vice versa, when vertical. The graphic universe of Subtradição Sobradinho lies predominantly in brackets rocks of the *Chapada Diamantina*, *Formação Tombador*. By contiguity and the similarity of the features of this research unit where this subtradição was identified, formulates the hypothesis that their graphic sets belong to the same subtradição. It is believed that his geographic area covers the area between the *São Francisco* River, to the north, the *Tatauí* Stream to the east, the *Bonsucesso e Pitombeira* Stream to the south and *Samambaia* Stream to the west.

Keywords: Rock pictures. Dominant thematic. *Sobradinho* Sub-tradition. *Sobradinho* - BA. *Sento Sé* – BA.

LISTA DE TABELAS

	Pág.
TABELA 1 – FEIÇÕES DE RELEVO COM PINTURAS RUPESTRES	88
TABELA 2 – CLASSIFICAÇÃO DAS PINTURAS COM BASE NO RECONHECIMENTO	102
TABELA 3 – FIGURAS CONHECÍVEIS RECORRENTES	105
TABELA 4 – FIGURAS RECONHECÍVEIS RECORRENTES	112
TABELA 5 – RELAÇÃO DAS FIGURAS NÃO RECORRENTES	133

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Pág.

FIGURA 1 – FOTO ORIGINAL DE UM PAINEL DE PINTURA RUPESTRE	57
FIGURA 2 – A MESMA FOTO, APÓS O TRABALHO FEITO COM O SOFTWARE DSTRETCH	57
FIGURA 3 – UNIDADE DE PESQUISA, NO MUNICÍPIO DE SENTO SÉ - BA	60
FIGURA 4 – VEGETAÇÃO TÍPICA DA UNIDADE DE PESQUISA	63
FIGURA 5 – VISTA GERAL DA VEGETAÇÃO DA CAATINGA NA UNIDADE DE PESQUISA	63
FIGURA 6 – BANANEIRAS CULTIVADAS NO BOQUEIRÃO DA SERRA DA CAIXA	64
FIGURA 7 – VISTA PARCIAL DO SERROTE DO PAU FERRO	66
FIGURA 8 – VISTA PARCIAL DO BOQUEIRÃO DO RIACHO DAS TRAÍRAS	66
FIGURA 9 – VISTA PARCIAL DA GROTA DE SÃO JOSÉ	67
FIGURA 10 - ESBOÇO GEOLÓGICO COM A DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL DAS FEIÇÕES DE RELEVO COM SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS	72
FIGURA 11 – VISTA PARCIAL DO BOQUEIRÃO DA PEDRA BRANCA	73
FIGURA 12 – VISTA PARCIAL DO BOQUEIRÃO DAS TRAÍRAS	74
FIGURA 13 – VISTA PARCIAL DO BOQUEIRÃO DE SÃO JOSÉ	74
FIGURA 14 – VISTA PARCIAL DO BOQUEIRÃO DO RIACHO DO BONSUCCESSO	75
FIGURA 15 – VISTA PARCIAL DO BOQUEIRÃO DA SERRA DA CAIXA	75
FIGURA 16 – VISTA PARCIAL DO BOQUEIRÃO DO RIACHO DE SÃO PEDRO	76
FIGURA 17 – VISTA PARCIAL DO BOQUEIRÃO DA RESIDÊNCIA	76
FIGURA 18 – DISSECAÇÃO FLUVIAL NO BOQUEIRÃO DO RIACHO DAS TRAÍRAS	77
FIGURA 19 – EROSÕES FEITAS PELO RIACHO DO BONSUCCESSO	77
FIGURA 20 – VISTA PARCIAL DA GROTA DE SÃO JOSÉ	78
FIGURA 21 – VISTA PARCIAL DO SERROTE DE SÃO JOÃO	78

FIGURA 22 – VISTA PARCIAL DO SERROTE DO CALDEIRÃO DO MANEZINHO	79
FIGURA 23 – VISTA PARCIAL DO SERROTE DO CALDEIRÃO DA TIRIRICA	79
FIGURA 24 – VISTA PARCIAL DO SERROTE DO PAU FERRO	80
FIGURA 25 – ARTEFATO DA INDÚSTRIA LÍTICA, NO SERROTE DO CALDEIRÃO DO MANEZINHO	81
FIGURA 26 – FRAGMENTO DE UMA BASE DE PILÃO, JUNTO AO POVOADO DE TRAÍRAS	81
FIGURA 27 – BASE DE PILÃO, NO SERROTE DO CALDEIRÃO DA TIRIRICA ...	82
FIGURA 28 – BASE FIXA DE PILÃO, NO BOQUEIRÃO DO RIACHO DAS TRAÍRAS	82
FIGURA 29 – BASE FIXA DE PILÃO, NO BOQUEIRÃO DO RIACHO DO BONSUCESSO	83
FIGURA 30 – BASE FIXA DE PILÃO NO SERROTE DE SÃO JOÃO	83
FIGURA 31 – GRAVURA RUPESTRE, NO BOQUEIRÃO DA SERRA DA CAIXA	85
FIGURA 32 – GRAVURA RUPESTRE, NO BOQUEIRÃO DA SERRA DA CAIXA	85
FIGURA 33 – GRAVURA RUPESTRE, NO BOQUEIRÃO DA SERRA DA CAIXA	86
FIGURA 34 – RUÍNA DA SEDE DA FAZENDA, JUNTO À GROTA DE SÃO JOSÉ	87
FIGURA 35 – VESTÍGIOS DE UMA CASA DE FARINHA, JUNTO À GROTA DE SÃO JOSÉ	87
FIGURA 36 – ESTRUTURA DE GARIMPO, JUNTO À ESCARPA DA SERRA GRANDE	88
FIGURA 37 – PARQUE EÓLICO DA SERRA DO OLHO D'ÁGUA	89
FIGURA 38 – PARQUE EÓLICO DE SOBRADINHO	90
FIGURA 39 – REJEITOS DESPEJADOS NA ENCOSTA DA SERRA DO OLHO D'ÁGUA	91
FIGURA 40 – PICHAÇÕES EM DIFERENTES CORES, NO BOQUEIRÃO DO RIACHO DE S. PEDRO	94

FIGURA 41 – PICHAÇÃO EM TINTA VERMELHA, NO BOQUEIRÃO DA SERRA DA CAIXA	94
FIGURA 42 – ESCARPAS CHAMUSCADAS, NO BOQUEIRÃO DO RIACHO DAS TRAÍRAS	95
FIGURA 43 – ESCARPAS CHAMUSCADAS, NO BOQUEIRÃO DO RIACHO DAS TRAÍRAS	95
FIGURA 44 – PAINEL DE PINTURA, EXPOSTO AO SOL, AO VENTO E À CHUVA.....	96
FIGURA 45 – VEGETAÇÃO QUE CRESCE NAS FISSURAS DOS SUPORTES ...	96
FIGURA 46 – MINERAIS DE COR BRANCA COBREM PAINÉIS DE PINTURA RUPESTRE	98
FIGURA 47 – CASA DE MARIA POBRE SOBRE PAINEL DE PINTURA RUPESTRE	99
FIGURA 48 – PINTURAS RUPESTRES DESGASTADAS POR SAIS E POR DESPLACAMENTO	99
FIGURA 49 - GRÁFICO REFERENTE AO RECONHECIMENTO DAS PINTURAS	103
FIGURA 50 – GRÁFICO REFERENTE À RECORRÊNCIA TEMÁTICA DAS FIGURAS CONHECÍVEIS	106
FIGURA 51 – RECORRÊNCIA TEMÁTICA – RT – 01 (ANTROPOMORFO DE BRAÇOS ERGUIDOS)	106
FIGURA 52 – RECORRÊNCIA TEMÁTICA – RT – 02 (ANTROPOMORFO DE BRAÇOS FLETIDOS)	107
FIGURA 53 – RECORRÊNCIA TEMÁTICA – RT – 03 (ANTROPOMORFO DE BRAÇOS ABERTOS)	107
FIGURA 54 – RECORRÊNCIA TEMÁTICA – RT – 04 (ANTROPOMORFO MINIATURAL REDONDO)	108
FIGURA 55 – RECORRÊNCIA TEMÁTICA – RT – 05 (PÁSSARO DE ASAS FECHADAS)	108
FIGURA 56 – RECORRÊNCIA TEMÁTICA – RT – 07 (PÁSSARO DE ASAS ABERTAS)	109
FIGURA 57 – RECORRÊNCIA TEMÁTICA – RT – 08 (MÃOS).....	109
FIGURA 58 – RECORRÊNCIA TEMÁTICA – RT – 09 (LAGARTO)	110

FIGURA 59 – RECORRÊNCIA TEMÁTICA – RT – 10 (MAMÍFERO)	110
FIGURA 60 – RECORRÊNCIA TEMÁTICA – RT – 11 (QUELÔNIO)	111
FIGURA 61 – RECORRÊNCIA TEMÁTICA – RT – X (ANTROPOMORFO COM UM BRAÇO ERGUIDO E OUTRO FLETIDO)	111
FIGURA 62 – TEMÁTICAS NÃO RECORRENTES – NR-05 E NR-06	112
FIGURA 63 – GRÁFICO REFERENTE À RECORRÊNCIA TEMÁTICA DAS FIGURAS RECONHECÍVEIS	114
FIGURA 64 – RECORRÊNCIA TEMÁTICA – RT – 12	115
FIGURA 65 – RECORRÊNCIA TEMÁTICA – RT – 13	115
FIGURA 66 – RECORRÊNCIA TEMÁTICA – RT – 14	116
FIGURA 67 – RECORRÊNCIA TEMÁTICA – RT – 15	116
FIGURA 68 – RECORRÊNCIA TEMÁTICA – RT – 16	116
FIGURA 69 – RECORRÊNCIA TEMÁTICA – RT – 17	117
FIGURA 70 – RECORRÊNCIA TEMÁTICA – RT – 18	117
FIGURA 71 – RECORRÊNCIA TEMÁTICA – RT – 19	117
FIGURA 72 – RECORRÊNCIA TEMÁTICA – RT – 20	118
FIGURA 73 – RECORRÊNCIA TEMÁTICA – RT – 21	118
FIGURA 74 – RECORRÊNCIA TEMÁTICA – RT – 22	118
FIGURA 75 – RECORRÊNCIA TEMÁTICA – RT – 24	119
FIGURA 76 – RECORRÊNCIA TEMÁTICA – RT – 25	119
FIGURA 77 – RECORRÊNCIA TEMÁTICA – RT – 26	119
FIGURA 78 – RECORRÊNCIA TEMÁTICA – RT – 27	120
FIGURA 79 – RECORRÊNCIA TEMÁTICA – RT – 28	120
FIGURA 80 – RECORRÊNCIA TEMÁTICA – RT – 30	120
FIGURA 81 – RECORRÊNCIA TEMÁTICA – RT – 31	121
FIGURA 82 – RECORRÊNCIA TEMÁTICA – RT – 32	121
FIGURA 83 – RECORRÊNCIA TEMÁTICA – RT – 34	121
FIGURA 84 – RECORRÊNCIA TEMÁTICA – RT – 35	122
FIGURA 85 – RECORRÊNCIA TEMÁTICA – RT – 36	122
FIGURA 86 – RECORRÊNCIA TEMÁTICA – RT – 37	122
FIGURA 87 – RECORRÊNCIA TEMÁTICA – RT – 38	123
FIGURA 88 – RECORRÊNCIA TEMÁTICA – RT – 39	123
FIGURA 89 – RECORRÊNCIA TEMÁTICA – RT – 40	123

FIGURA 90 – RECORRÊNCIA TEMÁTICA – RT – 42	124
FIGURA 91 – RECORRÊNCIA TEMÁTICA – RT – 43	124
FIGURA 92 – RECORRÊNCIA TEMÁTICA – RT – 45	124
FIGURA 93 – RECORRÊNCIA TEMÁTICA – RT – 46	125
FIGURA 94 – RECORRÊNCIA TEMÁTICA – RT – 47	125
FIGURA 95 – RECORRÊNCIA TEMÁTICA – RT – 48	125
FIGURA 96 – RECORRÊNCIA TEMÁTICA – RT – 49	126
FIGURA 97 – RECORRÊNCIA TEMÁTICA – RT – 52	126
FIGURA 98 – RECORRÊNCIA TEMÁTICA – RT – 53	126
FIGURA 99 – RECORRÊNCIA TEMÁTICA – RT – 54	127
FIGURA 100 – RECORRÊNCIA TEMÁTICA – RT – 55	127
FIGURA 101 – RECORRÊNCIA TEMÁTICA – RT – 56	127
FIGURA 102 – RECORRÊNCIA TEMÁTICA – RT – 59	128
FIGURA 103 – RECORRÊNCIA TEMÁTICA – RT – 61	128
FIGURA 104 – RECORRÊNCIA TEMÁTICA – RT – 62	128
FIGURA 105 – RECORRÊNCIA TEMÁTICA – RT – 63	129
FIGURA 106 – RECORRÊNCIA TEMÁTICA – RT – 64	129
FIGURA 107 – RECORRÊNCIA TEMÁTICA – RT – 65	129
FIGURA 108 – RECORRÊNCIA TEMÁTICA – RT – 69	130
FIGURA 109 – RECORRÊNCIA TEMÁTICA – RT – 70	130
FIGURA 110 – RECORRÊNCIA TEMÁTICA – RT – 71	130
FIGURA 111 – RECORRÊNCIA TEMÁTICA – RT – 72	131
FIGURA 112 – RECORRÊNCIA TEMÁTICA – RT – 73	131
FIGURA 113 – RECORRÊNCIA TEMÁTICA – RT – 74	131
FIGURA 114 – RECORRÊNCIA TEMÁTICA – RT – 75	132
FIGURA 115 – RECORRÊNCIA TEMÁTICA – RT – 76	132
FIGURA 116 – RECORRÊNCIA TEMÁTICA – RT – 77	132
FIGURA 117 – RECORRÊNCIA TEMÁTICA – RT – 78	133
FIGURA 118 – TEMÁTICAS NÃO RECORRENTES – NR-41 E NR-42	134
FIGURA 119 – TEMÁTICAS NÃO RECORRENTES – NR-43	134
FIGURA 120 – TEMÁTICAS NÃO RECORRENTES – NR-44 E NR-45	135
FIGURA 121 – TEMÁTICAS NÃO RECORRENTES – NR-46 E NR-47	135
FIGURA 122 – TEMÁTICAS NÃO RECORRENTES – NR-48 E NR-49	135

FIGURA 123 – TEMÁTICAS NÃO RECORRENTES – NR-50 E NR-51	136
FIGURA 124 – TEMÁTICAS NÃO RECORRENTES – NR-52 E NR-53	136
FIGURA 125 – TEMÁTICAS NÃO RECORRENTES – NR-54, NR-55 E NR-56 ...	136
FIGURA 126 – MAPA DE DISTRIBUIÇÃO DA SUBTRADIÇÃO SOBRADINHO, HIPÓTESE DA PESQUISA	140
FIGURA 127 – MAPA DE DISTRIBUIÇÃO DA SUBTRADIÇÃO SOBRADINHO, PROPOSIÇÃO ATUAL DA PESQUISA	140

SUMÁRIO

	Pág.
AGRADECIMENTOS	07
RESUMO	11
ABSTRACT	12
LISTA DE TABELAS	13
LISTA DE ILUSTRAÇÕES	14
1 INTRODUÇÃO	22
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA (REVISÃO DA LITERATURA)	29
2.1 PESQUISAS EM PINTURA RUPESTRE NO BRASIL	29
2.2 PESQUISAS EM PINTURA RUPESTRE NO NORDESTE DO BRASIL	31
2.3 PESQUISAS EM PINTURA RUPESTRE NA ÁREA ARQUEOLÓGICA DE SOBRADINHO – BA	35
2.4 CLASSIFICAÇÃO: TRADIÇÃO E SUBTRADIÇÃO	41
2.4.1 Tradição Nordeste	45
2.4.2 Tradição Agreste	45
2.4.3 Tradição Geométrica	46
2.4.4 Tradição São Francisco	46
2.4.5 Tradição Astronômica	47
2.5 CONSIDERANDOS SOBRE AS TRADIÇÕES ESTABELECIDAS.....	47
3 METODOLOGIA E PROCEDIMENTOS OPERACIONAIS	50
3.1 MÉTODO QUANTITATIVO E QUALITATIVO	51
3.2 PROCEDIMENTOS OPERACIONAIS	54
4 A SUBTRADIÇÃO SOBRADINHO	59
4.1 UNIDADE DE PESQUISA	60
4.1.1 Clima	61

4.1.2	Solos	61
4.1.3	Vegetação	62
4.1.4	Relevo	65
4.1.5	Recursos hídricos	67
4.1.6	Geologia	68
4.1.7	Geomorfologia	73
4.1.8	Vestígios arqueológicos	80
4.1.9	Exploração econômica atual	89
4.1.10	Estado de conservação das pinturas	93
5	ANÁLISE DAS PINTURAS RUPESTRES E RESULTADOS	102
5.1	ESTRUTURA DOMINANTE (COGNOSCIBILIDADE)	102
5.2	TEMÁTICA	103
5.2.1	Figuras conhecíveis	104
	5.2.1.1 Figuras conhecíveis recorrentes	104
	5.2.1.2 Figuras conhecíveis não recorrentes	112
5.2.2	Figuras reconhecíveis	112
	5.2.2.1 Figuras reconhecíveis recorrentes (RT)	112
	5.2.2.2 Figuras reconhecíveis não recorrentes (NR)	133
5.3	DISCUSSÃO	137
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	141
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	143
	ANEXO	149

1 INTRODUÇÃO

A partir da década de 1960, com os trabalhos do Programa Nacional de Pesquisa Arqueológica - PRONAPA¹, a Arqueologia começou a ser desenvolvida de maneira sistemática em todo o território brasileiro. Nesse período, obteve-se grande diversidade de dados arqueológicos que ficaram sob custódia de instituições de pesquisa e/ou expostos em museus.

Atualmente, a pesquisa arqueológica centra-se na identificação, caracterização e divulgação do patrimônio material e imaterial, rico e diversificado, concomitante com o incentivo para que a população sinta-se herdeira e responsável pela sua conservação. Desenvolve-se, assim, uma relação de pertencimento nas comunidades próximas aos sítios arqueológicos.

A Arqueologia evidencia a cultura material deixada pelas populações passadas. Contribui, assim, para a valorização de artefatos que foram feitos, utilizados e/ ou reutilizados e dos quais restaram apenas fragmentos. Esses vestígios podem estar ligados a um passado longínquo ou relacionados com populações relativamente recentes. Ao serem analisados, sob a luz de diferentes vieses teóricos e metodológicos e de maneira sistemática, possibilitam uma inter-relação amistosa com elementos da memória, tanto dos pesquisadores envolvidos no processo, quanto da população que entra em contato com esses estudos (BRUNO, 2006).

Há artefatos como fragmentos ósseos, cerâmicos, carvões e ferramentas líticas que, para serem pesquisados, precisam ser retirados do contexto ambiental em que estão inseridos. Diferentemente, as pinturas e as gravuras rupestres, permanecem em seus contextos. Segregam-se suas unidades e painéis, para estudos em laboratório, pelo artifício de tomadas fotográficas. As fotografias são uma espécie de réplicas do patrimônio que se mantém nos sítios. Elas contêm, assim como os demais vestígios, informações sobre as levas de grupos que ocuparam e interagiram com um referido ambiente.

¹ O Programa Nacional de Pesquisa Arqueológica - PRONAPA desenvolveu-se na década de 1950 e 1960. Tinha como objetivo básico caracterizar, através de um mapeamento, as diferentes zonas de ocupação do território brasileiro (PROUS, 1992).

Para este trabalho, adotam-se os termos **registro** ou **grafismo rupestre**, ao invés, de arte rupestre. Consideram-se as pinturas e as gravuras como partes de um sistema de comunicação pré-histórico, carregadas de informações antropológicas. Não se menospreza, contudo, sua representação estética (PROUS, 1992; RIBEIRO, 2006; KESTERING, 2007; MARTIN, 2008). Privilegia-se o reconhecimento de atributos caracterizadores de identidades pré-históricas e de possíveis relações com remanescentes das etnias indígenas das quais se têm informações fragmentadas. Por isso, tem-se grande preocupação com o rigor nas análises para que as proposições dela decorrentes tenham consistência científica.

O interesse pelo rigor científico começou a se manifestar e a legitimar-se a partir da década de 1964, quando foram levadas a cabo diversas pesquisas sobre vestígios gráficos (Rohr e Piazza, em Santa Catarina, 1966; Mentz-Ribeiro, no Rio Grande do Sul, 1965; Aytai, em São Paulo, 1965; Blasi, no Paraná, 1967/1968). Desenvolveram-se diversas abordagens metodológicas que viabilizaram a superação da fase descritiva e de mapeamento para a busca de explicações desses artefatos (SCHMITZ, 1973; MARTIN, 1980).

Antes da década de 1960, tentava-se compreender essas manifestações como manifestações recentes. Alguns pesquisadores como Schwennhagen (1928) atribuíam a civilizações há muito desaparecidas, como egípcios, fenícios ou mesopotâmicos. Acreditava-se que esses vestígios tinham sido realizados pelos índios com os quais os primeiros colonizadores mantiveram contatos. Por isso eles não despertavam tanto interesse para os pesquisadores quanto outras classes de vestígios materiais, considerados mais antigos do ponto de vista cronológico (PROUS, 1992; RIBEIRO, 2006; MARTIM, 2008).

Esse patrimônio começou a ser identificado e valorizado, nas décadas de 1970 e 1980, com as pesquisas arqueológicas de cunho acadêmico, feitas por participantes de missões científicas em Minas Gerais, Piauí, Goiás e outras regiões do Brasil. Nessa época, constatou-se a presença humana em períodos relativamente antigos, ampliando, assim, os estudos arqueológicos, em todo o território brasileiro. Descobriu-se, com isso, uma grande quantidade de sítios com pinturas e gravuras rupestres, permitindo assim que estudos comparativos e contextualizados fossem realizados (PESSIS, 1992, MARTIN, 2008).

O estudo dos registros gráficos isolados pouco contribui para a ampliação de dados e informações sobre seus autores. É importante a relação dos mesmos com o contexto. A análise ambiental ligada à geologia e à geomorfologia permite a identificação de elementos explicativos para o surgimento e/ou desaparecimento de atributos da identidade dos seus autores (KESTERING, 2001/2007).

Assim, compreende-se a necessidade de ampliar os estudos em pintura rupestre, não apenas em áreas cujo potencial já vem sendo pesquisado há anos, como no caso do Parque Nacional Serra da Capivara, mas também em novas áreas, como o Vale do São Francisco, em especial o Médio e Submédio. Ali, vem sendo identificado um número significativo de vestígios arqueológicos em 139 feições de relevo quais sejam, boqueirões, grotas, terraços fluviais recentes e antigos.

Esta pesquisa de dissertação surgiu, inicialmente, como parte do Projeto de Identificação dos Grupos Pré-Históricos que habitaram a região do Médio e Submédio São Francisco, especificamente na Área Arqueológica de Sobradinho – BA. Em trabalhos anteriores realizados na área de abrangência do Lago de Sobradinho, foi identificada uma quantidade expressiva de sítios arqueológicos de diferentes naturezas. Entre eles havia alguns com pinturas rupestres pré-históricas. Os mesmos foram cadastrados de maneira preliminar na década de 1970, durante a execução do Projeto Sobradinho de Salvamento Arqueológico, quando da construção da hidroelétrica de Sobradinho que objetivava gerar energia para toda a região.

Somente a partir de 2001, estudos sistemáticos nessa categoria de vestígios foram levados a cabo. Esses trabalhos realizados no Boqueirão do Riacho São Gonçalo (2001), por Kesting e no Boqueirão do Brejo de Dentro (2005) por Luso, permitiram que dados sobre o perfil gráfico dessas manifestações pictográficas fossem reconhecidos. Nessas pesquisas levou-se em consideração o universo gráfico pintado e sua relação com o ambiente. Por serem preliminares, elas não permitiram que se fizessem proposições referentes à sua autoria e à sua posição cronológica.

Em trabalhos posteriores, novas informações foram somadas às anteriores, permitindo a ampliação dos dados acerca do universo vestigial da região, no que

tange as manifestações rupestres². Essas pesquisas permitiram filiar hipoteticamente os grafismos pintados à Tradição São Francisco. Em parte substancial desses trabalhos, constatou-se dominância de pinturas da Subtradição Sobradinho³. Segundo Kesting (2007, p. 132), a Subtradição Sobradinho é caracterizada pela presença de grafismos cuja temática dominante apresenta “traços contínuos, em diagonal ascendente e descendente, quando horizontais, ou da esquerda para a direita e vice-versa, quando verticais”. Segundo o mesmo pesquisador, o universo gráfico da Subtradição Sobradinho encontra-se, predominantemente, em suportes de rochas da Chapada Diamantina, Formação Tombador⁴.

Nesta pesquisa, objetiva-se identificar o padrão de reconhecimento e a temática dominante das pinturas, presentes em 60 sítios arqueológicos de 12 feições de relevo, para propor os limites atuais do território onde domina a temática que caracteriza a Subtradição Sobradinho. Uma subtradição também se caracteriza como parte de um perfil gráfico. Para reconhecê-lo é necessário que se identifiquem dominâncias, estruturas, temáticas e a técnicas.

Afere-se a dominância estrutural pelo parâmetro da cognoscibilidade. Por esse parâmetro divide-se o universo de registros rupestres de uma pesquisa em figuras conhecíveis, reconhecíveis e irreconhecíveis. Figuras conhecíveis são aquelas que o pesquisador pode identificar como unidades gráficas, no momento em que as descobre, relacionando-as com algo que faz parte do seu mundo conhecido. Elas são facilmente identificadas porque representam componentes essenciais de elementos do mundo sensível. Para a identificação de figuras reconhecíveis, que não representam realidades conhecidas, considera-se unidade gráfica um signo ou todo o conjunto de signos e espaços vazios de um painel, enquanto não são identificadas representações semelhantes em outros painéis. Elas são, por isso, reconhecidas nas recorrências.

² Kesting (2007, 2009, 2010, 2011 e 2012); Lima Filho (2010); Ribeiro (2010); Reis (2010); Santos (2010); Alves (2012); Reis (2012); Duarte (2012).

³ Lima Filho (2010), Alves (2012); Reis (2012); Duarte (2012).

⁴ Segundo Angelim (1997, p. 31), caracteriza-se o conjunto de rochas da **Formação Tombador** como “arenitos parcialmente silicificados, finos a médios, com estratificações cruzadas de grande porte; arenitos médios a grosseiros e conglomeráticos com estratificações cruzadas tabulares, acanaladas e festonadas; conglomerados desorganizados, eventualmente polimíticos, basais.

Pelo critério da temática, identificam-se as preferências nas formas que os autores de uma determinada sociedade utilizam para representar realidades (PESSIS, 1992).

Temática é o germe a partir do qual pode-se desenvolver diferentes composições para representar realidades. As realidades representadas podem pertencer ao mundo imaginário ou material. Não se pode interpretá-las, porque não se dispõe do código de interpretação dos autores. Seu reconhecimento, porém, é possível na peculiaridade das formas. Identifica-se a sua ocorrência ou recorrência, assim como se pode, sem conhecimento de teoria musical, reconhecer diferentes formas e agenciamentos das notas que definem as temáticas musicais. As temáticas dos grafismos conhecíveis caracterizam-se pela representação de expressões corporais ou atributos de identidade, como ornamentação, forma e tamanho. Nos grafismos reconhecíveis, caracterizam-se pela presença de elementos básicos da geometria descritiva e seu agenciamento nas unidades gráficas (KESTERING, 2007).

Esta pesquisa tem a finalidade de identificar a estrutura e a temática dominante nas pinturas rupestres localizadas em parte da Área Arqueológica de Sobradinho – BA. Pretende-se identificar os limites da Subtradição Sobradinho e filiar, hipoteticamente, as pinturas da unidade de pesquisa a uma Tradição, provavelmente a São Francisco, por seu amplo registro em todo o vale.

As 12 feições de relevo (boqueirões, grotas, caldeirões e serrotes), com um universo de 60 sítios arqueológicos, dos quais 43 apresentam grafismos rupestres, estão distribuídas na seguinte ordem: 1. Boqueirão da Pedra Branca – 137 (1 sítio); 2. Boqueirão do Riacho das Traíras – 004 (13 sítios); 3. Boqueirão de São José – 020 (2 sítios); 4. Grotas de São José – 021 (3 sítios); 5. Boqueirão do Riacho do Bonsucesso – 005 (9 sítios), 6. Serrote de São João – 007 (9 sítios); 7. Boqueirão da Serra da Caixa – 008 (6 sítios); 8. Boqueirão do Riacho de São Pedro – 009 (2 sítios); 9. Serrote do Caldeirão do Manezinho – 168 (3 sítios); 10. Serrote do Caldeirão da Tiririca – 010 (8 sítios); 11. Serrote do Pau Ferro – 169 (2 sítios) e 12. Boqueirão da Residência – 012 (2 sítios).

Embora não seja o foco da pesquisa em apreço, é importante frisar que os trabalhos relacionados às pinturas rupestres das unidades geomorfológicas e dos referidos sítios tem como finalidade a preservação de um patrimônio que aos poucos vem desaparecendo devido a uma série de fatores de ordem natural, biológica e antrópica. Esses sítios estão muito deteriorados pela presença de microorganismos

que estão desgastando tanto os painéis quanto os suportes que abrigam os mesmos. Há um desgaste acelerado de muitas das rochas. Ocorrem, ainda, insetos, raízes de plantas fixas nos suportes, exposição à chuva, ao vento ao sol e também ao fator humano. Entende-se que são necessárias medidas de registro e de estudo. É necessário, também, um trabalho preventivo nas áreas analisadas, mesmo que este aconteça em pesquisas posteriores, para que se registre esse patrimônio arqueológico rico e diversificado, antes que o mesmo se deteriore e desapareça por completo.

Inicia-se esta pesquisa com a hipótese de que as pinturas rupestres da maior parte da unidade de pesquisa pertencem à Subtradição Sobradinho. Fundamenta-se pela proximidade geográfica onde os elementos característicos da mesma, foram definidos. Trabalha-se, também, a hipótese de que os limites da Subtradição Sobradinho sejam: O Rio São Francisco, ao norte; o Riacho Tatauí, a leste; o Riacho do Bonsucesso e o Riacho da Pitombeira, ao sul e o Riacho da Samambaia a oeste.

Justifica-se a pesquisa em apreço, porque se pretende ampliar o quadro de atributos da identidade dos grupos pré-históricos que ocuparam a região, numa tentativa de reconhecer relações culturais filogenéticas com as populações atuais que, por atavismo, continuam residindo junto às feições de relevo. Quer-se tornar conhecido o patrimônio cultural que herdaram para iniciar um trabalho de educação popular com o intuito de fomentar a preservação de um patrimônio que aos poucos vem desaparecendo devido a uma série de fatores de ordem natural, biológica e antrópica. Quer-se levantar dados que fomentem pesquisas posteriores que situem os grafismos no espaço e no tempo. Pretende-se, ainda, criar e enriquecer um banco de dados cadastrais e fotográficos que será mantido em laboratório com o objetivo de preservar informações sobre a pré-história dessa região.

A pesquisa gerará informações para a realização de inferências hipotéticas sobre a autoria de grupos pretéritos e sentimentos de pertencimento dos grupos atuais. Frisa-se que as pesquisas no Vale do São Francisco têm demonstrado que se trata de uma área ocupada por grupos pré-históricos desde o final do Pleistoceno até períodos recentes do Holoceno (MARTIM, 2008; KESTERING, 2007).

No capítulo 1, fazem-se algumas considerações acerca das classificações tradicionais. Apresenta-se um breve histórico das pesquisas sobre grafismos rupestres no Brasil. Abordam-se os principais trabalhos dessa natureza, realizados no Nordeste e na Área Arqueológica de Sobradinho – BA. Discutem-se os métodos, quantitativo e qualitativo, aplicados nesta pesquisa e apresentam-se os procedimentos operacionais utilizados na sua realização.

No capítulo 2, apresentam-se referências ligadas à geologia, a geomorfologia e ao contexto arqueológico da unidade de pesquisa. Apresentam-se, ainda, observações acerca do estado de conservação dos vestígios e informações sobre as feições de relevo onde eles se encontram.

No capítulo 3, procura-se identificar a estrutura dominante (cognoscibilidade) e a temática dominante no universo das pinturas rupestres dos sítios da unidade de pesquisa. Apresentam-se os resultados em tabelas e gráficos para uma melhor sistematização e visualização.

Na discussão e nas considerações finais, analisam-se os resultados e definem-se os prováveis limites da Subtradição Sobradinho. Realiza-se, ainda, uma breve reflexão, com proposições referentes ao tema proposto e ao prosseguimento das pesquisas arqueológicas na região.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA (REVISÃO DA LITERATURA)

2.1 PESQUISAS EM PINTURA RUPESTRE NO BRASIL

Ao se considerar a Arqueologia como uma ciência capaz de reconstruir o passado e de propor modelos explicativos para identificar relações filogenéticas das populações pré-históricas com as atuais, deve-se primeiro compreender o seu objeto de estudo. Por ter caráter contextual e interdisciplinar, ela deve dedicar-se ao estudo de objetos factuais que possam fornecer informações consistentes sobre as populações que os produziram (JOHNSON, 2000). Assim como os vestígios líticos, os fragmentos cerâmicos, as estruturas de sepultamento, os ornamentos e outras estruturas, *in situ* ou não, os registros rupestres são parte da cultura material dos grupos pré-históricos. Eles devem, por isso, serem estudados com rigor e dedicação científicos (HODDER, 1994; JOHNSON, 2000).

Existem referências de que, em meados do século XVII, o padre Francisco Telles dedicou-se ao estudo de grafismos rupestres no Brasil. Para ele, esses sinais representariam mapas e indicações de tesouros deixados nas rochas pelos nativos ou pelos holandeses, quando eles ocuparam a região Nordeste. Tentou decifrá-los fazendo analogias com o alfabeto hebraico e o grego. Comparou-os, também, com signos zodiacais (AZEVEDO NETTO, 2001; GASPAR, 2003; RIBEIRO, 2006).

Suas pesquisas permitiram o surgimento de duas correntes interpretativas para a arte rupestre brasileira. A primeira via as pinturas como uma linguagem pré-escrita. A segunda analisava-as como símbolos de planetas, estrelas, constelações, ou quaisquer outros objetos ligados ao espaço (GASPAR, 2003; MARTM, 2008).

No século XIX, discutia-se se esses registros eram mesmo de origem humana, ou se não passavam de processos causados por agentes naturais. No século XX, os registros rupestres ganharam destaque no meio acadêmico. Havia dois grupos definidos. O primeiro defendia o estudo e a valorização das pinturas rupestres porque elas eram uma espécie de pré-escrita incipiente, carregada de significados. Para o segundo grupo, essas manifestações não passavam de caprichos dos nativos do passado. Nada informavam a respeito da vida dos mesmos

e, portanto, não deveriam ser dignas de atenção (AZEVEDO NETTO, 2001; GASPAR, 2003).

Para alguns estudiosos, os grafismos rupestres pertenceriam a civilizações há muito desaparecidas, tais como fenícios ou mesopotâmicos. A sua visão preconceituosa não permitia atribuir a autoria deles aos indígenas. Para eles, as comunidades encontradas no território brasileiro, na época do descobrimento, eram muito atrasadas para comporem esses vestígios. Os mesmos eram considerados incapazes de elaborar desenhos com tamanha simetria e precisão (PROUS, 1992).

Na década de 1960, os antropólogos H. Baldus e J. A. Pereira classificaram pinturas rupestres de Santana da Chapada, adotando critérios relacionados com o estilo e a técnica. Inauguraram, assim, dois métodos básicos e fundamentais para qualquer estudo em pintura rupestre. Depois deles, muitos pesquisadores buscaram adotar teorias e estabelecer parâmetros para o estudo da arte rupestre em diferentes contextos. Destacam-se os trabalhos de Annette Laming-Emperaire, pesquisadora francesa, que demonstrou a existência de regras essenciais seguidas pelos autores na confecção dos grafismos. Sob sua responsabilidade realizaram-se as primeiras datações dos registros gráficos da região de Minas Gerais. Laming-Emperaire buscava inseri-los no contexto pré-histórico regional e nacional (PROUS, 1992; GASPAR, 2003; BAETA, 2011).

As pesquisas arqueológicas ampliaram-se a partir da década de 1970, com as missões Franco-brasileiras, no Estado de Minas Gerais e na região Sudeste do Piauí. A partir da pesquisa e da geração de bancos de dados, Niède Guidon e André Prous sintetizaram os resultados de suas áreas de pesquisa (Parque Nacional Serra da Capivara, Piauí e Lagoa Santa, MG, respectivamente). Esses pesquisadores criaram quadros relativamente completos de referências, com as diferentes manifestações, bem como suas distribuições no território brasileiro (PROUS, 1992; RIBEIRO, 2006).

A identificação de registros rupestres é um forte indício da presença ou da passagem de grupos pré-históricos em uma determinada região. Os mesmos podem ser encontrados em grutas, boqueirões, paredes de abrigos ou em outros tipos de suporte. São produzidos sobre a superfície de rochas que, em muitos casos, não podem ser transportadas. Schmitz *et. al.* (1984) compreende arte rupestre como “as

mais variadas expressões gráficas produzidas em suportes rochosos, do tipo grutas, paredes de abrigos, rochas isoladas ou agrupadas em campo aberto, ou em outro tipo qualquer de suporte”.

2.2 PESQUISAS EM PINTURA RUPESTRE NO NORDESTE DO BRASIL

As primeiras pesquisas sobre pinturas rupestres na região Nordeste do Brasil não tinham contexto arqueológico desvendado. Estavam ligadas, exclusivamente, a descrições. Levavam-se em consideração as características gerais desses grafismos e sua dispersão espacial nos suportes.

Na tentativa de ordenar esses vestígios, Guidon (1989) sugeriu uma classificação preliminar. Os grafismos da região Nordeste do Brasil foram divididos, então, em quatro grupos de registros gráficos. As pinturas foram segregadas em três tradições: Nordeste, Agreste e Geométrica. As gravuras o foram, na tradição Itacoatiara. A respeito desse refinamento Pessis (1992, p. 42) argumenta:

No grupo dos registros rupestres pintados e reconhecíveis, foi possível identificar duas grandes classes caracterizadas pelo tipo de grafismo que as compunham e a proporção em que apareciam. Foi relativamente fácil fazer essa distinção porque, no Nordeste do Brasil, se identificaram duas classes de pinturas reconhecíveis: as pinturas em que as figuras representavam pessoas e animais muito freqüentemente desenvolvendo ações da vida cotidiana e cerimonial, e as pinturas em que as figuras representavam pessoas e animais em posição estática, sem desenvolver nenhuma ação. Os painéis são de figuras acompanhadas de grafismos não reconhecíveis, que possuem uma morfologia que se repete nos diferentes sítios em que este grupo de pinturas é dominante.

Com essa classificação inicial começaram os estudos sistemáticos dos registros rupestres. Pesquisas arqueológicas realizadas nas últimas décadas permitiram desvendar, no Parque Nacional Serra da Capivara, um contexto arqueológico que tem sido importante para os estudos desses vestígios. Este contexto, segundo Pessis (1992), “determinou a necessidade do estabelecimento de parâmetros mais afinados que aqueles utilizados na classificação preliminar”.

A classificação preliminar e o contexto arqueológico desvendado fomentaram o estabelecimento de critérios para o reconhecimento dos registros rupestres e de sua autoria social. Alguns deles apresentam características que permitem relacioná-los com objetos, com animais, com humanos, com plantas e com braços, mãos ou pés. Nesse trabalho, esses grafismos são considerados conhecíveis. Há outros que somente são identificados nas recorrências, por comparação ou por exclusão. A esses, no presente trabalho, considera-se como reconhecíveis. Outros há, ainda que, por perda de partes ou distribuição informe da tinta, não são reconhecíveis. Chama-se a eles de irreconhecíveis.

Ao serem identificados, desde as primeiras décadas deste século, os registros gráficos pré-históricos estiveram sob análise de diferentes abordagens e de pesquisadores com diferentes vieses de reflexão. Assim, duas vertentes principais surgiram no estudo e caracterização desses universos gráficos. Essas abordagens proporcionaram procedimentos analíticos diversificados e foram chamadas, segundo Pessis (1993), de **abordagem clássica** e a **abordagem arqueológica**.

Segundo a autora, a primeira abordagem entende os grafismos rupestres “como um objeto de estudo em si” e a segunda considera-os “como uma fonte de dados da pesquisa em pré-história e, portanto sua análise está estreitamente ligada ao conjunto da pesquisa arqueológica.” Ambas consideram os registros rupestres sob quatro aspectos: cronologias, significados, descrições e interpretações (SANTOS, 2010).

A abordagem clássica dominou o cenário durante muito tempo. Pela diversidade e quantidade de pinturas rupestres descobertas nas mais variadas regiões do Brasil ela permitiu uma série de considerações sobre o significado dessa categoria de vestígios. Essa abordagem valorizava o valor estético das manifestações rupestres e buscava analogias com outros conjuntos espalhados pelas mais variadas regiões do planeta. Pela dificuldade em se estabelecer cronologias para esses vestígios, os pesquisadores desenvolveram categorias comparativas e trabalharam com um universo atemporal. O que levavam em consideração nessas análises era a produção gráfica final observada sem proporem uma escala temporal para essas manifestações. Contudo, observa-se que nessa abordagem clássica havia uma ausência de explicação quanto ao processo de

produção gráfica. Levava-se em consideração apenas análises sincrônicas dos grafismos (PESSIS, 1993).

Pela dificuldade em se interpretar ou posicionar esses vestígios numa escala temporal, as pesquisas encaminhavam-se para descrições exaustivas que proporcionavam acervos de detalhes com desenhos técnicos dos painéis, registros fotográficos e pouco conhecimento de ordem científica. Complementavam-se esses levantamentos com propostas classificatórias de ordem morfológicas tendo como elemento legitimador as similaridades e o grau de complexidade dos grafismos (AZEVEDO NETTO, 2001; RIBEIRO, 2006; ISNARDIS, 2009).

Na tentativa interpretativa, essa abordagem desenvolveu uma quantidade expressiva de propostas explicativas. A parceria com outras ciências do conhecimento como a Antropologia e a Lingüística, por exemplo, permitiram alguns avanços. Segundo Pessis (1993, p. 09),

São contribuições interessantes que possuem em comum o mesmo grau de confiabilidade, onde todas são igualmente possíveis (...) São propostas conjecturais que podem ser úteis na medida em que possam passar ao plano das hipóteses, acompanhadas da explicação dos procedimentos necessários para sua confrontação com os fatos.

Contudo, entende-se que essas contribuições são por si mesmas fragmentárias no que tange ao entendimento da Pré-História. Mesmo pela quantidade de material descritivo e de propostas explicativas proporcionada por essa abordagem, a mesma ainda é bastante limitada quanto ao resgate e à identificação dos grupos realizadores dos registros gráficos, devido à falta de um contexto arqueológico sistematizado. Com isso um novo leque de parâmetros foi aberto para o estudo desses remanescentes rupestres.

No que se refere à abordagem de caráter arqueológico, as pinturas e as gravuras rupestres são compreendidas e analisadas como registros gráficos e atuam como fonte de dados para a pesquisa Pré-histórica em todo o seu universo. Para tal, elas devem ser pesquisadas com o objetivo de fornecer reais contribuições à pesquisa arqueológica. Devem atuar na construção de novos modelos explicativos, na formulação de novas hipóteses e também devem estar associadas a outros vestígios materiais de populações pretéritas para uma melhor contextualização desse referido universo vestigial.

A esse respeito Pessis (1993, p. 13), argumenta:

[A] sistematização dos registros rupestres do Nordeste é um grande empenho para que a mesma seja utilizada como variável arqueológica para a identificação e segregação dos grupos étnicos que viveram e se adaptaram às condições do interior do Nordeste, considerando, também, a variável paleoambiental.

Pessis buscou bases teóricas para fundamentar o seu trabalho e encontrar a metodologia mais adequada para este tipo de pesquisa. Ao longo dos anos, lançou mão de conceitos analíticos para o registro rupestre como tradição, subtradição e estilo que, apesar de já existirem dentro da própria Arqueologia ou áreas afins, ganharam uma conotação mais sistematizada (PESSIS, 1993, *apud* SANTOS, 2010). Dessa forma, seguindo a abordagem arqueológica para o estudo dos registros gráficos, alguns aspectos foram definidos e aplicados a esse universo de pesquisa, no Brasil e especificamente no Nordeste.

O aspecto cronológico leva em conta a dimensão temporal dos registros. Propõem-se cronologias hipotéticas para conjuntos de grafismos. Essa segregação pode ocorrer a partir de parâmetros técnicos, cenográficos, temáticos ou de datação direta. As hipóteses levantadas deverão ser confrontadas em diversos sítios, de forma que se obtenha um grau de confiabilidade (PESSIS, 1993).

O significado é entendido como algo inatingível para o pesquisador. O máximo que se atinge são aproximações conjecturais. Sua interpretação é somente possível pelos próprios autores. Somente eles detêm o código de acesso aos mesmos, para decodificá-los.

No que se refere ao aspecto descritivo, deve-se realizar o cadastro dos sítios de forma fidedigna, evitando termos de cunho subjetivo, contemplando apenas as informações visuais e o contexto em que estão inseridos (PESSIS, 1993).

De acordo com Pessis (1993), é através do significante que se busca chegar ao perfil gráfico por meio da análise temática, técnica e cenográfica, a partir da cronologia hipotética de cada um. Com um perfil gráfico identificado em vários sítios arqueológicos, pode-se chegar ao plano explicativo, com a formulação de proposições de prováveis autorias. Os perfis gráficos apresentam um conjunto de características padronizadas da cultura dos autores. Eles permitem, por isso, associar um dado conjunto de grafismos a uma determinada autoria social. Martin

também compartilha dessa abordagem arqueológica (PESSIS, 1993; MARTIN, 2008).

Os estudos de registros gráficos seguiram diferentes abordagens para análise que permitiram formular hipóteses a respeito das representações gráficas e das intencionalidades dos autores. O Histórico – Culturalismo, por exemplo, continuou dominando as pesquisas por um significativo espaço de tempo. Dos seus pressupostos teóricos originaram-se os conceitos de tradição, subtradição e estilo. Segundo Prous (1992), a adoção desses conceitos parece ser ainda apropriada para organizar o objeto de estudo em questão.

Com o passar do tempo, a abordagem processual ganhou fôlego. Nos estudos rupestres brasileiros isso não foi diferente. A necessidade de relacionar os registros gráficos com o ambiente tornou-se uma marca promissora nas pesquisas. Atualmente observa-se a junção dos dois vieses teóricos para identificação, caracterização e estudo das representações rupestres. É relevante frisar que, atualmente, há pesquisadores que tentam aplicar modelos pós-processuais para identificação de possíveis autorias sociais.

Ainda que se tenha em mente que todos os discursos sobre os eventos do passado são construções do presente, há certo limite para esse tipo de reflexão. Nos estudos dos registros gráficos isso parece ser muito mais difícil de realizar. As pesquisas até o presente momento permitem que se chegue próximo aos autores, mas não dá elementos para se deduzir o que pensavam. Isso de fato só será possível com a junção de outros elementos da cultura material, deixados pelos mesmos.

2.3 PESQUISAS EM PINTURA RUPESTRE NA ÁREA ARQUEOLÓGICA DE SOBRADINHO – BA

Na Área Arqueológica de Sobradinho – BA, os estudos sobre pintura rupestre foram iniciados com o Projeto Sobradinho de Salvamento Arqueológico, na década de 1970, quando se construiu a Hidroelétrica de Sobradinho, que objetivava explorar o potencial energético da região.

O Projeto Sobradinho de Salvamento Arqueológico desenvolveu-se em toda a área de inundação da Barragem, num raio de 4.214 km², bem como na área de segurança e suas adjacências. Considerando que a cultura material da área da represa era importante para a compreensão da vida dos grupos pré-históricos que habitaram a região, o projeto tinha como finalidade identificar, coletar e salvaguardar o patrimônio que desapareceria quando a área fosse inundada (CALDERÓN, 1977).

Apesar do tempo reduzido para as atividades de salvamento, a equipe conseguiu identificar e salvar um número considerável de vestígios arqueológicos. Segundo Kesting (2001, p. 22),

Durante a realização dos trabalhos de campo a equipe de Calderón visitou os locais que poderiam apresentar fragmentos de cerâmica e artefatos da indústria lítica em superfície. Quando identificava vestígios arqueológicos, a equipe realizava a demarcação da área, gerava plantas, fazia o registro fotográfico para coletá-los em seguida. Confirmada a área como local de ocupação, realizava a escavação de algumas sondagens.

Foi durante a realização dessas atividades que se identificaram os primeiros sítios com registros rupestres na região de Sobradinho, caracterizados pela equipe como sítios com arte parietal. A equipe dividia a arte parietal em pictografias e petroglifos. Tanto as pictografias como os petroglifos existentes na área, demonstram as tendências artísticas nas formas de expressão peculiares das populações pré e proto-históricas da região, em termos de forma e cores (CALDERÓN, 1977).

Com o fim dos trabalhos de campo do projeto Sobradinho de Salvamento Arqueológico, nenhuma pesquisa adicional foi realizada na área, até que Kesting (2001) inicia um trabalho de caracterização dos registros gráficos pré-históricos no Boqueirão do Riacho São Gonçalo, cadastrado pela equipe de Valentin Calderón com o código BASF 129. A referida pesquisa culminou com a dissertação de mestrado. Referindo-se aos registros gráficos evidenciados no referido Boqueirão, Kesting (2001, p. 8) afirma:

Trata-se de um conjunto de trinta e um sítios arqueológicos com painéis de pinturas rupestres situado na parte interna de um **cânion** resultante da drenagem de um afluente temporário do Rio São Francisco. A abundância, a diversidade e o número considerável de pinturas rupestres de diferentes horizontes culturais levam a considerar a possibilidade de que essa área arqueológica tenha sido uma zona de passagem de diferentes grupos étnicos pré-históricos.

Para sustentar esta proposição, optou pelo procedimento da contextualização das pinturas. Constatou que, no boqueirão do Riacho São Gonçalo, havia um universo de 109 painéis de pintura rupestre técnica e tematicamente semelhantes a grafismos rupestres realizados no Parque Nacional Serra da Capivara, no Médio São Francisco e na região Agreste dos estados de Pernambuco e da Paraíba. Pela falta de evidências de assentamentos e de cronologias que indicassem períodos de ocupação, os dados obtidos não lhe permitiram inferir sobre a autoria das pinturas.

Até esse momento, pouco se conhecia a respeito dos grupos que habitaram a região de Sobradinho e realizaram as pinturas rupestres. A falta de um contexto arqueológico desvendado fez com que os estudos tomassem como referência cultural apenas os registros rupestres e o ambiente no qual estão inseridos. Necessitava-se ainda de um maior número de dados e informações que fornecessem resultados mais confiáveis e que lhe permitissem atribuir os grafismos da unidade de pesquisa a uma autoria social (KESTERING, 2001).

Na busca pela identificação dos grupos que ocuparam a região, Luso (2005) realizou uma pesquisa no Boqueirão do Brejo de Dentro, junto ao povoado homônimo, no município de Sento Sé – BA, caracterizado pela equipe de Calderón (1977) como um sítio sobre rochas, com pictografias, código BASF 128. Ela afirmou que seria muito difícil reconhecer a identidade de um grupo pré-histórico em uma área restrita como aquela. Disse que, naquele momento, seria necessário adotar parâmetros básicos para caracterizar os grafismos rupestres, o que contribuiria para a identificação de uma autoria social.

Luso constatou que o Boqueirão do Brejo de Dentro não poderia ser caracterizado como um único sítio arqueológico. Nele identificou 16 sítios com pinturas rupestres que apresentavam certa homogeneidade cenográfica, o que lhe permitiu levantar a hipótese de terem sido realizadas por um mesmo grupo pré-histórico que ocupou a região de Sobradinho, durante um período relativamente longo (LUSO, 2005).

Os trabalhos de Kesting (2001) e de Luso (2005) foram essenciais para a valorização do patrimônio dessa área. No momento atual, busca-se desvendar o contexto arqueológico que permita situar as pinturas rupestres na dimensão

temporal. Em defesa de tese, Kesting (2007) estabeleceu parâmetros básicos para a pesquisa na área. Argumentou que se pode fazer o reconhecimento de atributos de identidades pré-históricas pela identificação de estruturas dominantes, temática e técnica, nas pinturas rupestres.

Com a finalidade de identificar a identidade dos grupos que habitaram a região de Sobradinho, definiu-se uma unidade de pesquisa na margem direita do atual Rio São Francisco. Nela identificou-se 11 feições de relevo com painéis de pintura rupestre em bom estado de conservação. Para o estabelecimento de cronologias buscou-se observar elementos da paisagem para relacioná-los com os vestígios da cultura material.

Buscando nas pinturas rupestres, atributos que lhe permitissem reconhecer identidades, Kesting (2007, p. 24) afirma:

Para segregar a identidade dos grupos pré-históricos do Submédio São Francisco, busca-se, nas pinturas rupestres, o reconhecimento de padrões gráficos. A padronização das ações que se manifesta na cultura material da qual fazem parte a indústria cerâmica, os sepultamentos, a indústria lítica e as fogueiras, são preservadas também nos grafismos rupestres.

Kesting (2007) constatou que, em 112 sítios com pinturas rupestres, 45 (40,18%) estavam localizadas nas altas vertentes, 27 (24,11%), nas médias e 40 (35,71%), nas baixas. Dos 774 painéis, com um total de 2.878 unidades de pinturas, a dominância era de grafismos puros (reconhecíveis), com 87% das representações. Os grafismos irreconhecíveis representavam 10% e os grafismos conhecíveis, 3% das representações. Verificou que havia grafismos reconhecíveis nas altas, médias e baixas vertentes de todos os boqueirões e grotas.

No que diz respeito ao padrão temático, constatou a dominância de figuras com traços contínuos, em diagonal ascendente e descendente (quando horizontais) ou da esquerda para a direita e vice-versa (quando verticais), representando 11% do total de grafismos da unidade de pesquisa (KESTERING, 2007). Para se evidenciar o contexto arqueológico da referida área, é fundamental a realização de escavações e intensificar prospecções, com a finalidade de identificar outros conjuntos de grafismos realizados em diferentes suportes.

Atualmente, amplia-se o núcleo de caracterização dos registros gráficos. Lima Filho (2010) identificou elementos constitutivos da Subtradição Sobradinho no

Boqueirão do Riacho das Traíras, Município de Sento Sé - BA. Nesse Boqueirão há onze sítios arqueológicos com pinturas rupestres muito deterioradas por insetos, ação antrópica, raízes de plantas fixas nos suportes e pela exposição à chuva, ao vento e ao sol.

Iniciou-se a pesquisa nessa feição de relevo, com a formulação da hipótese de que o seu conjunto de pinturas pertenceria à Subtradição Sobradinho. Essa hipótese fundamentava-se no fato de que a área da pesquisa dista apenas seis quilômetros do território onde Kesting (2001 e 2007) constatou a ocorrência dominante de grafismos dessa Subtradição. Tão logo se constatou, porém, que as rochas do Boqueirão do Riacho das Traíras não eram da Chapada Diamantina, Formação Tombador, pensou-se que a dominância temática poderia não corresponder à da Subtradição Sobradinho (LIMA FILHO, 2010).

Constatou-se absoluta dominância de grafismos reconhecíveis (puros, geométricos, abstratos, figurativos, simbolistas ou metafóricos) o que possibilitou filiar, hipoteticamente, o conjunto gráfico do Boqueirão do Riacho das Traíras na Tradição São Francisco. Averiguou-se também a dominância de figuras reconhecíveis com traços contínuos, em diagonal ascendente e descendente, quando horizontais, ou da esquerda para a direita e vice-versa, quando verticais. Essa constatação possibilitou incluir o conjunto gráfico na área de abrangência da Subtradição Sobradinho, apesar de terem sido realizadas em suportes de quartzo intrusivo da Unidade Sobradinho, Complexo Rio Salitre, diferentemente das pinturas da unidade de pesquisa de Kesting (2007), realizadas em suportes da Formação Tombador, Chapada Diamantina (LIMA FILHO, 2010).

Apesar de haver constatado absoluta dominância de grafismos reconhecíveis Ribeiro (2010), verificou que, na Área Arqueológica de Sobradinho, há painéis intrusivos de pintura rupestre Tradição Nordeste, com temática e técnica semelhantes aos grafismos do Parque Nacional Serra da Capivara.

No Município de Jaguarari - BA, Santos (2010) identificou 13 sítios arqueológicos com pinturas e outros três com gravuras. Verificou que as pinturas localizam-se em paredões, em pequenos abrigos ou a céu aberto, de rochas vulcanossedimentares do Complexo Itapicuru. Analisando-os com o parâmetro do

cognoscibilidade, associou-os, hipoteticamente, à Tradição São Francisco (SANTOS, 2010).

Próximo ao povoado de Lagoa do Mari, no Município de Sento Sé, Reis (2010) identificou um conjunto de painéis emblemáticos que, hipoteticamente, classificou como Tradição São Francisco. Segundo esta pesquisadora, os painéis emblemáticos permitem propor autorias sociais. Grupos, mesmo que desvinculados do tronco que lhes deu origem, conservam traços comuns herdados. A identificação de painéis recorrentes de grafismos conhecíveis associados a grafismos reconhecíveis permitiu-lhe propor que o conjunto de painéis emblemáticos que ela identificou foi realizado por grupos descendentes de ancestrais comuns originários do Planalto Central do Brasil.

Alves (2012) ampliou o quadro de estudo dos registros gráficos na região, trabalhando com o parâmetro da cognoscibilidade e a temática dominante nas pinturas rupestres do Boqueirão do Riacho de São Pedro e do Boqueirão da Residência, no município de Sento Sé – BA. Nesses boqueirões identificaram-se quatro sítios arqueológicos (São Pedro 1 e 2; Residência 1 e 2) com painéis de pinturas rupestres bastante deteriorados pela ação de insetos, exposição à chuva, ao vento, ao sol e, principalmente, à ação de pichadores. Ela filiou o universo gráfico desses boqueirões à hipotética Tradição São Francisco e à Subtradição Sobradinho.

Com a mesma proposta metodológica de análise, voltada para a caracterização da estrutura e identificação de temáticas dominantes, Reis (2012) pesquisou o Serrote do Caldeirão da Tiririca, no município de Sento Sé – BA. Em quatro dos oito sítios arqueológicos que encontrou, há painéis de pinturas rupestres em rochas metassedimentares conglomeráticas do Grupo Chapada Diamantina, Formação Tombador. Filiou-os à Tradição São Francisco. Constatou que o conjunto gráfico analisado não apresenta a dominância temática da Subtradição Sobradinho, apesar de sua constatação em feições de relevo do entorno próximo. Ponderou que as pinturas estão em péssimo estado de conservação reduzindo o grau de confiabilidade dos resultados da sua pesquisa.

Duarte (2012) pesquisou os painéis gráficos localizados no Boqueirão do Riacho do Bonsucesso, no município de Sento Sé – BA, também na tentativa de contribuir na identificação das fronteiras da Subtradição Sobradinho. Na referida

unidade de pesquisa foram encontrados oito sítios arqueológicos com pinturas rupestres, sendo sete em escarpas e um em abrigo sob rocha, além de um sítio arqueológico com bases fixas de pilão a céu aberto, no leito do riacho. Todas as pinturas rupestres foram realizadas em suportes de quartzito da Unidade Sobradinho, Complexo Rio Salitre, em estruturas de rocha metavulcanossedimentar. Filiou as pinturas analisadas na Tradição São Francisco, Subtradição Sobradinho.

Para contextualizar a Subtradição Sobradinho realizam-se escavações no Boqueirão do Riacho São Gonçalo. Em uma sondagem, nas proximidades do Sítio arqueológico Pedra Gêmea – 014.11, encontrou-se um artefato da indústria lítica, em sedimentos do leito antigo do riacho que, datados por Luminescência Oticamente Estimulada – LOE apresentaram a idade de 16.000 +/- 2.000 anos AP (KESTERING; DIAS DA SILVA; CHAGAS JUNIOR, 2012, p. 18). Isso mostra que o Submédio Vale do Rio São Francisco era habitado há mais de 13.000 anos como propõe Martin (2008). Essa datação reforça a hipótese de que parte das pinturas da Subtradição Sobradinho, especificamente as do Estilo Olho D'Água, foi realizada há mais de 9.000 anos AP (KESTERING, 2007, p. 173).

Os grafismos rupestres possibilitam delinear características culturais dos grupos que ocuparam um determinado espaço. Ao serem entendidos e estudados como parte de um sistema de comunicação social, eles fornecem informações sobre parte do comportamento dos grupos porque são representados a partir de quadros simbólicos de seus autores. As temáticas das pinturas são o resultado de pensamentos e da compreensão do mundo dos autores. Para reconhecê-los classificam-se os seus registros.

2.4 CLASSIFICAÇÃO: TRADIÇÃO E SUBTRADIÇÃO

O termo classificar permite o entendimento do ordenamento de coisas eventuais. A classificação, enquanto fonte analítica, vem sendo amplamente utilizada nas mais variadas vertentes do conhecimento, seja nas ciências exatas, nas humanas, e nas biológicas. Em Arqueologia as classificações atuam como forma de organizar, ordenar e de padronizar vestígios de diferentes naturezas

(DUNNEL, 2009). Trabalhos com embasamento teórico processual, como: Classificação em Arqueologia de Robert Dunnel (2009) e Arqueologia Analítica de David Clarke (1984) servem de exemplos da necessidade de sistematização dos dados. Eles propõem a necessidade de parâmetros afinados para a classificação. No caso dos registros rupestres, merecem destaque os trabalhos de Schmitz (1987), Prous (1992/2001), Pessis (1989/ 1992/2002), Guidon (1989, 2003) e ainda a revisão proposta por Martin e Guidon (2010) no que tange ao refinamento das classificações referentes às tradições rupestres pospostas na década de 80.

O conceito de tradição em Arqueologia corresponde ao de horizonte cultural. No Brasil, foi inserido no contexto da pesquisa pelos americanos, Betty Meggers e Clifford Evans, arqueólogos do Smithsonian Institution em Washington (EUA), e mais tarde coordenadores gerais do Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas – PRONAPA, implantado no país dos anos de 1965 a 1970. Esse projeto, de grande amplitude territorial, tinha como objetivo principal fornecer, de maneira rápida e eficiente, um quadro geral das culturas arqueológicas brasileiras. Ele serviu de parâmetro nas prospecções realizadas em várias partes do território brasileiro (PROUS, 1992; RIBEIRO, 2006).

O primeiro ordenamento da arte rupestre brasileira foi feito por Valentin Calderón, na década de 1970, em trabalhos realizados no Estado da Bahia, quando estabeleceu a Tradição Realista. Ele adotou os princípios metodológicos do PRONAPA, quando os termos fase e tradição começaram a aparecer no universo terminológico da Arqueologia brasileira. Entretanto, suas pesquisas com a arte rupestre não tiveram sequência ou repercussão.

De fato, os primeiros estudos acadêmicos de arte rupestre brasileira foram marcados pela presença estruturalista das Missões Arqueológicas Franco-Brasileiras, que começaram suas atividades na mesma época. Rapidamente, as classificações da arte rupestre em tradições caracterizadas por padrões de similaridade temática e gráfica, seriam adotadas pelos arqueólogos das Missões de Minas Gerais e do Piauí, além de pesquisadores independentes (RIBEIRO, 2006; BAETA, 2011).

As pesquisas da Missão Arqueológica Francesa começaram em 1971, em Lagoa Santa (MG) e, mais tarde, as da Missão Franco-Brasileira na região Sudeste

do Piauí (1975), onde o foco de estudo era o Parque Nacional Serra da Capivara. Ambas adotavam como critérios de análise a determinação estilística cronogeográfica, bem como a caracterização dos temas e composições gráficas (GUIDON 1978; PROUS, 1992 e 1997; MARTIN, 2008).

Na época, procurava-se identificar as regularidades na seleção do espaço gráfico para evidenciar as normas gerais seguidas em cada conjunto e a variação permitida dentro dos padrões. Ainda que houvesse uma abertura nesses trabalhos para comparações etnográficas, assumia-se que a tentativa de interpretação dos significados deveria ser precedida pela identificação de eventuais estruturas de organização dos grafismos entre si e com a topografia local – dos suportes e dos abrigos. Termos como vocabulário, gramática, sistemas gráficos e regras sintáticas eram recorrentes nestas análises, que partiam de princípios tomados de empréstimo à linguística. Buscava-se, por exemplo, identificar as relações sintáticas entre os grafismos – cor, posição no suporte e/ou no sítio – com o auxílio de gráficos estatísticos e tabelas tipológicas (PROUS, 1997, p. 07).

As tipologias desempenhavam um papel destacado nos estudos estruturalistas da arte rupestre, na medida em que possibilitavam um inventário das figuras disponíveis ao uso e combinação de temas pelos artistas rupestres. De modo geral, os inventários apresentavam-se aos pesquisadores simpáticos ao estruturalismo (na Arqueologia e na Antropologia) como uma importante ferramenta de evidenciação da padronização cultural. O que a Arqueologia estruturalista buscava, era, em síntese, reconstruir as etapas sucessivas da evolução das culturas humanas (EMPERAIRE, 1973, *apud* RIBEIRO, 2006, p. 156).

Pressupunha-se que a cultura material expressaria uma ordem simbólica e inconsciente, imposta pelos humanos a determinadas áreas de suas vidas, inventariando detalhadamente os itens que a compunham. Deduzia-se que, comparando inventários de grupos distintos seria possível identificar tanto a variabilidade cultural, a diversidade aparente, quanto a invariabilidade das estruturas inconscientes e universais do pensamento humano.

O objeto de estudo da Arqueologia estruturalista era, então, o pensamento presente na mente dos humanos que produziram o registro arqueológico (TRIGGER, 2004; RENFREW e BAHN, 1998). A atuação da escola francesa no Brasil

caracterizou-se por trabalhos regionais com inventários de sítios e determinação de seu potencial científico, bem como pelo estudo detalhado de poucos sítios, tomados como típicos da unidade maior desconhecida. Nos sítios escolhidos faziam-se escavações de amplas superfícies para reconstrução de solos de ocupação e análises tecnotipológicas dos artefatos, principalmente dos líticos (EMPERAIRE *apud* BARRETO, 2006).

Aplicada à arte rupestre, a abordagem estruturalista resultou em explorações de grandes áreas passíveis de comparação, em reproduções de acervos gráficos e em classificações tipológicas de figuras. Existe uma evidente complementaridade entre os métodos franceses de delimitação espaço-temporal através de sequencias regionais fundadas na reconstrução minuciosa de pisos e o estudo amostral de amplas regiões com a sistematização dos dados, nas classificações em fases e tradições defendidas pelos membros do PRONAPA.

Segundo autores como: Prous (1992), Pessis e Guidon (2000), Azevedo Netto (2001), Ribeiro (2006) e Isnardis (2009), a noção de tradição arqueológica como o resultado de regras culturais cuja aplicação inconsciente orientaria a produção da cultura material, condizia com o interesse estruturalista de identificar padrões culturais da pré-história. Deste modo, logo após as primeiras pesquisas, os arqueólogos das missões franco-brasileiras passaram a adotar tanto intensivas prospecções com levantamentos mais rápidos, definidos por pequenas sondagens, coletas de superfície e reprodução de acervos rupestres, quanto o agrupamento de seus dados em tradições arqueológicas. A noção, desde então vigente de tradição rupestre, sustenta-se na idéia de que os conjuntos de temas representados com mais frequência na arte rupestre seriam manifestações de repertórios culturais, distintos a partir dos repertórios temáticos.

Com esta abordagem, a arte rupestre era interpretada como reflexo passivo da orientação cultural de seus autores. As mudanças nos padrões de continuidade gráfica eram indicativas de mudanças culturais. A noção de tradição como repertório temático, por sua vez, manifestação de repertório cultural, sempre esteve fortemente enraizada na Arqueologia brasileira desde a presença estruturalista nos primórdios da pesquisa sistemática da arte rupestre.

Os conceitos, ligados as pinturas e as gravuras, apresentam similaridades e convergências. Eles podem estar ligados a um mesmo objeto de estudo como também a objetos de áreas geográficas distintas. Normalmente, a conceituação e as definições são compartilhadas por pesquisadores com um viés de pesquisa ou mesmo compartilhadas com outros vieses. Assim, Dannel (2009) considera que, em um princípio classificatório hierárquico, utilizado em qualquer área do conhecimento, os atributos que delimitam as classes devem ser excludentes. Os atributos de uma classe não podem aparecer em outra. Se isso ocorrer, dissolve-se a classe elaborada.

Na região Nordeste do Brasil, a partir da década de 1980, tendo como referência a tese de doutorado de Guidon (1982), classificam-se grafismos rupestres em tradições. Seguiu-se, também, inicialmente, o modelo do PRONAPA, em regiões do Rio Grande do Norte, do Pernambuco e da Bahia.

Comumente define-se como tradição arqueológica, o conjunto de elementos constitutivos da cultura material. No caso da arte rupestre, considera-se a estrutura desses vestígios com persistência temporal, em amplo espaço. Os arqueólogos consideram que a tradição arqueológica corresponde às expressões culturais que mais sobressaem, compartilhadas por vários grupos étnicos, transmitida e difundida através de gerações, e que pode apresentar ou não, no decorrer do tempo, modificações graduais (MARTIN, 2008). Destacam-se as tradições: Nordeste, Agreste, Geométrica, São Francisco e Astronômica.

2.4.1 Tradição Nordeste

De acordo com Martin (2008), a Tradição Nordeste, definida por Guidon e colaboradores, na Área Arqueológica de São Raimundo Nonato, é caracterizada pela presença dominante de grafismos conhecíveis e minoritária de grafismos reconhecíveis. Na maioria das vezes, as figuras representadas constituem ações cujo tema pode ser reconhecido em cenas do cotidiano, mitológicas ou cerimoniais. As figuras humanas são ricamente representadas e junto com os zoomorfos ultrapassam, em número, as figuras de fitomorfos e de objetos. A cor predominante é a vermelha e suas características podem variar, conforme a subtradição.

2.4.2 Tradição Agreste

A Tradição Agreste foi definida por Alice Aguiar, na década de 1980. É a classe cuja predominância é de figuras conhecíveis, principalmente as humanas estáticas. As representações de animais são raras, assim como as figuras dotadas de ações. Estas, quando acontecem, aludem somente a caçadas. Não existem fitomorfos e nem objetos, nem tampouco o movimento e o dinamismo. As figuras reconhecíveis são abundantes e apresentam morfologia diversificada.

2.4.3 Tradição Geométrica

A Tradição Geométrica, segundo Pessis (1992), é “caracterizada por pinturas que representam maioria de grafismos puros (reconhecíveis), figuras humanas e algumas mãos, pés e répteis extremamente simples e esquematizados”.

2.4.4 Tradição São Francisco

A Tradição São Francisco foi estabelecida por Prous (1992) que a definiu como uma tradição que ocorre no Vale do São Francisco nos estados de Minas Gerais, Bahia, Sergipe, Mato Grosso e Goiás, podendo ser identificada até no Vale do Moski, na Bolívia. Os grafismos abstratos (geométricos, metafóricos, puros ou reconhecíveis) predominam em cerca de 80% a 100% das representações. A bicromia é intensa, com exceção dos estilos mais antigos. As representações zoomorfas são equivalentes a sáurios, peixes, tartarugas, pássaros e cobras. Comum é a representação de “tridáctilos” associados à biomorfos. Não há representação de cenas.

Na região Norte de Minas Gerais, caracteriza-se por representações de pés humanos, armas (lanças, propulsores), instrumentos (cestas, tipiti, panela, maracás? etc.) sem que haja cenas mostrando sua utilização (...). Perto de Januária a temática é muito mais variada. (...) Perto das nascentes do Rio São Francisco (...) a porcentagem de animais aumenta, mantendo a bicromia mais característica da tradição do vale, com a figura chapada amarela e um contorno vermelho. No Norte mineiro, o preto e o branco foram também utilizados. (...) Os autores destas obras demonstram,

frequentemente, um sentido de 'efeito' nos jogos de cores vivas e na organização interna das figuras geométricas mais complexas (...) que torna os sítios extraordinariamente espetaculares (PROUS, 1992).

2.4.5 Tradição Astronômica

A Tradição Astronômica, de acordo com Etchevarne (2007), foi apresentada por Maria Beltrão. Essa denominação deve-se ao fato de os grafismos geométricos terem sido relacionados a fenômenos celestes. Também é caracterizada por sobreposições, uso de alucinógenos e associações entre o céu e a terra. Beltrão também se utiliza de forte cunho interpretativo, com correlações etnográficas de grupos atuais. Existem, para essa tradição, datações de 3.200 anos AP para o sítio Toca do Cosmos.

2.5 CONSIDERANDOS SOBRE AS TRADIÇÕES ESTABELECIDAS

As classificações preliminares possibilitaram a identificação de tradições de registros rupestres no Nordeste brasileiro. Elas foram a base para o início da contextualização do registro arqueológico. Entretanto, não houve ação padronizada entre os pesquisadores. As figuras geométricas (reconhecíveis), por exemplo, são comuns a todas as tradições estabelecidas.

De acordo com o grau de concentração, os grafismos reconhecíveis (puros, simbolistas, abstratos, metafóricos) podem servir como um atributo caracterizador ou até mesmo definidor de uma tradição. Esta situação gerou classificações ambíguas com descrições semelhantes para tradições diferentes. Segundo Kesting (2007) foi o caso das figuras classificadas por alguns como Agreste, por outros, Geométrica, por outros, ainda, São Francisco e, também, Astronômica.

No que se refere ao estudo dos registros gráficos como meios de comunicação, compreende-se que cada grupo cultural tem seu padrão de comportamento, seus modelos e sua gestualidade. Essas características culturais são próprias e o diferenciam dos demais grupos que, por ventura, estão ligados a

outras tradições culturais (BINFORD, 1983). Os registros rupestres não são apenas a manifestação cultural de um indivíduo, mas de um grupo a que o indivíduo pertence. O realizador é o sujeito revelador da expressão cultural do seu grupo. A estrutura cultural do grupo determina ou influencia nos gestos e hábitos que o autor expressa nos artefatos que produz. Todo indivíduo é dependente do seu meio e revela, nas expressões culturais, a experiência do seu grupo (BINFORD, 1983).

Sendo assim, a filiação das pinturas a uma tradição ou a uma subtradição continua sendo um caminho para a identificação do tronco cultural a que pertenceram os autores dos grafismos dos sítios arqueológicos. Sua identificação deixa, porém, de ser o procedimento inicial de uma pesquisa para ser o resultado de muitos estudos comparativos de figuras contextualizadas. Segundo Kesting (2007), é possível chegar-se à identificação de tradições pelo reconhecimento de conjuntos de sinais gráficos homólogos ou análogos que revelam heranças culturais comuns de grupos dissidentes ou diversificados.

Para segregar conjuntos de grafismos em classes é necessário que se adote um quadro teórico bem fundamentado. Atualmente o modelo classificatório mais empregado para conjuntos de registros rupestres é o que utiliza os conceitos de tradição, subtradição e estilo. Essa proposta metodológica, apesar de ter apresentado algumas modificações nos seus conceitos, prevalece nas pesquisas dos registros rupestres.

E apesar de muitas críticas referentes à adoção dos conceitos de tradição e subtradição nos estudos dos registros gráficos, os mesmos ainda dominam o campo de estudo. Segundo Prous (1992) e Martin (2008), esses conceitos já estão bem definidos e amplamente utilizados na pesquisa arqueológica nordestina. Atuam como elementos motivadores para análises prévias do que se considera como províncias rupestres. O termo tradição está bem aceito e arraigado no Brasil para as macro-divisões de registros rupestres, se bem que nem todos os autores estejam de acordo com a sua conceituação. Ele equivale ao conceito de horizonte cultural e é utilizado, também, para a indústria lítica e cerâmica (MARTIN, 2008).

Para Martin (2008, p. 330) compreende-se tradição:

como a representação visual de todo um universo simbólico primitivo que pode ter sido transmitido durante milênios sem que, necessariamente, as pinturas de uma tradição pertençam aos

mesmos grupos étnicos, além do que poderiam estar separados por cronologias muito distantes.

Prous (1992) entende como tradição “a categoria mais abrangente entre as unidades rupestres descritivas, implicando numa certa permanência de traços distintos, geralmente temáticos”. Na Área Arqueológica de Sobradinho, os grafismos amplamente distribuídos em diferentes feições de relevo, devido ao seu padrão de reconhecimento e cenográfico, são filiados hipoteticamente na Tradição São Francisco.

3 METODOLOGIA E PROCEDIMENTOS OPERACIONAIS

Em Arqueologia, define-se metodologia como o conjunto de procedimentos que se adota para sistematizar os dados, com vistas a compreendê-los e explicá-los. Ela apoia-se em uma teoria que fundamentada, permite a execução de uma pesquisa (RENFREW e BAHN, 1998, p. 65). Para Minayo (1996, p. 16), “[...] metodologia é o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade”. Pode-se considerá-la como uma disciplina que se ocupa de estudar e ordenar (no possível) os métodos, que concebe suas origens históricas, suas bases paradigmáticas acompanhadas de relações teóricas, características estruturais e especificidades de seus alvos (TURATO, 2003, p.12).

Para que um método de pesquisa tenha seu emprego adequado, é preciso saber se ele responderá aos objetivos da investigação científica que se quer empreender. A opção pelo método e pela técnica de pesquisa depende da natureza do problema que preocupa o investigador, ou do objeto que se deseja conhecer ou estudar. Para responder aos questionamentos da pesquisa em apreço, opta-se pelo método quantitativo-qualitativo, já que os mesmos podem proporcionar uma análise confiável aos dados. Através do mesmo, leva-se em consideração a quantidade do objeto de estudo, ou seja, a abundância em níveis estatísticos e a qualidade do mesmo frente à análise (BAXTER, 2003, p. 12).

Ressalta-se, porém, que a escolha de um ou outro método deve estar associada ao objetivo da pesquisa e que ambos apresentam características específicas, vantagens e desvantagens. Por outro lado, muitas vezes, pode-se fazer uso desses diferentes métodos de forma combinada, recorrendo-se a mais de uma fonte para a coleta de dados, aliando assim o quantitativo ao qualitativo.

3.1 MÉTODO QUANTITATIVO E QUALITATIVO

O método quantitativo obedece ao paradigma clássico (positivismo) enquanto o qualitativo segue o paradigma alternativo. Nas ciências sociais, os estudos orientados pela doutrina positivista⁵ são influenciados pela abordagem das ciências naturais. Estas postulam a existência de uma realidade externa que pode ser examinada com objetividade, pelo estabelecimento de relações causa-efeito, a partir da aplicação de métodos quantitativos de investigação que permitem chegar a verdades universais. Sob esta ótica os resultados da pesquisa são reproduzíveis e generalizáveis (TRIGGER, 2004; HAYATI; KARAMI; SLEE, 2006; SHENNAN, 1997).

Segundo o positivismo, a lógica e a matemática são válidas por estabelecerem regras de linguagem, constituindo-se um conhecimento *a priori*, independente da experiência. Em contraste, obtém-se o conhecimento empírico a partir da observação e por meio do raciocínio indutivo. Os positivistas entendem que cada conceito de uma teoria deve ter como referência algo observável e defendem a verificabilidade dos enunciados e o estabelecimento de relações lógicas entre os mesmos, impondo um critério “ideal” de agir e pensar, e chamam-no de caráter normativo (KUHN, 1996; TRIGGER, 2004).

Diferente do Positivismo, o paradigma alternativo defende que as abordagens unicamente quantitativas não são satisfatórias. Ele permite que novas técnicas de ordem qualitativas sejam empregadas para a geração do conhecimento. No entanto, convém ressaltar que a pesquisa qualitativa não se restringe à adoção de uma teoria, de um paradigma ou método, mas permite, ao contrário, adotar uma multiplicidade de procedimentos, técnicas e pressupostos.

A pesquisa qualitativa foi incorporada, inicialmente, na Antropologia e na Sociologia, e ampliada para outras áreas a partir da década de 1960. Em meados dos anos 1970, começou a ser utilizada, também em trabalhos arqueológicos, numa tentativa de relacionar os dados obtidos pelo método quantitativo (TRIGGER, 2004; SHENNAN, 1997). Ressalta-se que, desde então, o debate entre defensores das

⁵ Compreende-se o positivismo como uma combinação das ideias empiristas com a lógica moderna (que alia trabalhos de matemática e lógica), influenciado pelas descobertas da física, em especial pelas teorias da relatividade e quântica (ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 2004).

abordagens quantitativas ou qualitativas começou a diminuir. Começou-se a valorizar a pesquisa em ciências sociais, uma vez que a sua relação com as ciências humanas pode ser fundamental para o entendimento de um determinado objeto de estudo (GODOY, 1995).

Os pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa se opõem ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências, já que as ciências sociais têm sua especificidade. Nessa abordagem, o pesquisador procura aprofundar-se na compreensão dos fenômenos que estuda, interpretando-os segundo a perspectiva dos participantes da situação enfocada, sem se preocupar com representatividade numérica, generalizações estatísticas e relações lineares de causa e efeito. Assim sendo, a interpretação, é levada em consideração baseada nas experiências do pesquisador, uma vez que o mesmo está em contato direto e prolongado com o campo, para captar os significados dos comportamentos observados (GOLDENBERG, 1999; PATTON, 2002).

As divergências entre as abordagens qualitativa e quantitativa refletem diferentes epistemologias, estilos de pesquisa e formas de construção teórica. Convém repetir, no entanto, que os métodos quantitativos e qualitativos, apesar de suas especificidades, não se excluem.

Nos estudos arqueológicos, a pesquisa quantitativa permite a mensuração dos dados, e especificamente em pintura rupestre, através de quadros numéricos (gráficos e tabelas). Ela permite identificar ocorrências e recorrências de grafismos e, com isso, estabelecer classes. Essas observações dentro de um universo definido são medidas, estabelecendo assim dados de caráter estatístico (ALDENDERFER, 1987; DRENNAN, 2009; SHENNAN, 1997).

No que tange as suas características principais, o método quantitativo aplicado à pesquisa de registros gráficos, destaca-se por obedecer a um plano pré-estabelecido, com o intuito de enumerar ou medir eventos ou coisas, neste caso, as unidades de grafismos. Ele utiliza a teoria para desenvolver as hipóteses e as variáveis da pesquisa, examinando as relações entre as variáveis por métodos experimentais ou semi-experimentais, controlados com rigor. Emprega, geralmente, para a análise dos dados, instrumental estatístico, buscando com isso confirmar as hipóteses da pesquisa ou as descobertas através da dedução, ou seja, realiza

predições específicas de princípios, observações ou experiências ((ALDENDERFER, 1987; DRENNAN, 2009; SHENNAN, 1997; HAYATI; KARAMI; SLEE, 2006).

A pesquisa qualitativa, utilizada para interpretar fenômenos, ocorre por meio da interação constante entre a observação e a formulação conceitual, entre a pesquisa empírica e o desenvolvimento teórico, entre a percepção e a explicação. Ela apresenta-se como uma dentre as diversas possibilidades de investigação. Ela leva em consideração a qualidade do objeto estudado. Constitui uma alternativa apropriada para os estágios iniciais da investigação, quando busca explorar o objeto de estudo e delimitar as fronteiras do trabalho. Ela é bastante utilizada quando o universo da pesquisa é pequeno e a quantificação não faz sentido (HEYINK; TYMSTRA, 1993).

Dentre as suas principais características de pesquisa, destaca-se que a investigação cujo *design* evolui durante o seu desenvolvimento, uma vez que as estratégias que utiliza permitem descobrir relações entre fenômenos, indutivamente, fazendo emergir novos pressupostos. Leva-se em consideração a apresentação da descrição e análise dos dados em uma síntese narrativa, tendo o ambiente natural como fonte de coleta de dados e o pesquisador como instrumento principal desta atividade. Possui uma forte tendência descritiva. Valorizando muito mais o processo do que os resultados ou produtos. Vale-se ainda do enfoque indutivo na análise dos dados, ou seja, realiza generalizações das observações limitadas e especificadas pelo pesquisador. Deve-se lembrar, porém, que cada método possui características próprias e é adequado a propósitos de pesquisa específicos (ALVESMAZZOTTI, 2004; GODOY, 1995; HAYATI; KARAMI; SLEE, 2006).

Os principais tipos de pesquisa quantitativa são a *survey* (levantamento), a correlacional, a causal-comparativa e a experimental. Reconhecem-se como principais formas de abordagem qualitativa a pesquisa-ação, a pesquisa histórica, o estudo de caso, o *focus group*, a etnografia e a *grounded theory* (VERGARA, 2005).

Os métodos de investigação classificam-se como quantitativos e qualitativos por apresentarem características contrastantes quanto à forma e à ênfase, entretanto não são excludentes. Esta classificação não significa que se deva optar por um ou outro. O pesquisador pode, ao desenvolver o seu estudo, utilizar os dois, usufruindo, por um lado, da vantagem de poder explicitar todos os passos da

pesquisa e, por outro, da oportunidade de prevenir a interferência de sua subjetividade nas conclusões obtidas (PATTON, 2002).

Em síntese, pode-se dizer a respeito de ambos os métodos que a pesquisa qualitativa enfatiza o processo e seu significado, enquanto a quantitativa preocupa-se em medir (quantidade, frequência e intensidade) e analisar as relações causais entre as variáveis. A crítica dos pesquisadores quantitativos à abordagem qualitativa baseia-se nos seguintes pontos: a investigação não seria confiável, pois introduziria o viés do pesquisador; seus resultados não seriam reprodutíveis; mesmo que houvesse certo grau de reprodutibilidade, a interpretação seria suscetível a mudanças.

Os pesquisadores qualitativos, por sua vez, relatam que a abordagem quantitativa é restritiva, representando um retrato reducionista da complexidade social, não conseguindo captar o ponto de vista do indivíduo, por utilizar grandes amostras, e afastando o pesquisador do dia-a-dia do objeto. Na pesquisa em questão aplicam-se ambas as abordagens metodológicas de acordo com o propósito da investigação, individual ou simultaneamente, aliando-se o qualitativo ao quantitativo.

3.2 PROCEDIMENTOS OPERACIONAIS

Iniciou-se a pesquisa com um levantamento de livros que contivessem referências de estudos sobre os registros rupestres da região Nordeste do Brasil. Buscou-se identificar, na bibliografia levantada, os parâmetros que permitem reconhecer a identidade de grupos pré-históricos.

A pesquisa prosseguiu com o estudo bibliográfico. Quis-se levantar conceitos a serem adotados para abordagem das pinturas rupestres com o intuito de identificar fronteiras da Subtradição Sobradinho. Esse levantamento de ordem teórica teve como finalidade maior a definição da metodologia e dos procedimentos operacionais para levar a cabo os objetivos da pesquisa. Priorizou-se a busca por caminhos para a identificação de padrões nos painéis de pintura rupestre.

Num segundo momento, fez-se uma pesquisa imagética, com base nos levantamentos anteriores realizados no Vale do São Francisco, especificamente os

trabalhos de Ott (1972), Prous (1992), Calderón (1977), Etchevarne (2007) e Kesting (2001 a 2011).

O cadastro dos sítios arqueológicos foi realizado em fichas de campo, seguindo o modelo proposto por Kesting (2007). Algumas adaptações foram feitas para atender particularidades da pesquisa.

Nas atividades de campo utilizou-se um GPS (Garmin) modelo “Etrex Vista” que possibilitou o mapeamento das feições de relevo e dos sítios, bem como, a transferência de dados para o computador. O sistema GPS é basicamente um sistema portátil que analisa os sinais emitidos por diferentes satélites geo-estacionais e que, mediante triangulação e alguns cálculos, estabelece a posição terrestre do receptor, ou seja, indica uma localização relativamente precisa. Segundo Trevino e Ramírez (2004, p. 2)

La característica interesante de este sistema, es que permite establecer con una resolución de hasta 5 metros la posición de objetos en cualquier terreno en particular aunque después queda la ardua tarea de referenciar en algún mapa las observaciones realizadas con el motivo de que puedan representar un patrón que proporcione información al observador.

Utilizaram-se também, imagens do Google Earth 2012 para definir as coordenadas e a distribuição espacial dos sítios identificados, possibilitando, com isso, um mapa de localização dos vestígios arqueológicos caracterizados. Mensuraram-se as dimensões dos sítios com fita métrica.

Fez-se o levantamento imagético com câmeras fotográficas digitais, de diferentes modelos. O registro fotográfico foi o instrumento adotado como recurso analítico para identificação dos registros gráficos, uma vez que se tem a necessidade de preservar esse referido patrimônio. A técnica principal de documentação dos registros gráficos é de fato a fotografia colorida. Os arquivos de fotos, em coleções, tanto públicas quanto privadas, são enormes. Na maioria dos casos, estão ligados à necessidade e tentativa de se preservar os registros gráficos registrados, tanto no passado quanto nos dias atuais. Há uma esperança de se conseguir que a documentação fotográfica perdure no tempo. Quando ela fica exposta a fatores naturais pode se deteriorar com facilidade. É importante frisar que a preservação digital de um conjunto de imagens de registros gráficos, é em si, uma alternativa de preservação dessas manifestações em si mesmas. Trabalhos recentes

na Índia têm levado ao amadurecimento, frente a ambos os campos, no que tange à documentação e à conservação desses registros, demonstrando as prioridades que devem ser alcançadas.

Como suporte para a captação das imagens trabalhou-se com câmeras fotográficas do tipo: Nikon 5000, Sony 14 megapixels e Kodak 12 megapixels, sempre apoiadas a um tripé. As fotografias foram feitas com a escala IFRAO, já que a mesma é recomendada para auxiliar na identificação das cores e dos tamanhos reais dos painéis e das unidades gráficas. O princípio da preservação digital é simplesmente que uma imagem deve ser feita de uma forma que possa ser recuperada no futuro, para reestudo e interpretação, com o objetivo de perpetuar a imagem original. Dessa forma, inicialmente introduziu-se uma norma de calibração universal, chamada de perfil de dispositivo. Segundo Bednarik (2002, p. 2)

Esto se logró, con la producción y distribución a nivel mundial de la Escala Standard de IFRAO (Bednarik 1991, 1994). Desde entonces la Escala no ha sido únicamente distribuida a todos los miembros de las veinticuatro organizaciones afiliadas de la IFRAO y de este modo a todos los especialistas en arte rupestre del mundo, sino que también ha sido adoptado por otras disciplinas.

O tripé e a escala como mecanismos básicos de metodologia em pintura rupestre só foram dispensados quando o sítio apresentava particularidades físicas que não permitiam sua utilização. Outras informações referentes aos sítios, bem como, aos painéis de pinturas rupestres foram registradas em caderno de campo a fim de proporcionar um maior controle e organização das atividades que vinham sendo desenvolvidas.

Em laboratório, fez-se o descarrego das imagens e iniciou-se o trabalho de reconhecimento das unidades gráficas e das temáticas. Utilizaram-se, para isso, programas de tratamento de imagens como: Corel Draw X4 e Adobe Photoshop 9.0, permitindo assim uma maior visualização e identificação dos grafismos.

É importante destacar a aplicação do Software ImageJ/DStretch, pela forma como o mesmo proporciona o resgate de detalhes potencialmente importantes nas análises (Fig. 1 e 2). O aplicativo DStretch foi criado por um matemático americano e pesquisador de arte rupestre chamado Jon Harman.

Figura 1 – Foto original de um painel de pintura rupestre

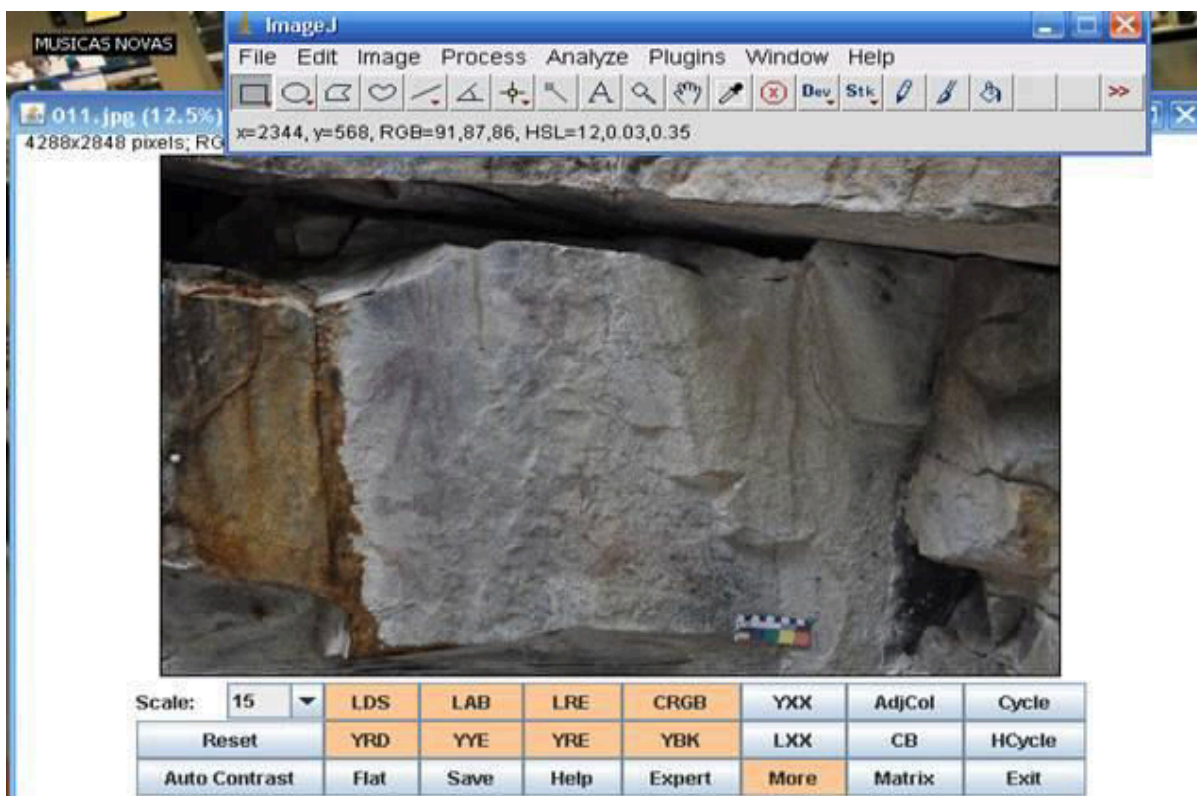
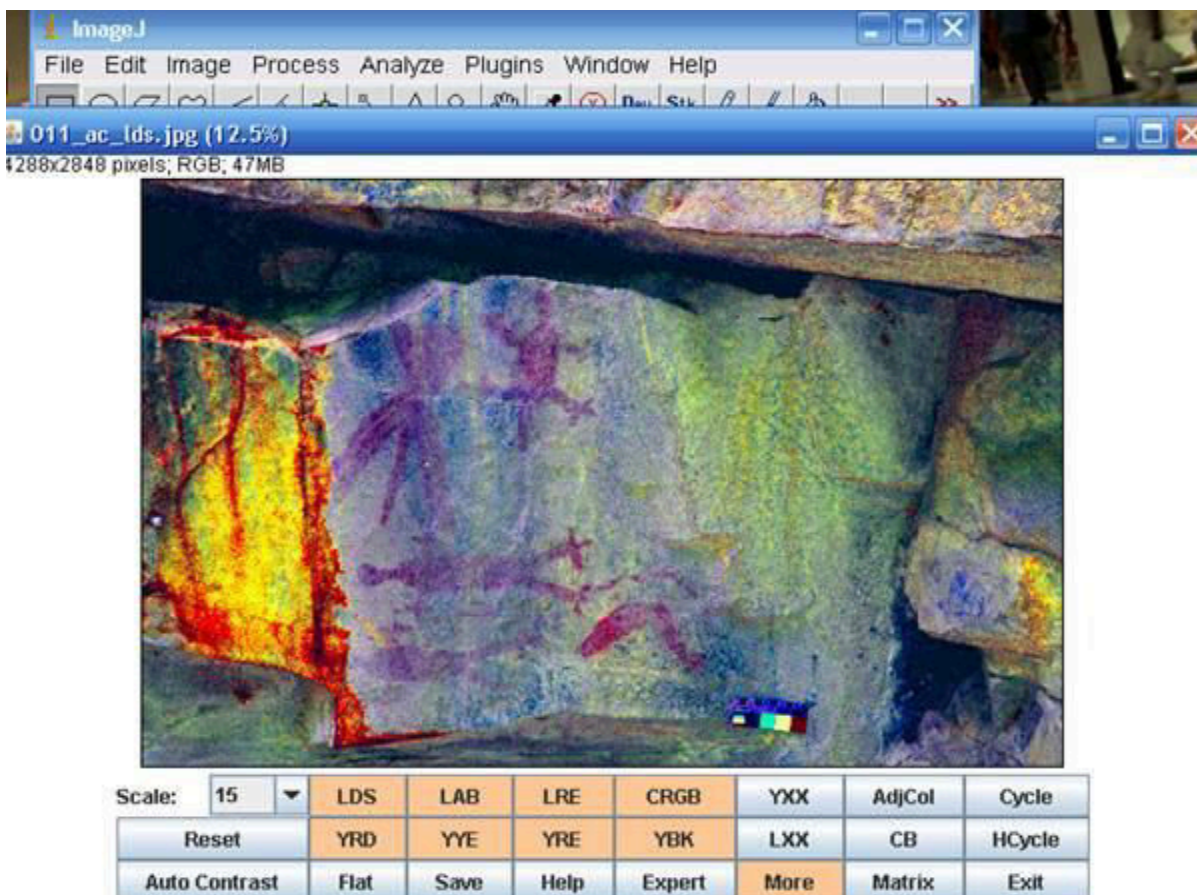


Figura 2 – A mesma foto, após o trabalho com o Software DStretch



Harman projetou o programa como um plug-in para software ImageJ. Este último está disponível gratuitamente na internet. Alterando a saturação, matriz, contraste e várias outras variáveis comuns para o sistema digital de arte rupestre, o programa consegue isolar os pigmentos pictográficos de tonalidade bem fraca a ponto de torná-los visíveis a olho nu. A verdadeira genialidade dos Dstretch é evidenciada pela sua facilidade de manuseio e pelo suporte que proporciona às análises (HIMOUR, 2009).

O programa em apreço permite que se trabalhem diferentes imagens (com altas e baixas resoluções) com uma praticidade significativa, operando em diferentes formatos (JPG, TIFF, PNG, RAW e outros). O aplicativo de extensão tem a finalidade de melhorar o contraste dessas cores nas imagens digitais, resgatando com isso diferentes tonalidades que, muitas vezes, escapam ao olho humano comum. O mesmo produz o que se chama de “imagens coloridas falsas”, criadas por meio de um fluxograma de descorrelação, transformando as cores de maneira automática.

O DStretch pode ser aplicado em diferentes formatos de cores (espaços de cores), tais como: YDS, LAB, RGB, LAX, CRGB YXX, LXX e outros. As vastas opções de espaços de cores superam os espaços comuns e proporcionam outros cenários para identificação dos painéis. É uma ferramenta eficaz para a investigação, uma vez que permite a combinação e interação de matrizes e espaços de cor para o melhoramento da imagem de maneira automática, apenas com a escolha de um tipo de formato de cores. A interação entre os programas de melhoramento de imagens tradicionais com esse software pode permitir um avanço nos estudos dos registros rupestres para a área de pesquisa em apreço. Os mesmos permitem a sistematização de um banco de dados referente a pinturas rupestres.

Dessa forma, compreende-se que os métodos e os procedimentos operacionais, utilizados nessa pesquisa têm a finalidade de identificar, revelar e preservar os vestígios arqueológicos. Os mesmos se encontram em fase de desaparecimento pelas constantes agressões de insetos, fogo, deslocamento, salitre, pichação, raízes de plantas fixas nos suportes, exposição ao vento, ao sol e à chuva. Uma pesquisa arqueológica deve fundamentar-se em um **corpus de premissas, perguntas, método de investigação e descobertas em campo** (RENFREW & BAHN (1998. p. 22).

4 A SUBTRADIÇÃO SOBRADINHO

Pelo ordenamento classificatório proposto por Pessis (1992), a subtradição é um subconjunto de uma tradição. São modificações de uma tradição, em consequência do contato dos grupos com outros tipos de ambiente. A subdivisão das tradições em subtradições fundamenta-se no pressuposto de que os grupos desvinculados continuam realizando, por algum tempo, grafismos com o mesmo padrão cenográfico e de reconhecimento, adicionando componentes temáticos e técnicos surgidos como resultado das adaptações ambientais e sociais ao novo hábitat (KESTERING, 2007).

Após propor a classificação dos grafismos da região do Submédio São Francisco na Tradição São Francisco, Kesting (2007, p. 132) filiou-os na Subtradição Sobradinho, justificando:

A dominância de unidades gráficas de um dos padrões temáticos e sua total ocorrência em feições de relevo de uma mesma unidade geológica servem de base para classificar o conjunto de grafismos como Subtradição Sobradinho. Os grafismos da temática dominante da Subtradição Sobradinho apresentam traços contínuos, em diagonal ascendente e descendente, quando horizontais, ou da esquerda para a direita e vice-versa, quando verticais. Neles identificam-se três padrões técnico-temáticos, um é dominante nas altas, outro, nas médias e o terceiro, nas baixas vertentes.

A Área Arqueológica de Sobradinho, tem se mostrado uma área propícia para a pesquisa arqueológica em decorrência da grande quantidade de sítios que vêm sendo identificados nela⁶. Destaca-se uma quantidade expressiva de sítios com pinturas e gravuras rupestres. Localiza-se na região Noroeste do Estado da Bahia, entre o Médio e o Submédio São Francisco⁷.

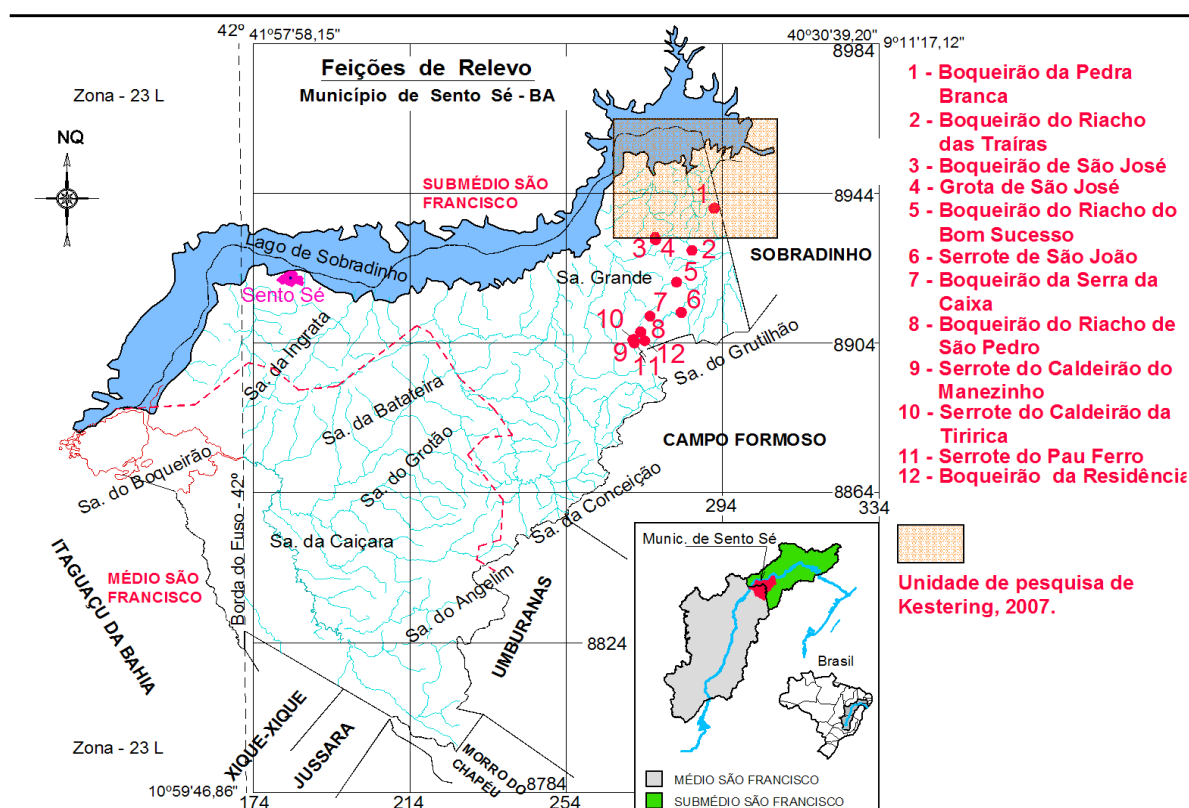
⁶ Segundo Martin (2008), área arqueológica, é uma categoria de entrada para referenciar a pesquisa em relação a limites geográficos flexíveis dentro de uma unidade ecológica e que participe das mesmas características geo-ambientais. Assim o estudo dentro de uma área arqueológica visa conhecer os processos de ocupação, adaptação e aproveitamento dos recursos disponíveis por grupos que habitaram a região em tempos pretéritos.

⁷ Limita-se, ao norte, com a fronteira da Bahia com o Piauí; a leste com a fronteira da Bahia com Pernambuco e com o talvegue do Rio Salitre; ao sul, com a coordenada UTMN 8700 e, a oeste, com a UTMS 100 (Fig. 01). Faz parte do polígono das secas da região Nordeste. Situa-se a 70 km ao sul do Parque Nacional Serra da Capivara, onde centenas de sítios com registros gráficos foram identificados e estudados por missões brasileiras e também internacionais (KESTERING, 2007).

4.1 UNIDADE DE PESQUISA

A unidade de pesquisa trabalhada aqui se situa no município de Sento Sé – BA (Fig. 3). Fundado em 1832, Sento Sé localiza-se no extremo norte da Bahia, na região limítrofe entre o Médio e o Submédio São Francisco. Limita-se a leste com Sobradinho, ao sul com Campo Formoso, Umburanas, Morro do Chapéu, São Gabriel e Jussara, a oeste com Itaguaçu da Bahia e Pilão Arcado, e a norte com Remanso e Casa Nova⁸. Tantos municípios confrontantes mostram a dimensão da sua extensão territorial. Segundo dados da Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia – SEI, Sento Sé é o município que tem o terceiro maior território do Estado da Bahia⁹.

Figura 3 – Unidade de Pesquisa, no Município de Sento Sé - BA (Autoria: Flávio Roberto)



⁸ A área de Sento Sé é de 13.996 km² e está inserida nas folhas cartográficas de Casa Nova (SC.24-V-C-II), Petrolina (SC.24-V-C-III), Remanso (SC.23-X-D-VI), Tombador (SC.24-V-C-IV), Sento Sé (SC.24-V-C-V), Campo dos Cavalos (SC.24-V-C-VI), Pilão Arcado (SC.23-Z-B-III), editadas pelo DSG, IBGE/DSG, entre os anos de 1974 a 1985 na escala 1:100.000.

⁹ Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, a população do Município é de aproximadamente 36.517. A sede municipal tem uma altitude de 380 metros e coordenadas geográficas 09°44'00" de latitude sul e 41°51'00" de longitude oeste (VIEIRA, 2005; KESTERING, 2011).

4.1.1 Clima

Segundo Vieira et. al. (2005), a região apresenta um tipo de clima que varia entre semi-árido a árido e seco a subúmido. Insere-se na área do “Polígono das Secas”. A pluviosidade média anual é menor que 500 mm, com riscos de estiagens prolongadas.

4.1.2 Solos

Distinguem-se os seguintes tipos de solos: latossolo distrófico, nitossolo, planossolo, cambissolo, luvisolo não cálcico e neossolo litólico eutrófico.

O latossolo distrófico é um tipo de solo submetido ao processo de laterização. A laterização ocorre em regiões intertropicais onde há alternância de estações chuvosas e secas. Ela promove a remoção da sílica e provoca o enriquecimento dos solos e das rochas com ferro e alumínio¹⁰.

O nitossolo é um tipo de solo com 350g/kg ou mais de argila, inclusive no horizonte A¹¹, constituído por material mineral que apresenta horizonte B¹² nítido abaixo do horizonte A. Apresenta cerosidade (aspecto brilhoso) devido o seu material de origem ser um diabásio. Tem argila de atividade baixa (Capacidade de Troca Catiônica) ou caráter alítico na maior parte do horizonte B, dentro de 150cm da superfície do solo. É um solo rico, levando em consideração seu caráter eutrófico, ou seja, alta saturação de bases (EMBRAPA – CNPS, 2006, p. 165).

O planossolo é constituído por material mineral com horizonte A ou E¹³ seguido de horizonte B plânico, não coincidente com horizonte plíntico ou glei.

O cambissolo é constituído por material mineral com horizonte B incipiente, subjacente a qualquer tipo de horizonte superficial, exceto hístico com 40cm ou mais

¹⁰ Segundo Guerra (2003; p. 385) a laterização constitui fundamentalmente um processo de diagênese resultante em aumento do caráter electropositivo dos coloides do solo. Quando o processo se completa, temos solos transformados em rochas (laterito).

¹¹ Segundo Lepsch (2002; p. 20) compreende-se por Horizonte A o horizonte mineral com acúmulo de matéria orgânica.

¹² Segundo Lepsch (2002; p. 20) entende-se por Horizonte B o horizonte de máxima expressão de cor e agregação ou de concentração de materiais removidos de A e E.

¹³ Para Lepsch (2002; p. 20) o Horizonte E é aquele horizonte claro de máxima remoção de argila ou óxido de ferro.

de espessura, ou horizonte A chernozêmico¹⁴, quando o B incipiente apresentar argila de atividade alta e saturação por bases alta.

O luvisolo não cálcico é constituído de material mineral. Apresenta horizonte B textural com argila de atividade alta e alta saturação de bases, imediatamente abaixo de qualquer tipo de horizonte A, exceto A chernozêmico, ou sob horizonte E.

O neossolo litólico é um tipo de solo pouco evoluído. Constitui-se de material mineral ou orgânico com menos de 20cm de espessura e sem horizonte B diagnóstico. Horizontes glei, plíntico, vértico e A chernozêmico, quando presentes, não ocorrem em condição diagnóstica (EMBRAPA – CNPS, 2006. p. 167).

4.1.3 Vegetação

A vegetação predominante é a do tipo caatinga arbórea aberta ou densa, com carnaúbas. Ela não é diferente das áreas circundantes. A cultura do extrativismo colonialista que se implantou na região foi responsável pela destruição de toda a vegetação primitiva. Até as encostas foram desnudadas de vegetação. Delas se extraiu, durante séculos, madeira para construções, para carvoarias e para a prática da agricultura tradicional (Fig. 4 e 5).

A agricultura de vazante ou de lameiro substituiu toda a mata ciliar do Rio São Francisco. Sem a proteção natural das raízes das plantas, desmoronaram-se as barrancas marginais, assoreando todo o Rio, que se torna, dia a dia, mais largo e mais raso, dificultando a navegação, outrora intensa. Reduzida a vegetação, modifica-se o clima que se torna sempre mais seco (KESTERING, 2001, p. 62).

Com o acelerado processo de destruição e diminuição da vegetação local, as consequências podem ser observadas tanto na paisagem nativa quanto no clima. Este último modifica-se, tornando-se mais árido, reduzindo as vazões dos riachos tributários e do próprio Rio São Francisco.

¹⁴ Para Lepsch (2002, p. 81) são solos com textura incipiente ou alto teor de argila.

Figura 4 – Vegetação típica da unidade de pesquisa



Figura 5 – Vista geral da vegetação da caatinga na unidade de pesquisa



Nos boqueirões e nas grotas, bem como nas áreas circundantes, são encontradas pequenas roças com plantio de capim elefante, capim mandante, cana de açúcar e bananeiras, nos solos aluviais dos riachos intermitentes. Essas roças destinam-se prioritariamente ao plantio de capim para suplementação alimentar dos animais, no período da seca.

Nelas plantam-se, também, batata doce e mandioca para alimentação humana. Em tempos antigos, dizem os moradores, plantava-se em mais de metade dos boqueirões. A água foi diminuindo e hoje não se pode plantar mais que cem metros de roça de lameiro. Existem, também, mangueiras, goiabeiras, cajueiros, bananeiras e coqueiros em suas margens (Fig. 6).

As cercas são rústicas. Elas são construídas com muros feitos de blocos de quartzito sobre os quais são postas estacas e ramos de madeira entrelaçadas. A vegetação nativa, nesse trecho do riacho, é exuberante. Destacam-se na paisagem as enormes gameleiras com suas raízes que se infiltram nas fissuras dos maciços de quartzito, afastando blocos e criando grandes fendas. A população local zela das gameleiras por considerá-las de grande valor medicinal. Não há uma gameleira sequer nos Boqueirões que não tenha no seu tronco as cicatrizes dos cortes de onde se extraiu a seiva leitosa para uso medicinal. A fauna, nesse trecho do Boqueirão, é muito numerosa e diversificada (KESTERING, 2001, p. 63).

Figura 6 – Bananeiras cultivadas no Boqueirão da Serra da Caixa



A vegetação nativa atual da região onde se encontram as 12 feições de relevo pesquisadas pode ser caracterizada como caatinga hiperxerófila, pouco densa, de porte arbustivo. Sua composição é heterogênea, tanto nas baixas quanto nas altas vertentes das feições de relevo. Na parte alta, nota-se uma presença maior, devido, ao clima mais ameno. Percebe-se, contudo, que a vegetação original local era mais densa que a atual. Os cepos de várias plantas cortadas denunciam o raleamento e a depredação secular da flora. Na região da pesquisa em apreço, chama a atenção ainda, a enorme quantidade de plantas que nasceram nas fendas dos maciços de arenito e quartzito. Nessas fendas, as suas raízes se desenvolvem e crescem, exercendo altíssimas pressões que afastam grandes blocos e criam gretas onde se abriga boa parte das espécies locais: o mandacaru facheiro, o mandacaru de boi, o xiquexique e a gameleira.

4.1.4 Relevo

O relevo é apalachiano. Desenvolveu-se nas estruturas das serras que fazem parte da unidade de pesquisa, com altitudes de transição entre a Chapada Diamantina e a Depressão Sertaneja.

A Chapada Diamantina é um conjunto de relevos elevados. Suas altitudes variam de 1.000 m, na Serra do São Pedro, na extremidade sul da unidade de pesquisa a 438 m no Serrote da Batateira, junto à antiga Fazenda das Pedras, hoje submersa nas águas do Lago de Sobradinho. Destacam-se as seguintes serras: Serra do Saco da Onça, com 671 m de altitude, do Fundo do Saco, com 768 m de altitude, Serra Grande, com 741 m de altitude; Serra dos Caboclos, com 736 m de altitude; Serra do Jatobazinho, com 768 m de altitude; Serra do Mestre Campos, com 936 m de altitude; Serra do São Pedro com 1000 m de altitude; Serra do Grutilhão, com 908 m de altitude, Serra do Ronca, com 880 m de altitude, Serra de São Francisco, com 968 metros de altitude; Serra da Gameleira, com 1000 m de altitude e Serrote do Pau Ferro, com 722 m de altitude (Fig. 7).

A Depressão Sertaneja apresenta topografia quase plana. Nela os interflúvios constituem pediplanos mais ou menos conservados. Do alto da Chapada Diamantina, avistam-se morros residuais conhecidos como inselberges.

Figura 7 – Vista parcial do Serrote do Pau Ferro



Por apresentar relevos muito acidentados e de difícil acesso, há grandes dificuldades para a construção de estradas de acesso aos povoados da região de Sento Sé, bem como aos boqueirões e grotas (Fig. 8 e 9).

Figura 8 – Vista parcial do Boqueirão do Riacho das Traíras



Figura 9 – Vista parcial da Grotta de São José



Contudo, a análise paisagística (geomorfológica) tem demonstrado que a região pode ter sido uma área bastante propícia para ocupação e adaptação de grupos em diferentes períodos da Pré-história. Do alto das serras tem-se uma visão ampla do ambiente circundante. As serras podem ter servido para defesa contra animais predadores locais.

4.1.5 Recursos hídricos

Pela unidade de pesquisa passam vários riachos intermitentes. Os que fluem para o lado leste das serras deságuam no Riacho Tatauí, afluente do Rio São Francisco. Em períodos de fortes chuvas este riacho alcança uma vazão de 686 m³ por segundo. Ocorre, também, de permanecer seco durante vários anos, em períodos de longa estiagem.

São afluentes do Riacho Tatauí: o Riacho da Cacimba de Pedra, com nascente na Serra Baixa; o Riacho do Feijão, com nascente na Serra do Saco da Onça; o Riacho das Traíras, com nascente na Serra do Fundo do Saco; o Riacho das Varas, com nascente no Serrote do Salgado; o Riacho das Porteiras, com

nascente na Serra do Jatobazeiro; o Riacho do Bonsucesso, com nascente na Serra do Saquinho; o Riacho da Légua, com nascente na Serra do Mestre Campos; o Riacho Grande, com nascente na Serra de São Pedro e o Riacho São Pedro, com nascente na Serra do São Francisco.

Os riachos que fluem para o lado oeste deságuam no Riacho da Samambaia, também afluente intermitente do Rio São Francisco. Em períodos de fortes chuvas este riacho alcança uma vazão de 480 m³ por segundo. Ocorre, também, de permanecer seco durante vários anos, em períodos de longa estiagem.

São Afluentes do Riacho da Samambaia: o Riacho Pau de Colher, nascente na Serra do Mestre Campos; o Riacho da Pitombeira, nascente também na Serra do Mestre Campos; o Riacho Curral Novo, nascente na Serra do Bonsucesso e o Riacho das Salinas, nascente na Serra Grande.

4.1.6 Geologia

A presente Unidade de Pesquisa localiza-se numa zona de transição entre a Província São Francisco, correspondente ao Cráton¹⁵ do São Francisco ao sul e a Província de Borborema, ao norte. Abrange coberturas superficiais cenozóicas, veios de quartzo, rochas metassedimentares da Chapada Diamantina (Formação Tombador), do Sistema de Dobramentos Riacho do Pontal (Complexo Casa Nova), da Tectogênese Transamazônica, da Tectogênese Jequié, do Complexo Rio Salitre (Unidade Sobradinho) que cobrem rochas do Complexo Ortognáissico Bandado. (ANGELIM, 1997).

Na Unidade de pesquisa, a Cobertura Superficial Cenozóica (04) é composta por sedimentos areno-argilosos, próximo ao Lago de Sobradinho e pelo depósito de Tálus, nas encostas da Serra do Ronca e da Serra do Grutilhão. O sedimentos areno-argilosos são inconsolidados, de coloração esbranquiçada, com

¹⁵ Segundo Guerra (2003. p. 166), Cráton é uma grande área continental que sofreu pouca ou nenhuma deformação, desde o Pré-Cambriano, há cerca de 570 milhões de anos. Os crátons podem ser subdivididos em duas grandes áreas: uma central, conhecida por escudo, que é bastante estável, e uma plataforma marginal, formada por rochas sedimentares, que sofreram pequena movimentação.

granulação fina a média e recobertos por cascalheira. Tálus são sedimentos de organização caótica e mal selecionados que variam de matacão a argila.

Veios de Quartzo (10) são intrusões em que é comum encontrarem-se minerais de valor econômico como o cristal de quartzo hialino e a amethysta. Afloram próximo aos povoados de Piçarrão, Traíras e São Pedro.

O Grupo Chapada Diamantina (Formação Tombador) (16/17) está exposta num paredão verticalizado nos contrafortes norte da chapada, constituindo um desnível da ordem de 500m. Ela é constituída por arenitos finos a médios com cruzadas de grande porte, arenitos com intercalações pelíticas e conglomerados polimíticos desorganizados.

O sistema de Dobramentos Riacho do Pontal¹⁶ (Complexo Casa Nova) (18) está diretamente relacionado com o Complexo Rio Salitre (Unidade Sobradinho). Há superposições de algumas camadas inter-relacionadas. Compõe-se de uma associação litológica de micaxistos com intercalações subordinadas, apresentando uma sequência metassedimentar e quartzitos.

A Tectogênese¹⁷ Transamazônica de Regime Transcorrente (J4/J5) compõe-se de metagranitóides recobertos, às vezes, por rochas da Formação Tombador. São rochas de coloração cinza-claro, com granulações que variam de média a grosseira. Estão imersas numa matriz de granulação média composta por feldspatos, quartzo, muscovita e biotita.

A Tectogênese Jequié de Regime Compressivo (J13) situa-se próximo à Serra das Traíras. São metagranitóides leucocráticos de coloração esbranquiçada, creme, rosa-claro e cinza-claro, de granulação fina a média, também grosseira, estrutura gnáissica marcante, por vezes bandada.

O Complexo Rio Salitre (Unidade Sobradinho) (35/40), é uma sequência metavulcanossedimentar, com a presença de filitos/filonitos e xistos. Às vezes apresenta fácies de xistos verdes.

¹⁶ Esse sistema de dobramento limita o cráton do São Francisco na porção oeste de Pernambuco, noroeste da Bahia e sudeste do Piauí.

¹⁷ Segundo Guerra et al. (2003; p. 597) Tectogênese é o processo de formação de montanhas através dos processos de dobramentos e falhamentos.

A presente Unidade de Pesquisa localiza-se numa zona de transição entre a Província São Francisco, correspondente ao Cráton¹⁸ do São Francisco ao sul e a Província de Borborema, ao norte. Abrange coberturas superficiais cenozóicas, veios de quartzo, rochas metassedimentares da Chapada Diamantina (Formação Tombador), do Sistema de Dobramentos Riacho do Pontal (Complexo Casa Nova), da Tectogênese Transamazônica, da Tectogênese Jequié, do Complexo Rio Salitre (Unidade Sobradinho) que cobrem rochas do Complexo Ortognáissico Bandado. (ANGELIM, 1997).

Na Unidade de pesquisa, a Cobertura Superficial Cenozóica (04) é composta por sedimentos areno-argilosos, próximo ao Lago de Sobradinho e pelo depósito de Tálus, nas encostas da Serra do Ronca e da Serra do Grutilhão. O sedimentos areno-argilosos são inconsolidados, de coloração esbranquiçada, com granulação fina a média e recobertos por cascalheira. Tálus são sedimentos de organização caótica e mal selecionados que variam de matacão a argila.

Veios de Quartzo (10) são intrusões em que é comum encontrarem-se minerais de valor econômico como o cristal de quartzo hialino e a amethysta. Afloram próximo aos povoados de Piçarrão, Traíras e São Pedro.

O Grupo Chapada Diamantina (Formação Tombador) (16/17) está exposta num paredão verticalizado nos contrafortes norte da chapada, constituindo um desnível da ordem de 500m. Ela é constituída por arenitos finos a médios com cruzadas de grande porte, arenitos com intercalações pelíticas e conglomerados polimíticos desorganizados.

O sistema de Dobramentos Riacho do Pontal¹⁹ (Complexo Casa Nova) (18) está diretamente relacionado com o Complexo Rio Salitre (Unidade Sobradinho). Há superposições de algumas camadas inter-relacionadas. Compõe-se de uma associação litológica de micaxistos com intercalações subordinadas, apresentando uma sequência metassedimentar e quartzitos.

¹⁸ Segundo Guerra (2003. p. 166), Cráton é uma grande área continental que sofreu pouca ou nenhuma deformação, desde o Pré-Cambriano, há cerca de 570 milhões de anos. Os crátons podem ser subdivididos em duas grandes áreas: uma central, conhecida por escudo, que é bastante estável, e uma plataforma marginal, formada por rochas sedimentares, que sofreram pequena movimentação.

¹⁹ Esse sistema de dobramento limita o cráton do São Francisco na porção oeste de Pernambuco, noroeste da Bahia e sudeste do Piauí.

A Tectogênese²⁰ Transamazônica de Regime Transcorrente (J4/J5) compõe-se de metagranitóides recobertos, às vezes, por rochas da Formação Tombador. São rochas de coloração cinza-claro, com granulações que variam de média a grosseira. Estão imersas numa matriz de granulação média composta por feldspatos, quartzo, muscovita e biotita.

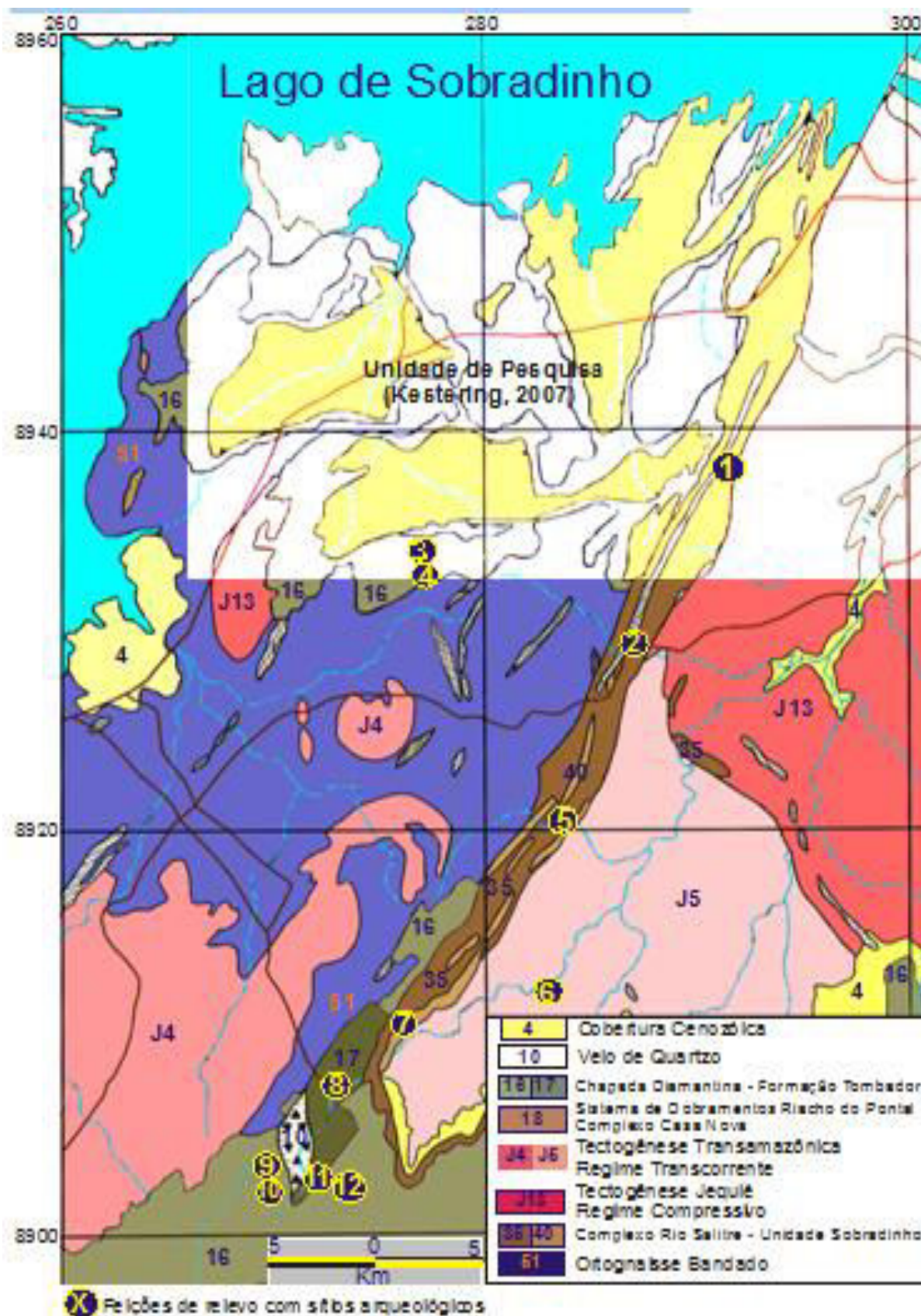
A Tectogênese Jequié de Regime Compressivo (J13) situa-se próximo à Serra das Traíras. São metagranitóides leucocráticos de coloração esbranquiçada, creme, rosa-claro e cinza-claro, de granulação fina a média, também grosseira, estrutura gnáissica marcante, por vezes bandada.

O Complexo Rio Salitre (Unidade Sobradinho) (35/40), é uma sequência metavulcanossedimentar, com a presença de filitos/filonitos e xistos. Às vezes apresenta fácies de xistos verdes.

O Complexo Ortognaisse Bandado (51) apresenta ortognaises bandados, parcialmente migmatizados de composição tonalítica/granodiorítica/granítica, com fácies do tipo anfibolito alto (Fig. 10).

²⁰ Segundo Guerra et al. (2003; p. 597) Tectogênese é o processo de formação de montanhas através dos processos de dobramentos e falhamentos.

Figura 10 – Esboço geológico com a distribuição espacial das feições de relevo com sítios arqueológicos (Fonte: Angelim, 1997, adaptado pelo autor)



4.1.7 Geomorfologia

A unidade de pesquisa é composta por 12 feições de relevo²¹, quais sejam sete boqueirões²², uma grotá²³ e quatro serrotes. Está localizada na região Noroeste da Chapada Diamantina. É formada por relevos que vão de aplainados ou ligeiramente ondulados, com a presença de serras semi-abruptas a abruptas, até altas serras com altitude de 1000 m.

Os boqueirões são entalhamentos resultantes da dissecação fluvial que erodiu, durante milhões de anos, o conjunto de rochas das serras (Fig. 11 a 19).

Figura 11 – Vista parcial do Boqueirão da Pedra Branca



²¹ Define-se como feição de relevo o local que apresenta características geomorfológicas específicas. Contudo o termo feição abrange elementos geomorfológicos, da geologia, biologia e hidrologia.

²² Segundo Kesting (2007) **Boqueirão** é um termo regional do Nordeste do Brasil para definir um cânion. Entende-se por cânion uma abertura ou garganta estreita aberta pela ação erosiva de rios atuais ou pretéritos.

²³ Kesting (2007) **Grotá** também é um termo regional do Nordeste do Brasil para definir depressões que se encontram nas encostas alcantiladas.

Figura 12 – Vista parcial do Boqueirão do Riacho das Traíras



Figura 13 - Vista parcial do boqueirão de São José

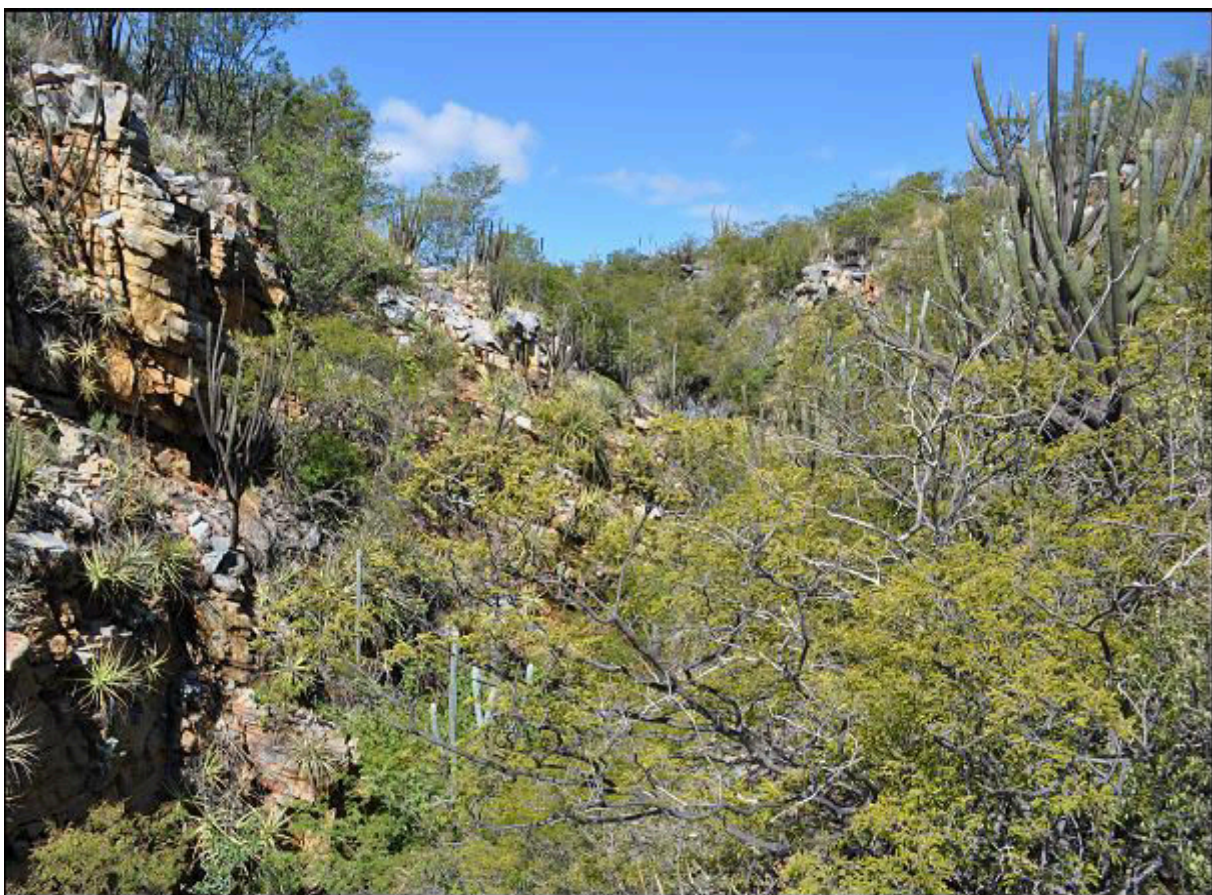


Figura 14 – Vista parcial do Boqueirão do Riacho do Bonsucesso



Figura 15 – Vista parcial do Boqueirão da Serra da Caixa



Figura 16 – Vista parcial do Boqueirão do Riacho de São Pedro



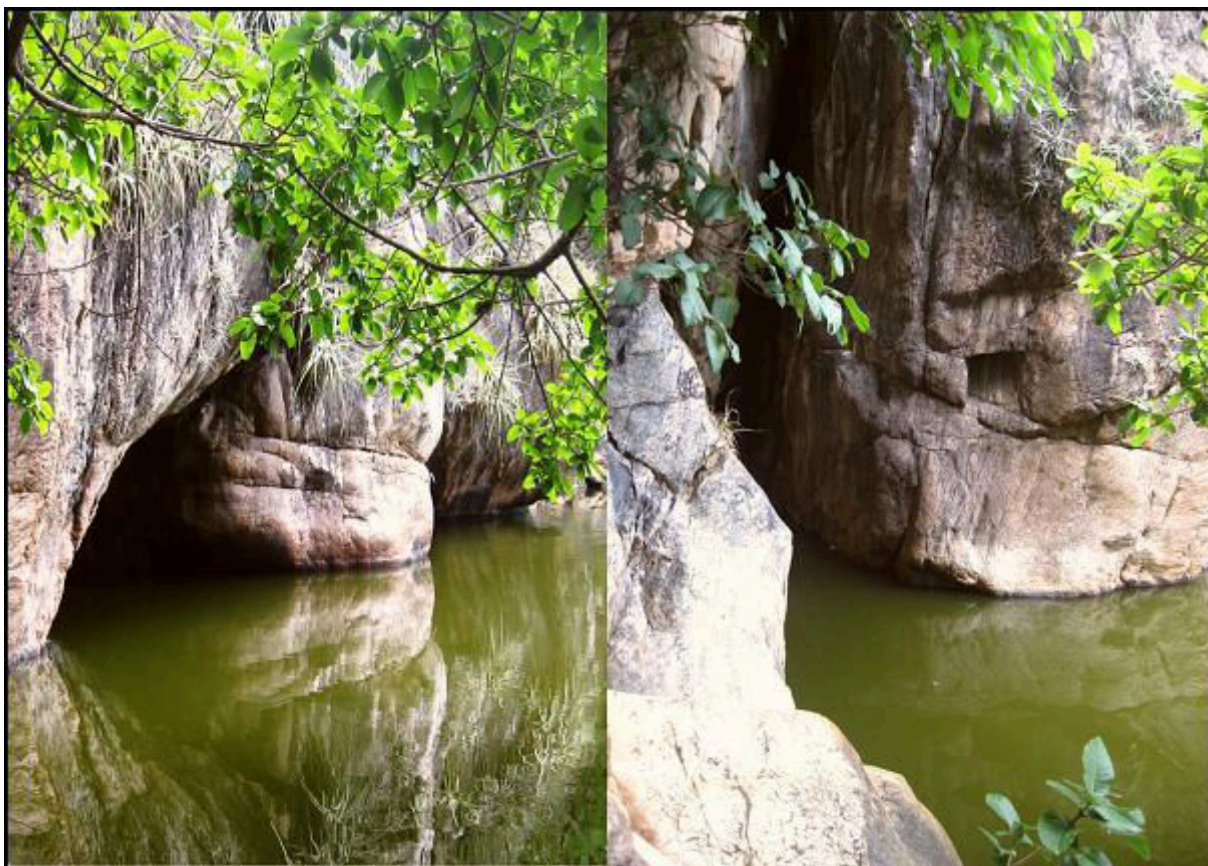
Figura 17 – Vista parcial do Boqueirão da Residência



Figura 18 – Dissecação fluvial no Boqueirão do Riacho das Traíras

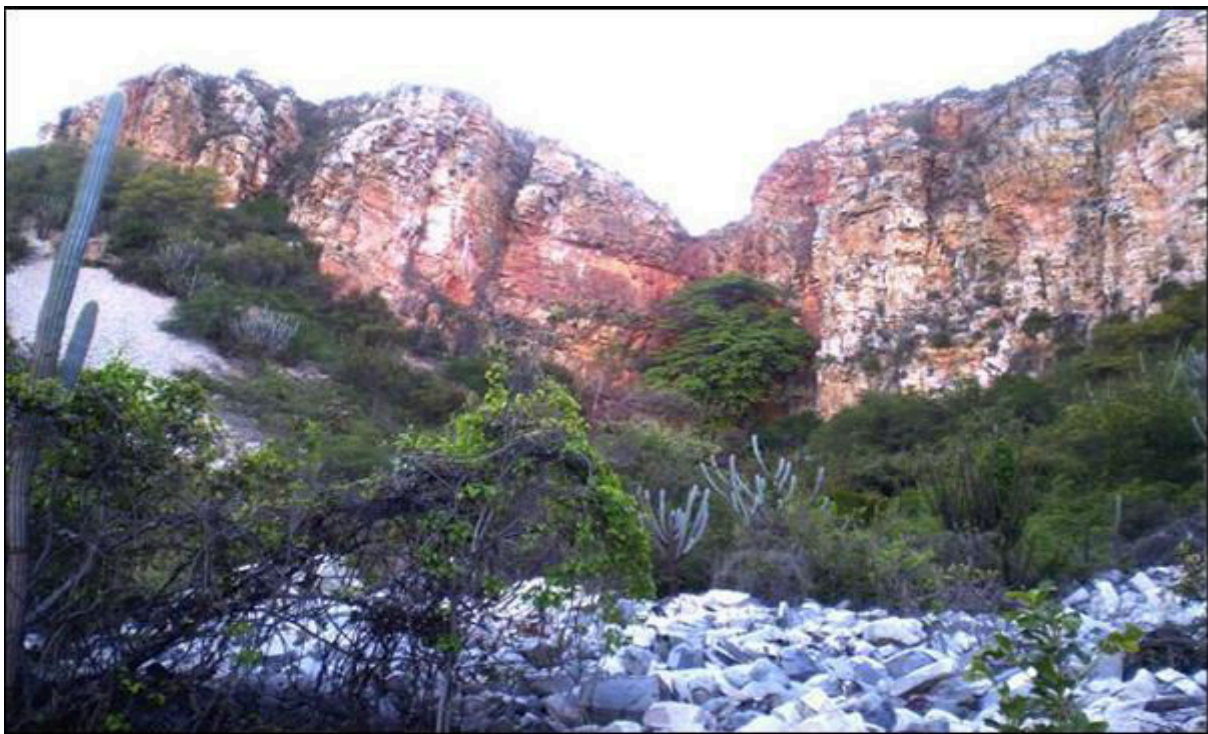


Figura 19 – Erosões feitas pelo Riacho do Bonsucesso



As grotas são recuos dos contrafortes da Chapada Diamantina. Elas apresentam forma côncava. Normalmente possuem fontes permanentes de água potável (Fig. 20).

Figura 20 – Vista parcial da Grota de São José



Os serrotes são morros residuais ou conjuntos de matacões que se sobressaem na paisagem, normalmente, sobre morros ou colinas (Fig. 21 a 24).

Figura 21 – Vista parcial do Serrote do São João

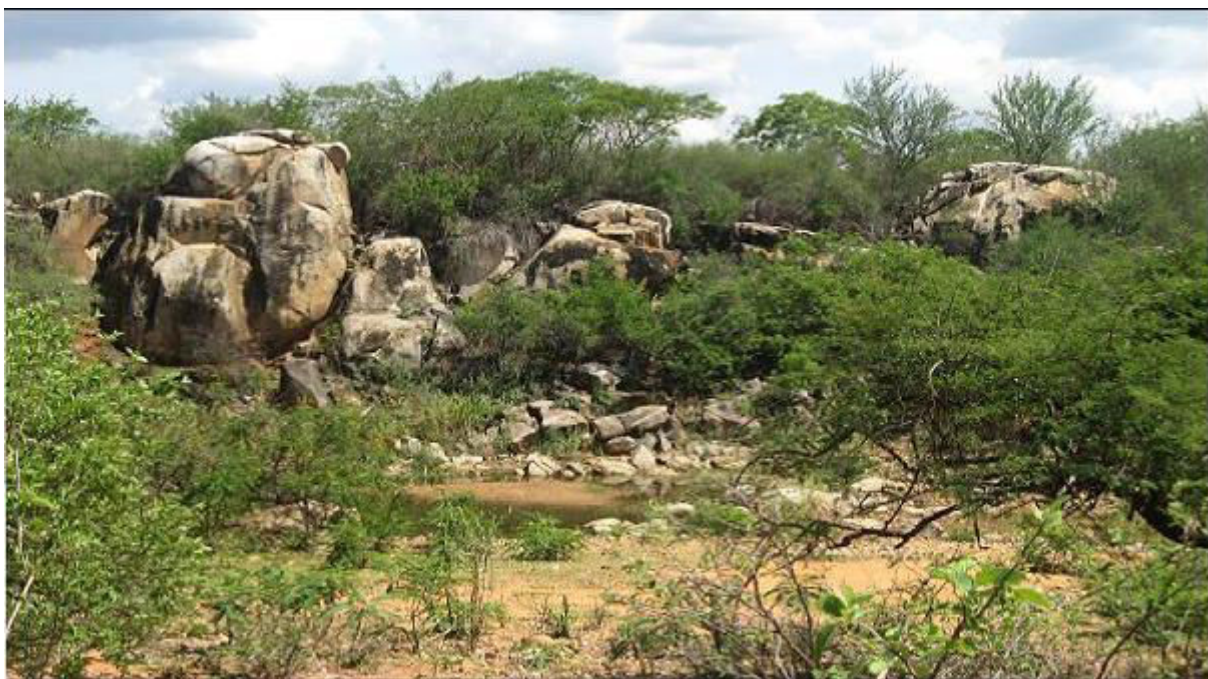


Figura 22 – Vista parcial do Serrote do Caldeirão do Manezinho



Figura 23 – Vista parcial do Serrote do Caldeirão da Tiririca

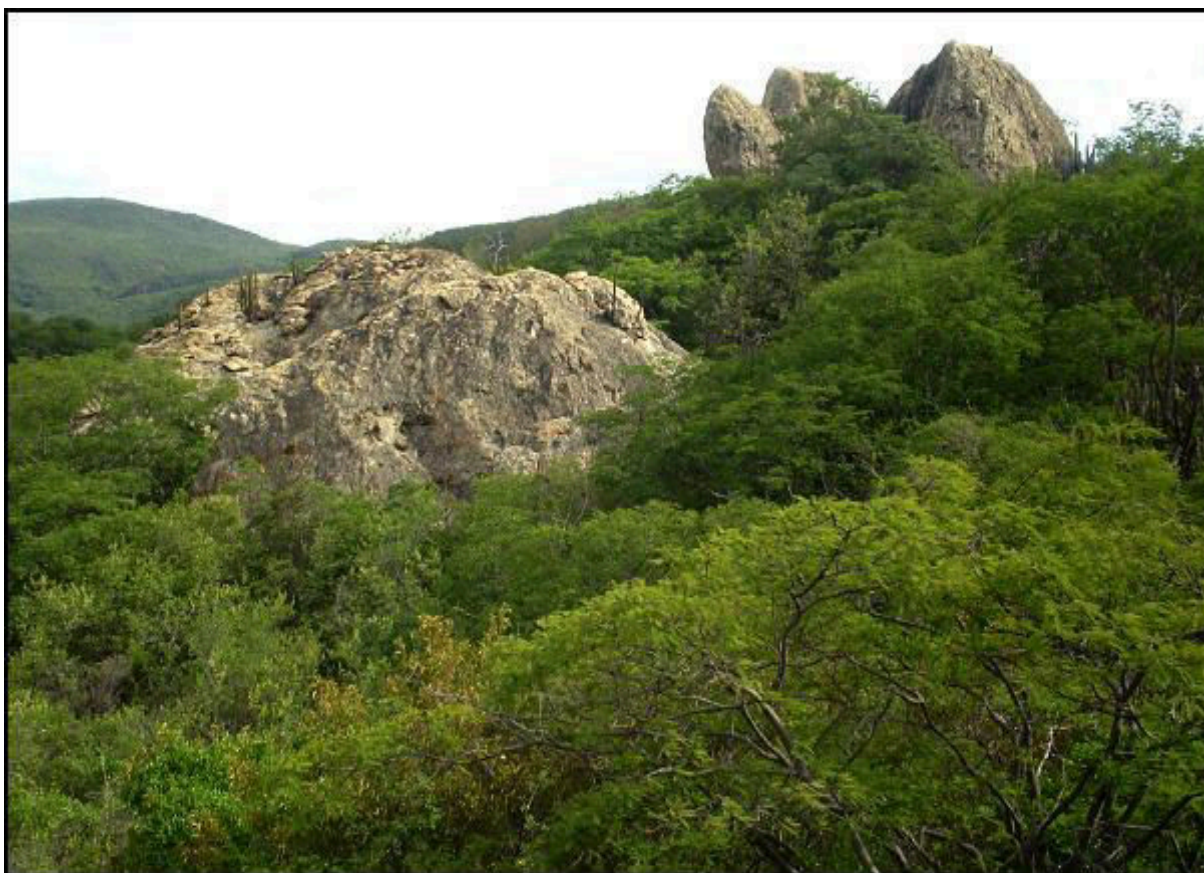


Figura 24 – Vista parcial do Serrote do Pau Ferro



4.1.8 Vestígios arqueológicos

Os conjuntos gráficos evidenciados encontram-se localizados nas altas, médias e baixas vertentes dos boqueirões, grotas e serrotes. Normalmente as feições de relevo têm poucos espaços abrigados. Nos serrotes, formados por grandes matacões, porém, há abrigos que permitiam a presença de grupos que poderiam se fixar ali por algum tempo. Vestígios comprovam essa ocupação. No Serrote do Caldeirão do Manezinho encontram-se artefatos da indústria lítica (Fig. 25) e, no Serrote do Caldeirão da Tiririca, estruturas de fogueiras.

No Boqueirão do Riacho das Traíras e no Serrote do Caldeirão da Tiririca, encontraram-se bases de pilão feitas em matacões (Fig. 26 e 27). São muito comuns as bases fixas de pilão sobre superfícies rochosas. Há delas no Boqueirão do Riacho das Traíras, no Boqueirão do Riacho do Bonsucesso, no Boqueirão da Serra da Caixa, no Serrote de São João, no Serrote do Caldeirão do Manezinho e no Serrote do Caldeirão da Tiririca (Fig. 28 a 30).

Figura 25 – Artefato lítico, no Serrote do Caldeirão do Manezinho



Figura 26 – Fragmento de uma base de pilão, junto ao povoado de Traíras



Figura 27 – Base de pilão, no Serrote do Caldeirão da Tiririca



Figura 28 - Bases fixas de pilão, no Boqueirão do Riacho das Traíras



Figura 29 – Bases fixas de pilão no Boqueirão do Riacho do Bonsucesso



Figura 30 – Base fixa de pilão, no Serrote de São João



As bases de pilão encontradas na região, normalmente estão próximas aos cursos de água ou áreas agricultáveis. Elas podem ter sido utilizadas e reutilizadas pelos diferentes grupos que ocuparam a região, da Pré-história ao Período Histórico. Segundo Prous (1992, p. 153) “*essas bases côncavas serviriam para a trituração de alimentos, bem como para a mistura de materiais, muitas vezes essenciais aos grupos locais*”. É provável que essas bases de pilão tenham sido utilizadas, também para polimento de artefatos da indústria lítica ou para mistura e produção de tintas utilizadas na prática gráfica.

A grande quantidade de batedores, moedores e mãos de pilão encontrados na região nos faz pensar a sua relação com parte da “área da cultura do milho”. “Este cereal, como base alimentar, era pilado, moído ou triturado e utilizado de diversas maneiras na alimentação. A diversidade de pilões de pedra que já foram encontrados e muitas vezes coletados em trabalhos anteriores na região, bem como os fotografados em rochas fixas, são testemunhas da sua difundida utilização na área. Em determinados locais onde não existem pilões, ou melhor, rochas, eles parecem ter sido trazidos de longe” (CALDERÓN, 1977, p. 35).

A respeito da inserção da região de Sento Sé e da Área Arqueológica de Sobradinho no contexto da cultura do milho presente na região, Kesting (2001, p. 36) diz que:

Independentemente da conclusão de que a Área Arqueológica de Sobradinho fazia parte da “área da cultura do milho”, os pilões podem ter sido utilizados para amassar tubérculos, raízes e frutas da região. A região de Sobradinho poderia fazer parte “da área da cultura da mandioca”, da “área da cultura da batata”, da “área da cultura do inhame”, como atestam os costumes preservados pelas populações ribeirinhas que continuaram praticando a agricultura de vazante e consumindo frutos típicos regionais, após a chegada do colonizador europeu.

É relativamente pequena a quantidade de gravuras. Elas foram encontradas somente no Boqueirão da Serra da Caixa (Fig. 31 a 33). Pessis (2002) as define como objetos gravados, achados em sítios arqueológicos. Elas são o produto resultante da ação de fazer voluntariamente incisões ou marcas sobre suporte de qualquer natureza, mediante a utilização de instrumentos, escolhidos na natureza ou feitos para esta finalidade.

As gravuras estão localizadas em áreas próximas aos cursos de água (Fig. 34). Elas estão expostas à chuva, ao vento, ao sol, a ações antrópicas e, quando no leito dos riachos, ao assoreamento que as submerge nos sedimentos.

Figura 31 – Gravura rupestre, no Boqueirão da Serra da Caixa

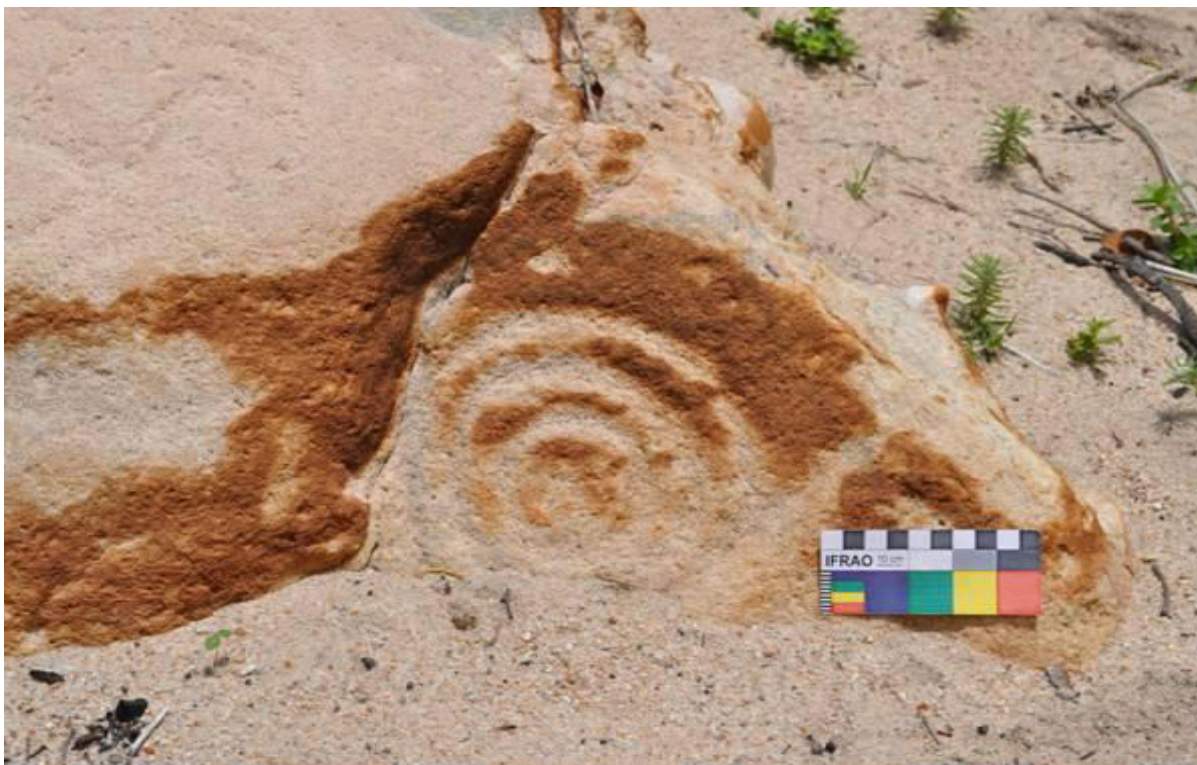


Figura 32 – Gravura rupestre, no Boqueirão da Serra da Caixa



Figura 33 – Gravura rupestre no Boqueirão da Serra da Caixa



No que se refere aos sítios históricos, destaca-se que eles são, em sua grande maioria, constituídos de velhas residências em ruínas, engenhos de farinha e estruturas de garimpagem (Fig. 34 a 36). São restos do que possuíam as famílias fixas junto aos riachos, boqueirões, grotas e serrotes em que havia fonte permanente de água. Eram famílias voltadas para o extrativismo local e para criação bovina em pequena e media escala.

Poucas famílias permanecem nessas áreas. Elas migraram para a zona urbana de cidades como Sobradinho, Sento Sé, Campo Formoso ou Juazeiro, no estado da Bahia, ou mesmo para alguma cidade do Rio de Janeiro ou São Paulo. *In situ*, conservam-se os testemunhos que resistem ao tempo. Esses testemunhos estão carregados de informações. Esperam pesquisadores para contar-lhes a história da faina diária das famílias que lá residiram. Outros, talvez queiram relatar histórias de amor e ódio, de superação e resistência, da vida em períodos cujo ambiente e contexto eram favoráveis. Quem sabe, haja quem prefira lembrar o dia em que as carroças tracionadas por indóceis jumentos transportaram o resto das tralhas até o povoado de Piçarrão ou de Traíras para, de lá acompanharem seus donos até mais adiante.

Figura 34 – Ruína da sede da fazenda, junto à Grota de São José



Figura 35 – Vestígios de uma casa de farinha, junto à Grota de São José



Figura 36 – Estrutura de garimpo abandonada junto à escarpa da Serra Grande



Nas 12 feições de relevo há 60 sítios arqueológicos²⁴ dos quais 43 têm pinturas rupestres. Segregaram-se 374 painéis²⁵, com 1.094 figuras (Tab. 1).

Tabela 1 – Feições de relevo com pinturas rupestres

Nº	Feições de relevo	Sítios arqueológicos
01	Boqueirão da Pedra Branca	01
02	Boqueirão do Riacho das Traíras	11
03	Boqueirão de São José	02
04	Grota de São José	03
05	Boqueirão do Riacho do Bonsucesso	08
06	Serrote de São João	03
07	Boqueirão da Serra da caixa	02
08	Boqueirão do Riacho São Pedro	02
09	Serrote do Caldeirão do Manezinho	03
10	Serrote do Caldeirão da Tiririca	04
11	Serrote do Pau Ferro	02
12	Boqueirão da Residência	02
Total		43

²⁴ Sítio arqueológico é a menor unidade de espaço físico identificada pelo arqueólogo que pode variar de um acampamento efêmero a uma grande cidade. Para pinturas rupestres, sítio arqueológico é uma unidade litológica contínua, com vestígios arqueológicos, abertura, orientação, altura, comprimento e coordenadas que permitam localizá-lo e distingui-lo de outros que se encontrem na mesma feição de relevo ou na região.

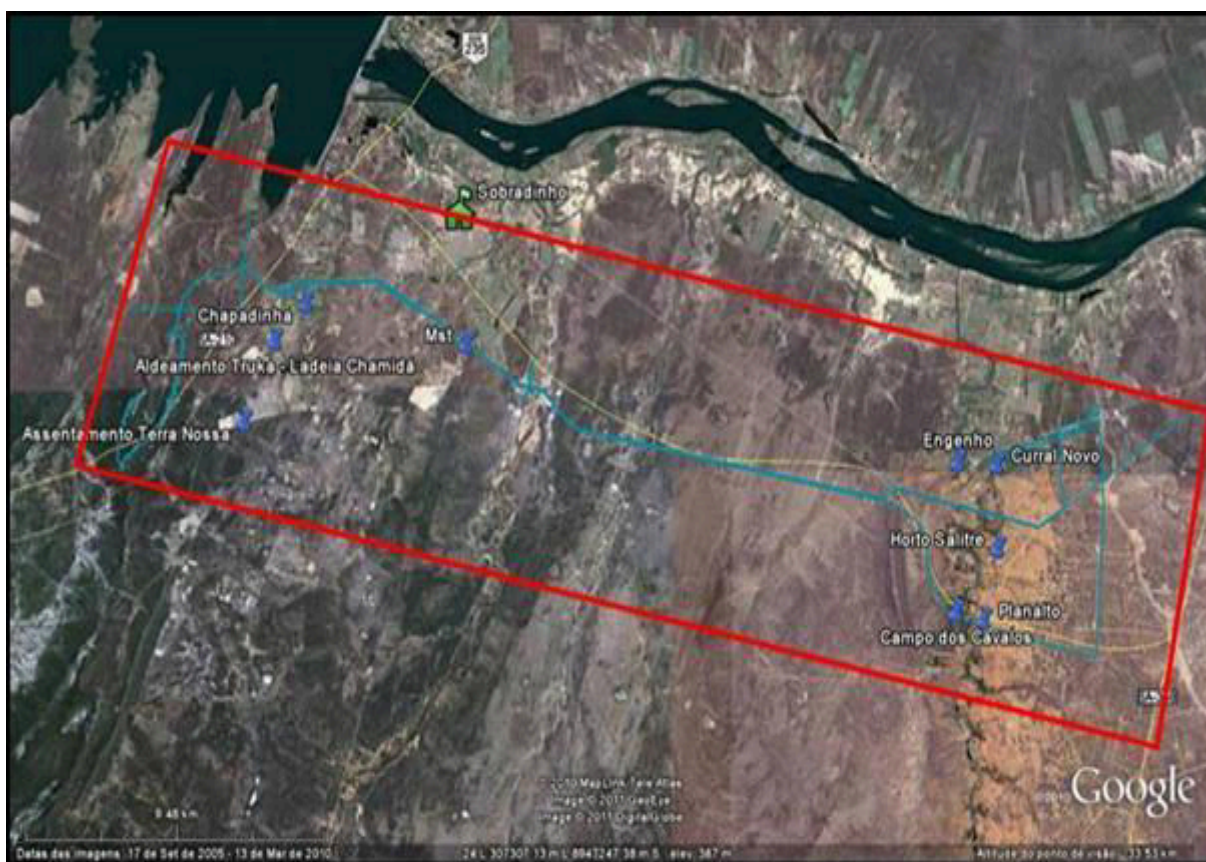
²⁵ Segundo Kesting, 2007: entende-se por painel o conjunto de grafismos segregado a partir de critérios arbitrários, no interior do sítio arqueológico para atender aos objetivos da pesquisa.

4.1.9 Exploração econômica atual

Na Unidade de Pesquisa predomina a agropecuária, com criação de caprinos e ovinos. Pratica-se, também, a agricultura de sequeiro, nos boqueirões, nas grotas, junto às nascentes e nos aluviais das margens dos riachos. Cultiva-se milho, mandioca, mamona, feijão, melancia e jerimum, também, em pequenas roças junto aos povoados. Quando não se está cultivando as roças, extrai-se cristal de rocha, no garimpo ou se pratica a caça de subsistência.

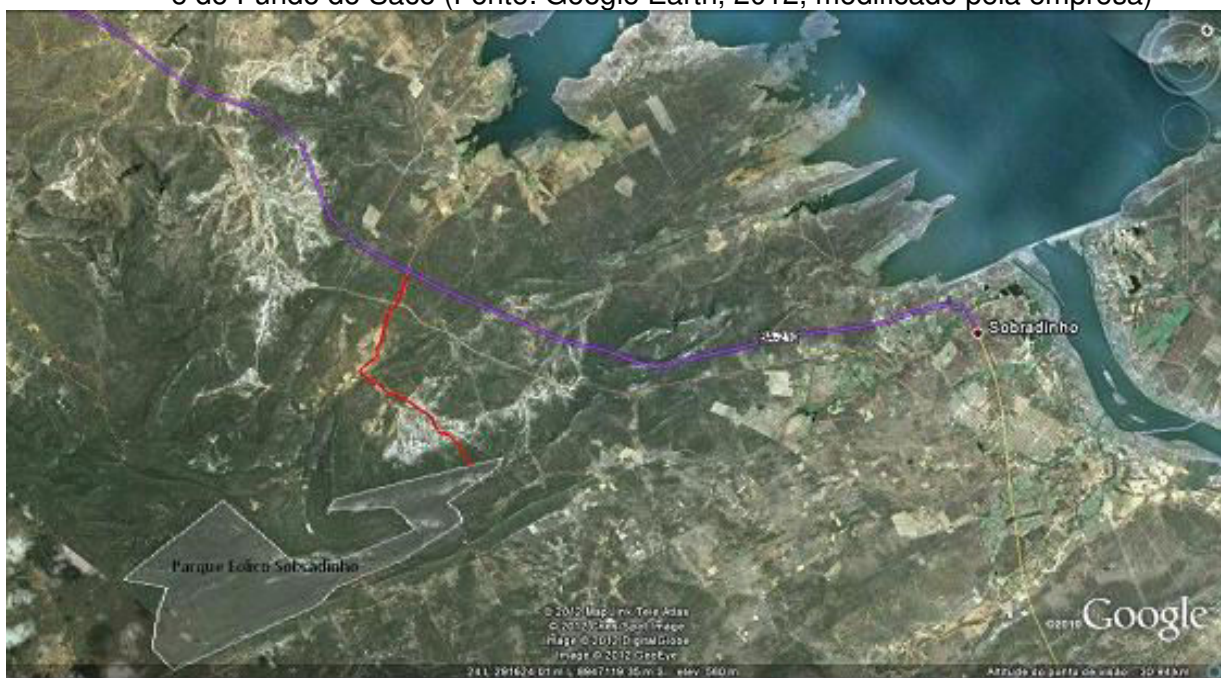
Desde o segundo semestre de 2011, estão sendo implantados alguns parques eólicos, na Serra do Olho D'Água; nas serras do Saco da Jurema; do Saco da Onça e do Fundo do Saco e na Serra do São Pedro. Os projetos são constituídos, basicamente, de conjuntos de Usinas, no topo das serras, de acessos a partir da rodovia BA-210 e de linhas de distribuição LD 69 KV (Fig. 37 e 38).

Figura 37 – Parque eólico da Serra do Olho D'Água (Fonte: Santana *et al*, 2011)



No que tange à implantação de empreendimentos dessa natureza deve-se minimizar o impacto sobre patrimônio cultural e ambiental para preservá-los.

Figura 38 – Parque Eólico de Sobradinho, nas serras do Saco da Jurema, do Saco da Onça e do Fundo do Saco (Fonte: Google Earth, 2012, modificado pela empresa)



Preservar implica salvaguarda e divulgação de maneira objetiva de um referido patrimônio e os seus diversos acessos à sociedade em geral, contribuindo assim para sua proteção e valorização. A preservação depende da consciência coletiva que se constrói em longo prazo (KESTERING, 2003).

A transformação da paisagem provocada pelos empreendimentos pode ser observada do centro da cidade de Sobradinho – BA, e de vários pontos do entorno. No que tange a implantação de um empreendimento dessa natureza deve-se levar em consideração o impacto da mesma no que fere a preservação do patrimônio cultural de toda a área afetada. Uma vez que na área direta e indireta do projeto encontram-se sítios arqueológicos.

Destroem-se elementos paisagísticos a fim de legitimar o projeto de desenvolvimento que se fez para ampliar o progresso na área. A necessidade impõe que se planeje o futuro. Há que se preservar, porém o que as gerações passadas produziram e/ou conservaram. Na área de abrangência dos projetos, quantidades expressivas de vegetação, sedimentos e rejeitos estão sendo descartadas nas encostas. Elas causam impacto visual em feições de relevo da Chapada Diamantina, Formação Tombador, que integra o Patrimônio Natural de Sobradinho – BA (Fig. 39). O desequilíbrio ambiental do entorno é necessário para a preservação dos fragmentos do sistema de comunicação que se herdou dos grupos pré-históricos.

Figura 39 – Rejeitos despejados na encosta da Serra do Olho D'Água



Sem a proteção e conservação do entorno, os registros rupestres estão sujeitos ao desaparecimento de uma forma bastante acelerada. A proposta de criação de um Parque que promova o expurgo das comunidades do entorno, para a implantação de projetos que contemplem apenas a natureza, também, não parece ser a mais adequada para o contexto das serras da unidade de pesquisa.

Sugere-se a implantação de Áreas de Proteção Ambiental – APAs para manter as populações locais junto às ditas áreas de proteção ambiental e cultural. Justifica-se esta proposta, pelo que se pode observar durante as pesquisas de campo realizadas durante vários anos na região. Nota-se o desejo e a necessidade de estimular a relação de pertencimento, afeto e respeito aos painéis de pintura rupestre e outros elementos do patrimônio arqueológico.

Preserva-se, ainda, em vários povoados, a crença nos encantados. Há lugares, no entorno próximo dos sítios arqueológicos, dentro dos boqueirões e das grotas onde se colocam oferendas para as divindades do campo. Deixam-se, nesses locais, comida, fumo e velas acesas, numa tentativa de contatos espirituais com

seus antepassados. Há, de fato, relação de ancestralidade indígena por parte dessas pessoas (SANTOS, 2010 – comunicação pessoal).

Apesar da impossibilidade de se atribuir significados às figuras rupestres, a Arqueologia praticada na região está avançando de maneira bastante positiva. Buscam-se, atualmente mecanismos de trabalho que permitam repassar os conhecimentos adquiridos pelos pesquisadores às comunidades envolvidas nas unidades de pesquisa. Parte-se do pressuposto de que a população em geral é, de fato, a herdeira maior do patrimônio que se pesquisa e se preserva.

A aliança do saber arqueológico com o saber popular poderá viabilizar a proteção do patrimônio natural e cultural que resiste à ação deletéria do tempo. As populações locais externam um sentimento de satisfação por verem o interesse de pesquisadores em estudar “as letras dos caboclos”. Para elas as pinturas rupestres contam histórias dos grupos que viviam lá. Referem-se ao prazer das caboclas quando se banhavam no rio ou namoravam na sombra dos talhados onde estão as pinturas. Para eles “quando os professores se interessarem pelas histórias desses grupos antigos, os estudantes e a população valorizarem mais a natureza, o governo investirá mais na preservação cultural e ambiental do que as empresas depredadoras, nas pedrarias e carvoarias (KESTERING, 2012).

Sem a participação da população local, a Arqueologia não tem sentido algum. Ela deve contribuir para o resgate da autoestima coletiva dos sertanejos da região. No que se refere à Arqueologia praticada na Área Arqueologia de Sobradinho, observa-se uma tentativa exaustiva de ampliar junto às comunidades a noção de pertencimento no que tange ao seu patrimônio.

Percebe-se que a noção de pertencimento e apropriação desse legado está ocorrendo em algumas comunidades. O caminho a se percorrer ainda é bastante longo, mas avalia-se como promissora a relação do patrimônio arqueológico pré-histórico com a história dos moradores atuais. Necessita-se de políticas públicas e de investimentos que reforcem esse sentimento de pertencimento.

Necessita-se que a consciência de preservação e conservação seja sempre mais fortalecida. Para isso, há necessidade de políticas de manuseio e divulgação desse patrimônio que vem sendo estudado e divulgado. As comunidades da área precisam ter a devida atenção, no que se refere aos vestígios de seu passado.

4.1.10 Estado de conservação das pinturas

Uma boa análise para identificação de estruturas, temática e técnica, que permitam segregar identidades, depende da integridade das pinturas. Alguns suportes apresentam maior quantidade, densidade e variedade morfológica de grafismos, o que nem sempre comprova preferências dos autores porque podem ser o resultado de melhor conservação dos sítios em relação a outros. A velocidade de degradação de um painel de pintura rupestre depende da estrutura, composição, porosidade, permeabilidade da rocha e das condições ambientais. O sítio arqueológico de hoje pode ser, por isso, muito diferente do que foi no momento da ocupação pré-histórica (KESTERING, 2007).

Observa-se na unidade de pesquisa que, apesar da importância dos registros gráficos para a compreensão da cultura de extintas populações, os mesmos nem sempre têm recebido a devida atenção. As pinturas rupestres das diversas feições de relevo trabalhadas aqui e de tantas outras localizadas da Área Arqueológica de Sobradinho – BA encontram-se expostas a diversos fatores que, em alguns momentos contribuem para a sua conservação e, em outros, de maneira mais expressiva para a sua degradação.

Devido à ausência de políticas de conservação e de educação patrimonial em todo o Município de Sento Sé – BA, as pinturas rupestres nem sempre tiveram a devida atenção. Foi e é constante a destruição causada pelo vandalismo, tendo as pichações e as queimadas como fatores principais. É possível que os pichadores não tenham a intenção de descaracterizar as pinturas. É provável, também, que os responsáveis pela depredação patrimonial desconheçam o valor simbólico agregado ao registro que está sendo destruído. Muitas vezes as ações partem de um desconhecimento da importância do local, resultando em grafiteagem com tintas e pigmentos diversos (Fig. 40 e 41), picotagem com materiais perfurantes. Na maioria dos casos, o dano é irreversível. Isso ocorre, principalmente com a fuligem provocada por queimadas e com o acúmulo de lixo que atrai mais insetos para o sítio.

Figura 40 – Pichações em diferentes cores, no Boqueirão do Riacho de São Pedro.



Figura 41 – Pichação em tinta vermelha, no Boqueirão da Serra da Caixa



Além da prática freqüente da pichação, encontram-se também vestígios de queimadas que contribuem de maneira significativa para a destruição do patrimônio arqueológico. Para ver-se livre de plantas que considera serem daninhas, a população local põe fogo na macambira e em outras espécies vegetais fixas nos suportes. Queima, assim, a mata nativa e provoca a destruição de painéis inteiros de pintura rupestre (Fig. 42 e 43).

Figura 42 – Escarpas chamuscadas, no Boqueirão do Riacho das Traíras



Figura 43 – Escarpas chamuscadas. Boqueirão do Riacho das Traíras. Sento Sé – BA



Contudo, não são as ações antrópicas as únicas responsáveis pela degradação de sítios arqueológicos. As ações naturais do meio ambiente também contribuem na destruição de painéis de pintura rupestre. Atuam aspectos geomorfológicos, geológicos, a água, o vento, o sol, os insetos e as raízes de plantas fixas nos suportes (Fig. 44 e 45). Esses processos causam a desagregação das rochas, com separação de grãos minerais antes coesos. Com sua fragmentação transformam rochas maciças em material friável.

Figura 44 – Painel de pintura, exposto ao sol, ao vento e à chuva



Figura 45 – Vegetação que cresce nas fissuras dos suportes



O sistema radicular das plantas atua de forma mecânica, criando fraturas que se alargam, com o tempo, promovendo a desagregação do suporte rochoso. Esse processo de fratura da rocha é conhecido também como deslocamento, pois muitas vezes placas inteiras se desagregam.

Um dos principais agentes do intemperismo físico é a variação de temperatura. Ao longo das estações do ano e do próprio decorrer do dia, a oscilação na temperatura do ambiente causa expansão e contração térmica no suporte rochoso, o que leva à fragmentação dos grãos minerais (LAGE, 2006).

Os agentes do intemperismo químico alteram a constituição mineral da rocha, transformando-as. A água é o principal agente de intemperismo químico porque ela infiltra-se e percola. O intemperismo químico ocorre por hidratação, dissolução, hidrólise (total ou parcial), acidólise (total ou parcial) e oxidação.

Existem outros fatores de degradação que não se encaixam nos agentes físicos e químicos de atuação. Alguns autores classificam-nos como intemperismo biológico. O intemperismo biológico consiste na ação de microorganismos vivos na decomposição da rocha. Esse tipo de intemperismo atua pela ação de bactérias, fungos, líquens, algas, insetos (principalmente térmitas e vespas) e pela ação de vegetação (LAGE, 2005).

Mesmo sendo um processo lento e quase imperceptível, o vento é responsável pela abrasão que desgasta a rocha, fazendo com que os pigmentos que compõem as inscrições rupestres sejam desprendidos da parede rochosa.

Ainda que alguns painéis estejam protegidos por reentrâncias da rocha, a maioria encontra-se exposta aos raios solares que promovem a descoloração das pinturas. O problema da exposição dos painéis de pintura aos raios solares pode ser resolvido com a preservação da mata nas proximidades dos paredões rochosos.

A chuva é outro fator que ajuda a destruir o patrimônio arqueológico, quer seja pelo impacto direto sobre as pinturas ou pelo escoamento da água sobre as mesmas. O fluxo da água da chuva é responsável pelo desaparecimento de muitas pinturas, porque desgasta os seus pigmentos ou cobre-os parcial ou totalmente com minerais dissolvidos da rocha (KESTERING, 2006). Nos sítios encontrados, esse tipo de degradação é constante. Muitas pinturas estão parcialmente encobertas por uma camada de sedimentos minerais na cor branca (Fig. 46).

Figura 46 – Minerais de cor branca cobrem painéis de pintura rupestre



Para evitar que este processo descaracterize os sítios, deve-se adotar medidas profiláticas como a instalação de pingadeiras que desviem o curso da água, de modo que esta não atinja as pinturas. Esta ação é feita em vários sítios arqueológicos do Parque Nacional da Serra da Capivara, na região Sudeste do Piauí onde, com esta medida de conservação, pôde-se notar um grande avanço no processo de consolidação e preservação das pinturas rupestres (LAGE, CAVALCANTE e GONÇALVES, 2007).

Os insetos também degradam painéis de pintura rupestre. Abelhas, vespas e cupins estabelecem-se sobre as pinturas. Ao serem retiradas as suas casas, fragmentos das pinturas desprendem-se da parede, deteriorando parte desse patrimônio (Fig. 47 e 48). Para que este processo de degradação seja evitado, é necessária a manutenção de animais nativos como o tamanduá que se alimenta de cupim e os pássaros que se alimentam de insetos, no entorno dos sítios. Eles evitam a proliferação destes insetos que deterioram os painéis de pintura rupestre, mantendo o equilíbrio ambiental que ajuda a conservar o patrimônio arqueológico (PUCCIONE e FIGUEIREDO, 2006).

Figura 47 – Casa de Maria pobre sobre painel de pintura rupestre



Figura 48 – Pinturas rupestres desgastadas por sais e por deslocamento



São também responsáveis pela degradação das pinturas os microorganismos, como os fungos que se vêem sobre as paredes rochosas. O seu estabelecimento sobre as pinturas faz com que estas sejam danificadas pela ação corrosiva de ácidos húmicos ou no momento de sua retirada. O melhor controle da ação dos fungos pode ser a aplicação de produtos químicos, com grande observação, para que esta não interfira na composição do painel (LAGE, 2007).

É necessária a compreensão de que as ações naturais são irreversíveis. Elas são causadas pelos aspectos inerentes ao meio, como a degradação natural da própria rocha, os afloramentos minerais, a penetração hídrica que atinge a rocha, a expansão e retração da mesma pela incidência solar (ainda que esta seja calculada em escalas milimétricas), o estabelecimento de insetos ou mesmo o seu desprendimento. Em comum, estes conduzem a um mesmo resultado inevitável que é a perda do patrimônio e das informações nele contidas. Portanto nota-se a necessidade de desenvolvimento de medidas preventivas para os sítios rupestres da unidade de pesquisa e sua ampliação para outras feições com vestígios arqueológicos na Área Arqueológica de Sobradinho – BA.

Os sítios arqueológicos são considerados um bem cultural da humanidade. Quando se trata de sítios com registro rupestre acrescenta-se a ele o valor de patrimônio natural, cuja valoração vem crescendo, considerando-se que a interação homem e meio ambiente é o cenário onde são forjados os atributos da identidade dos autores. A conservação dos sítios com pinturas rupestres está diretamente ligada ao equilíbrio ambiental e fatores de degradação natural, devido ao suporte material ou substância em que as pinturas se encontram. O suporte rochoso está exposto constantemente a fatores de degradação. Para manter e transmitir o patrimônio representado pelas pinturas rupestres realizam-se atividades de conservação no suporte material que as contém (LAGE, 2005).

Ressalta-se que os principais fatores que vêm contribuindo para a destruição dos sítios arqueológicos nas 12 feições de relevo da unidade de pesquisa estão presentes em toda a Área Arqueológica de Sobradinho – BA. Observa-se a necessidade de desenvolvimento de medidas preventivas para todos os sítios de registros gráficos da região.

É necessário que se apliquem medidas que preservem a harmonia visual e estética dos painéis. Retirem-se, de maneira cuidadosa, os agentes biológicos. Realizem-se limpezas de fungos, raízes e outros elementos que cobrem as pinturas rupestres, na tentativa de identificar elementos caracterizadores de identidades. Protejam-se os grafismos de exposições a fatores como sol, chuva, vento e outros elementos degradantes, tornem-se reconhecíveis os grafismos que, por fatores antrópicos, naturais e biológicos encontrem-se irreconhecíveis. É importante frisar ainda a construção de pingadeiras ou coberturas para proteção dos sítios, utilizando material dos arredores.

A construção de passarelas e pontos de informação e orientação para os turistas, juntamente com placas de informações referentes aos sítios arqueológicos e aos elementos animais, minerais e vegetais que compõem o ecossistema local parece ser uma solução também aplicável, na tentativa de preservar esse patrimônio. É fundamental ainda a criação de normas para sistematizar os procedimentos que ajudem a conservar as pinturas rupestres, os sítios arqueológicos e todo o entorno. É relevante a capacitação de pessoal local para atuar junto à identificação, caracterização, conservação e preservação desse patrimônio.

Atualmente, um banco de dados que contempla elementos de conservação e registro vem sendo elaborado, na tentativa de minimizar os impactos sofridos pelo patrimônio rupestre. Busca-se, com o mesmo, sistematizar os dados desse tipo de análise para, com isso, atuar e proporcionar mecanismos que permitam salvaguardar a rica cultura material região.

5 ANÁLISE DAS PINTURAS RUPESTRES E RESULTADOS

5.1 ESTRUTURA DOMINANTE (COGNOSCIBILIDADE)

Inicia-se a análise com a segregação de conjuntos de pinturas pelo critério Da cognoscibilidade. Com base nesse critério, são analisadas todas as pinturas da unidade de pesquisa, mesmo que não se possa observar se possuem elementos e delimitações que permitam reconhecer se são conhecíveis ou reconhecíveis.

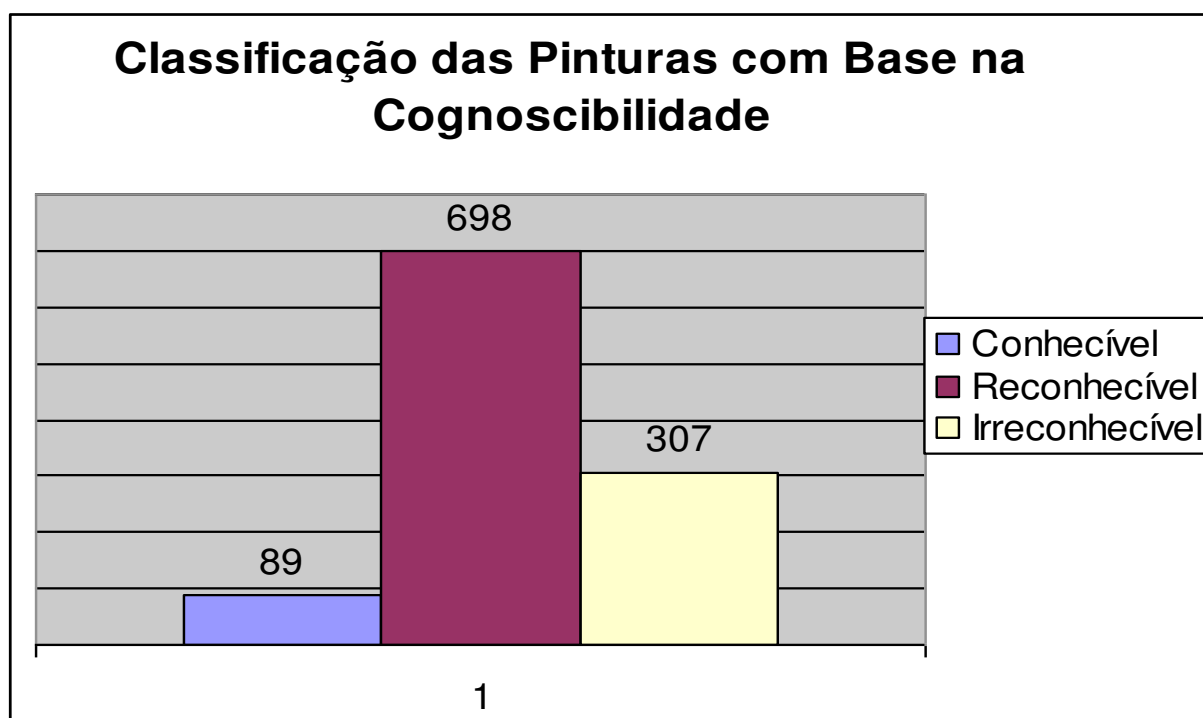
Nos 43 sítios de registros gráficos analisados, tendo como parâmetro a cognoscibilidade, identificaram-se 89 pinturas conhecíveis, 698 reconhecíveis e 307 irreconhecíveis, totalizando a quantidade de 1.094 unidades (Tab. 2; Fig. 49).

Tabela 2 – Classificação das pinturas com base no reconhecimento

Nº.	Nome do Sítio	Conhecível	Reconhecível	Irreconhecível	Total
01	Pedra Branca	-	33	05	38
02	Traíras 1	09	21	01	31
03	Traíras 2	01	21	03	25
04	Traíras 3	-	22	-	22
05	Traíras 4	-	13	02	15
06	Traíras 5	01	03	01	05
07	Traíras 6	01	37	09	47
08	Traíras 7	-	09	07	16
09	Traíras 8	-	04	02	06
10	Traíras 9	-	01	02	03
11	Traíras 10	-	12	-	12
12	Traíras 11	-	10	03	13
13	São José 1	-	01	-	01
14	São José 2	-	02	01	03
15	São José 3	-	05	01	06
16	São José 4	01	52	13	66
17	São José 5	11	13	14	38
18	Bonsucesso 1	05	30	06	41
19	Bonsucesso 2	05	07	04	16
20	Bonsucesso 3	-	02	-	02
21	Bonsucesso 4	-	12	02	14
22	Bonsucesso 5	-	01	-	01
23	Bonsucesso 6	08	05	04	17
24	Bonsucesso 7	01	14	04	19
25	Bonsucesso 8	05	08	03	16
26	São João 1	-	03	-	03
27	São João 2	-	03	-	03
28	São João 3	-	03	-	03
29	Serra da Caixa 3	08	19	02	29
30	Serra da Caixa 5	-	43	20	63
31	São Pedro 1	-	02	02	04
32	São Pedro 2	06	74	27	107
33	Manezinho 1	03	19	28	50

34	Manezinho 2	-	10	10	20
35	Manezinho 3	13	09	-	22
36	Tiririca 1	-	14	34	48
37	Tiririca 2	-	29	35	64
38	Tiririca 3	-	01	-	01
39	Tiririca 4	01	36	30	67
40	Pau Ferro 1	04	14	02	20
41	Pau Ferro 2	-	01	01	02
42	Residência 1	-	02	01	03
43	Residência 2	06	78	28	112
Total		89	698	307	1.094

Figura 49 - Classificação das pinturas com base na cognoscibilidade



5.2 TEMÁTICA

Para a identificação de padrões temáticos, analisam-se as figuras dos 43 sítios cadastrados. A confiabilidade da análise depende da qualidade das fotografias e do estado de conservação das pinturas. Não são analisados, por isso, os grafismos irreconhecíveis.

Pelo critério da temática, identificam-se as preferências nas formas que os autores de uma determinada sociedade utilizam para representar realidades (PESSIS, 1992). Temática é o germe a partir do qual se podem desenvolver

diferentes composições para representar realidades. As realidades podem pertencer ao mundo imaginário ou material. Não se pode interpretá-las, porque não se dispõe do código de interpretação dos autores. Seu reconhecimento é possível na peculiaridade das formas. Identifica-se a sua ocorrência ou recorrência, assim como se pode, sem conhecimento de teoria musical, reconhecer diferentes formas e agenciamentos das notas que definem as temáticas musicais. As temáticas das figuras conhecíveis caracterizam-se pela representação de expressões corporais ou atributos de identidade, como ornamentação, forma e tamanho. Nas figuras reconhecíveis, caracterizam-se pela presença de elementos básicos da geometria descritiva e seu agenciamento nas unidades gráficas (KESTERING, 2007).

Kesting (2007) estabeleceu recorrências temáticas (RT) para os grafismos conhecíveis e reconhecíveis da Área arqueológica de Sobradinho. Aquelas pinturas que não se repetiram foram classificadas como não recorrentes (NR).

Compararam-se os painéis de pinturas rupestres das 12 feições de relevo trabalhadas aqui com aquelas estudadas por Kesting (2007), Lima Filho (2010), Alves (2012), Reis (2012) e Duarte (2012), buscando identificar recorrências temáticas (RT). As figuras que apresentarem temática correspondente com as pinturas definidas por esses autores serão consideradas como recorrentes (RT), e as temáticas novas identificadas serão consideradas não recorrentes (NR), seguindo a classificação estabelecida pelos autores citados acima.

5.2.1 Figuras conhecíveis

Em 9 das 12 feições de relevo analisadas nesta pesquisa identificou-se um universo de 89 figuras conhecíveis.

5.2.1.1 Figuras conhecíveis recorrentes

Das 89 figuras conhecíveis, 87 representam temáticas recorrentes (RT) e 2, não recorrentes (NR). As recorrências temáticas são assim distribuídas: 9 antropomorfos de braços erguidos (RT – 01); 5 antropomorfos de braços fletidos (RT – 02); 9 antropomorfos de braços abertos (RT – 03); 10 antropomorfos miniaturais

redondos (RT – 04); 3 pássaros de asas fechadas (RT – 06); 9 pássaros de asas abertas (RT – 07); 2 mãos (RT – 08); 9 Lagartos (RT – 09); 21 mamíferos (RT – 10); 8 quelônios (RT – 11) e 2 antropomorfos com um braço erguido e outro fletido (RT-79) (Tab. 3; Fig. 50 a 59).

Tabela 3 – Figuras conhecíveis recorrentes

N.	Temáticas ²⁶	Feições de Relevo ²⁷												Total
		01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	11	12	
01	RT – 01	-	-	-	-	-	-	-	03	05	01	-	-	09
02	RT – 02	-	-	-	-	02	-	-	-	03	-	-	-	05
03	RT – 03	-	05	-	-	-	-	02	-	02	-	-	-	09
04	RT – 04	-	02	-	-	-	-	02	-	04	01	-	01	10
05	RT – 05	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
06	RT – 06	-	01	-	-	-	-	-	01	-	-	-	01	03
07	RT – 07	-	-	-	06	03	-	-	-	-	-	-	-	09
08	RT – 08	-	-	-	-	02	-	-	-	-	-	-	-	02
09	RT – 09	-	03	-	-	06	-	-	-	-	-	-	-	09
10	RT – 10	-	02	-	04	10	-	02	02	01	-	-	-	21
11	RT – 11	-	-	-	01	-	-	01	-	02	-	03	01	08
12	RT - 79	-	-	-	-	-	-	-	-	02	-	-	-	02
TOTAL		-	12	-	11	23	-	07	06	18	02	04	03	87

²⁶ RT-01: Antropomorfo de braços erguidos; RT-02: Antropomorfo de braços fletidos; RT-03: Antropomorfo de braços abertos; RT-04: Antropomorfo miniatural redondo; RT-05: Antropomorfo de cabeça ornamentada; RT-06: Pássaro de asas fechadas; RT-07: Pássaro de asas abertas; RT-08: Mão; RT-09: Lagarto; RT-10: Mamífero; RT-11: Quelônio.

²⁷ 1. Boqueirão da Pedra Branca – 137 (1 sítio); 2. Boqueirão do Riacho das Traíras – 004 (11 sítios); 3. Boqueirão de São José – 020 (2 sítios); 4. Grotta de São José – 021 (3 sítios); 5. Boqueirão do Riacho do Bonsucesso – 005 (8 sítios), 6. Serrote de São João – 007 (3 sítios); 7. Boqueirão da Serra da Caixa – 008 (2 sítios); 8. Boqueirão do Riacho São Pedro – 009 (2 sítios); 9. Serrote do Caldeirão do Manezinho – 168 (3 sítios); 10. Serrote do Caldeirão da Tiririca – 010 (4 sítios); 11. Serrote do Pau Ferro – 169 (2 sítios) e 12. Boqueirão da Residência – 012 (2 sítios).

Figura 50 – Gráfico referente às figuras conhecíveis

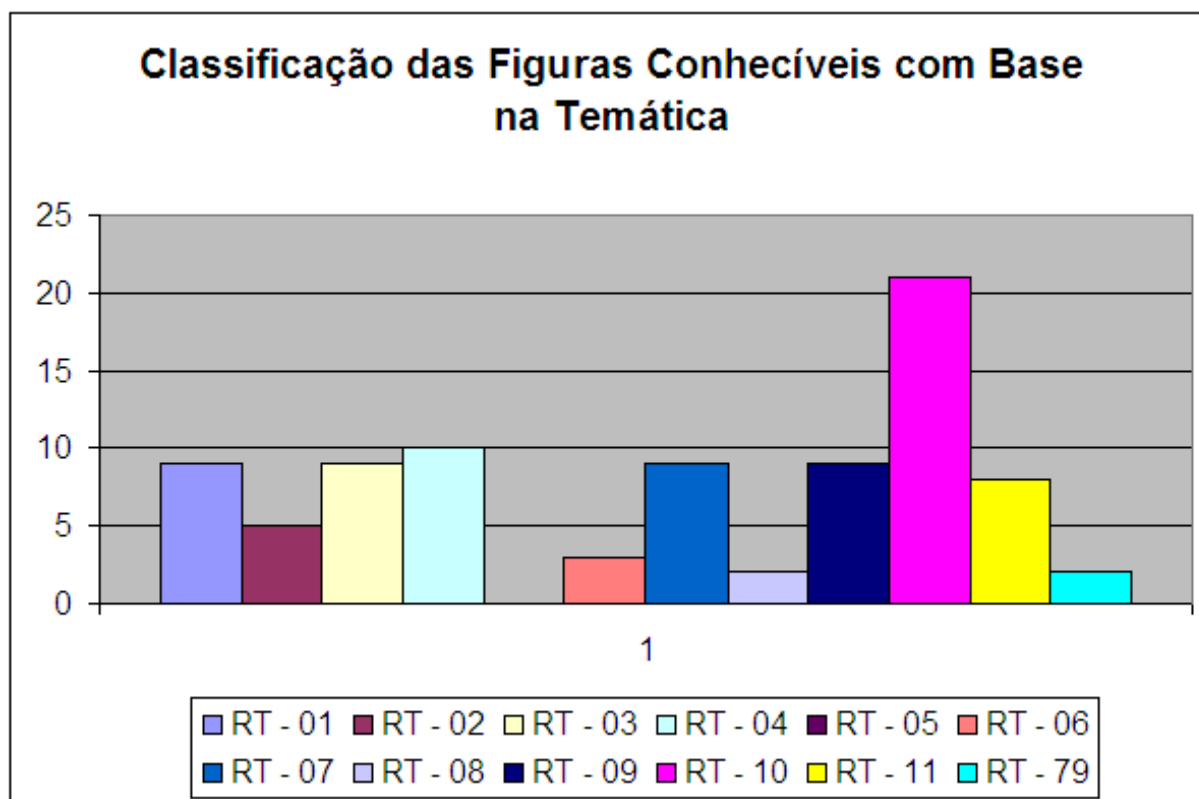


Figura 51 – Recorrência temática – RT-01 (antropomorfo de braços erguidos)

Olho D'Água - 002.6 (Fonte: Kesting, 2007)

Tiririca - 010.4 - Painel 04



Figura 52 – Recorrência temática RT-02 (antropomorfo de braços fletidos)
 São Gonçalo – 014.9 (Fonte: Kesting, 2007) Bonsucesso 005.1 - Painel 01



Figura 53 – Recorrência temática RT-03 (antropomorfo de braços abertos)
 Toca do Tupiná (Fonte: Kesting, 2007) Escarpa do Mulungu (Painel 01)



Figura 54 – Recorrência temática RT-04 (antropomorfo miniatural redondo)

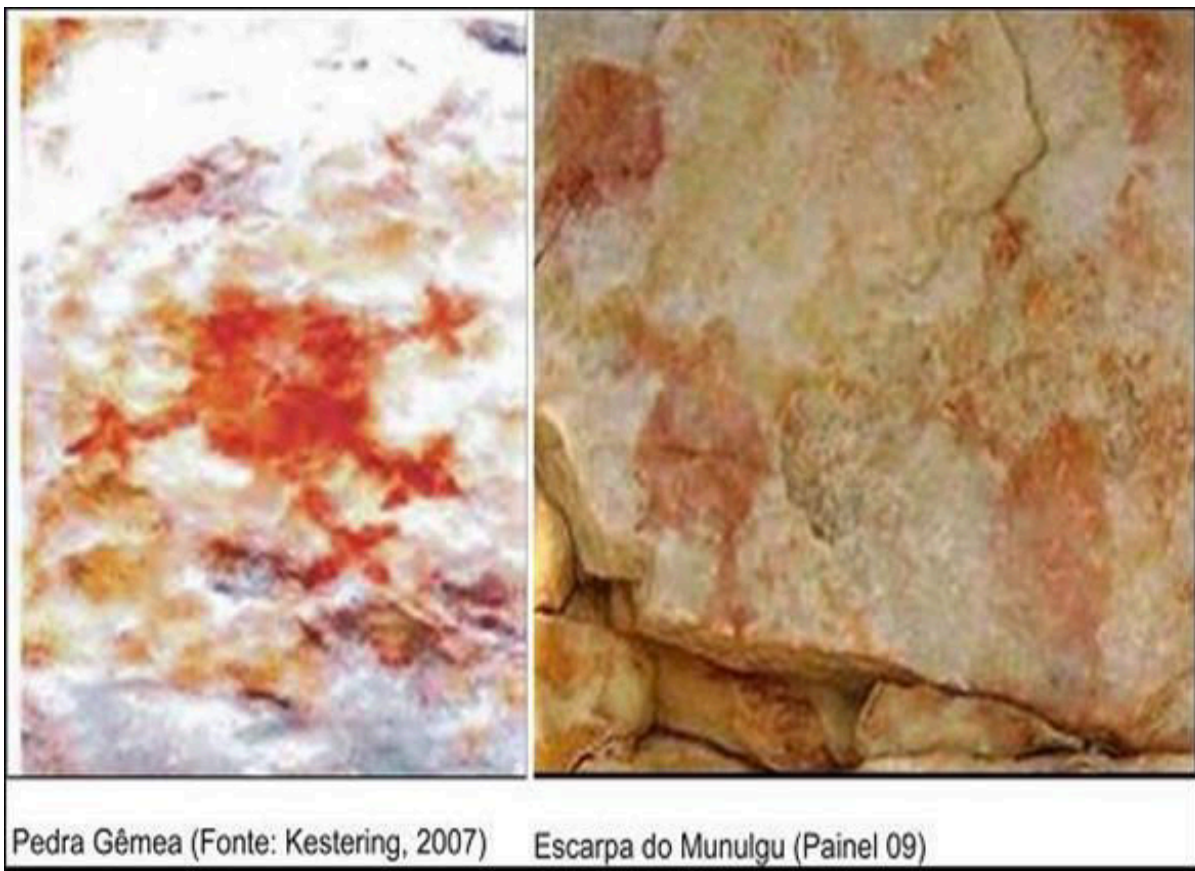


Figura 55 – Recorrência temática RT-06 (pássaro de asas fechadas)

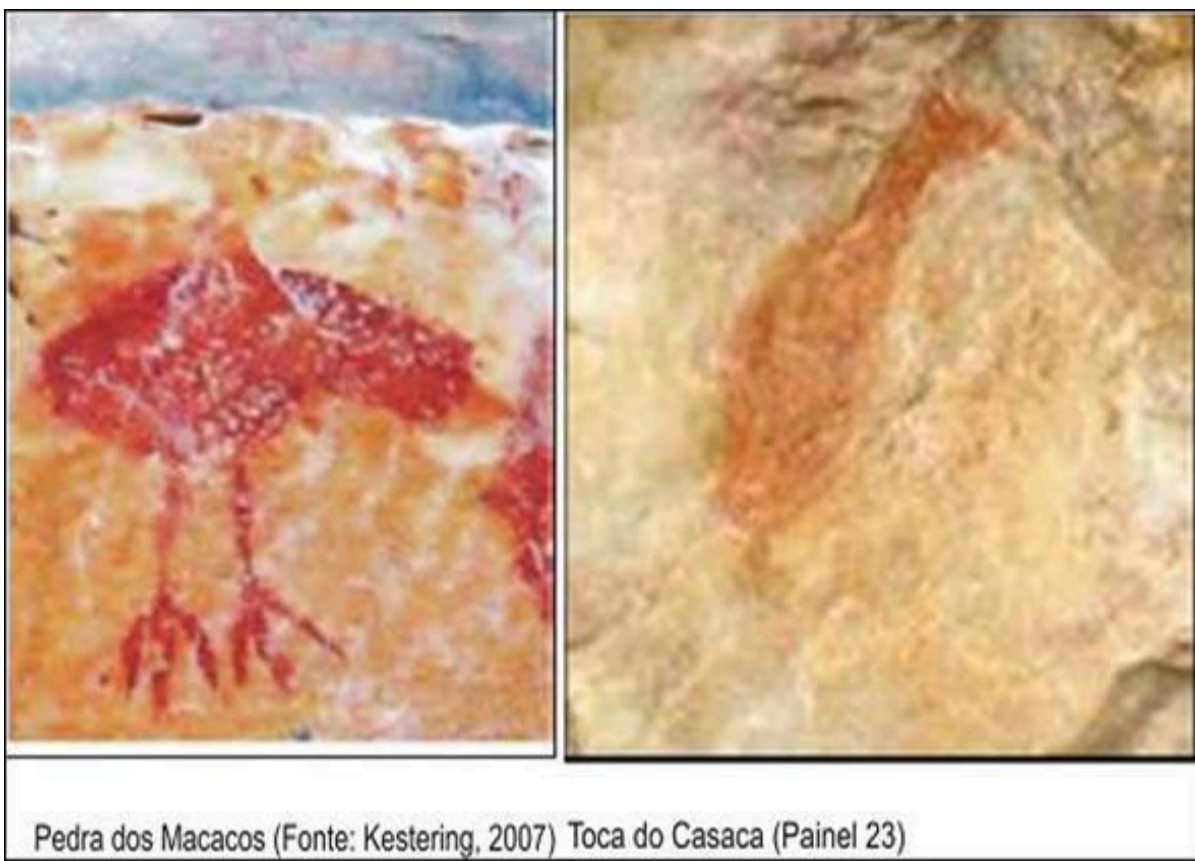


Figura 56 – Recorrência temática RT-07 (pássaro de asas abertas)
São Gonçalo – 014.11 (Fonte: Kesting, 2007) Bonsucesso 005.1 - Painel 06



Figura 57 – Recorrência temática RT-08 (mãos)
Brejo de Dentro – 017.15 (Fonte: Kesting, 2007) Bonsucesso 005.8 - Painel 03

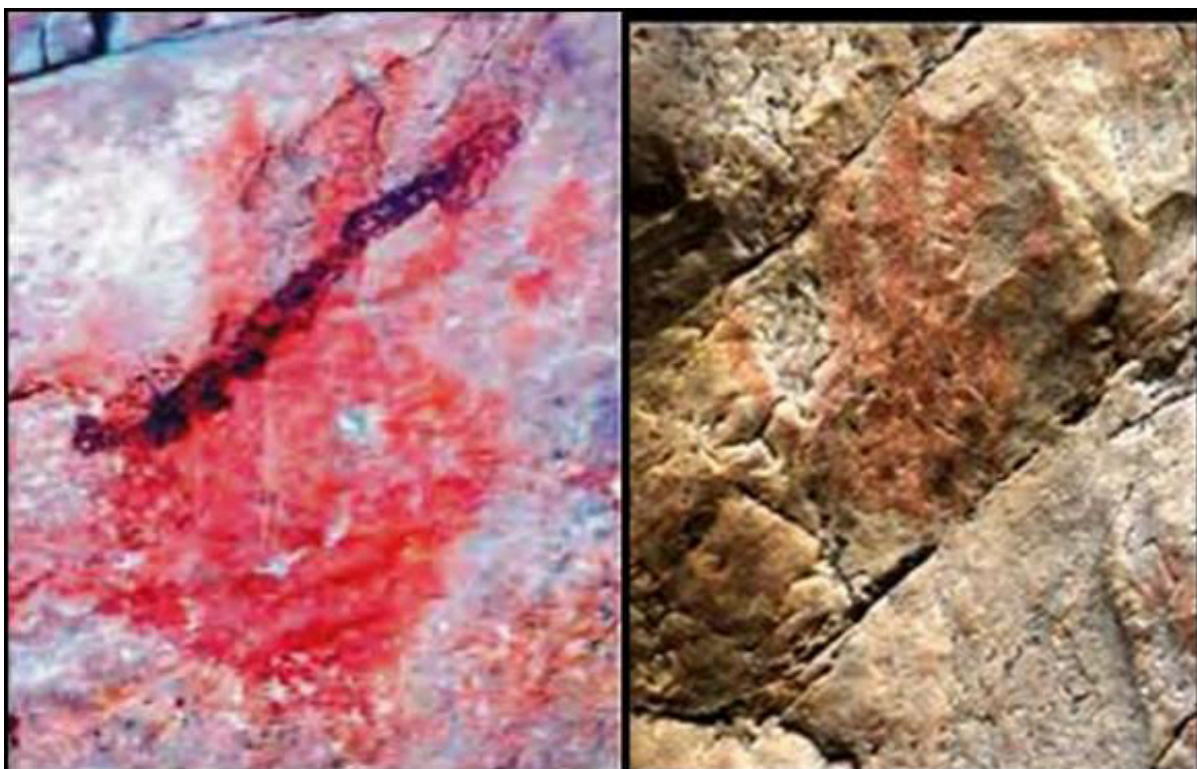


Figura 58 – Recorrência temática RT-09 (lagarto)

São Gonçalo – 014.8 (Fonte: Kesting, 2007) Bonsucesso – 005.2 - Painel 0 2



Figura 59 – Recorrência temática RT-10 (mamífero)

São Gonçalo – 014.8 (Fonte: Kesting, 2007) Bonsucesso - 005.2 - Painel 01



Figura 60 – Recorrência temática RT-11 (quelônio)

Olho D'Água – 002.6 (Fonte: Kesting, 2007) Residencia - 005.2 - Painel 11

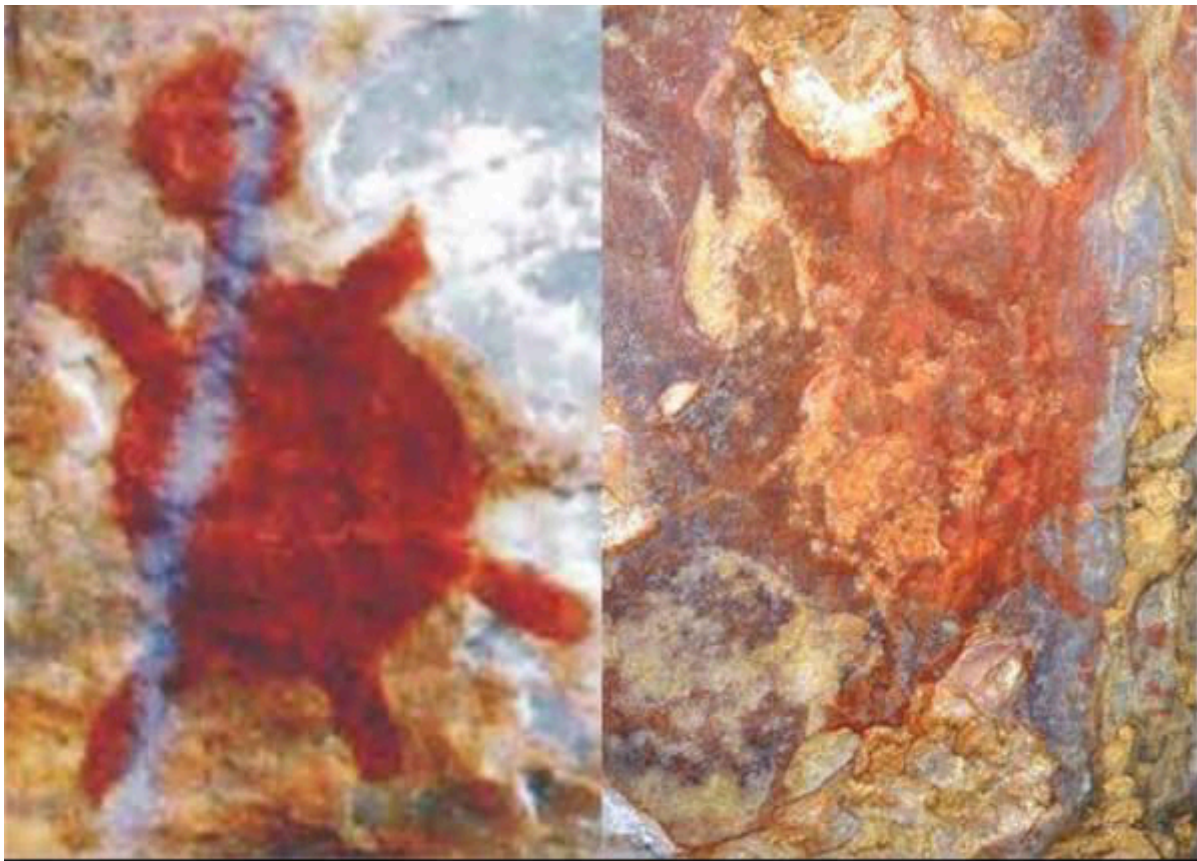


Figura 61 – Recorrência temática - RT-79 (antropomorfo com um braço erguido e outro fletido)

Tiririca – 010.4 - Painel 10

Manezinho – 168.3 - Painel 01



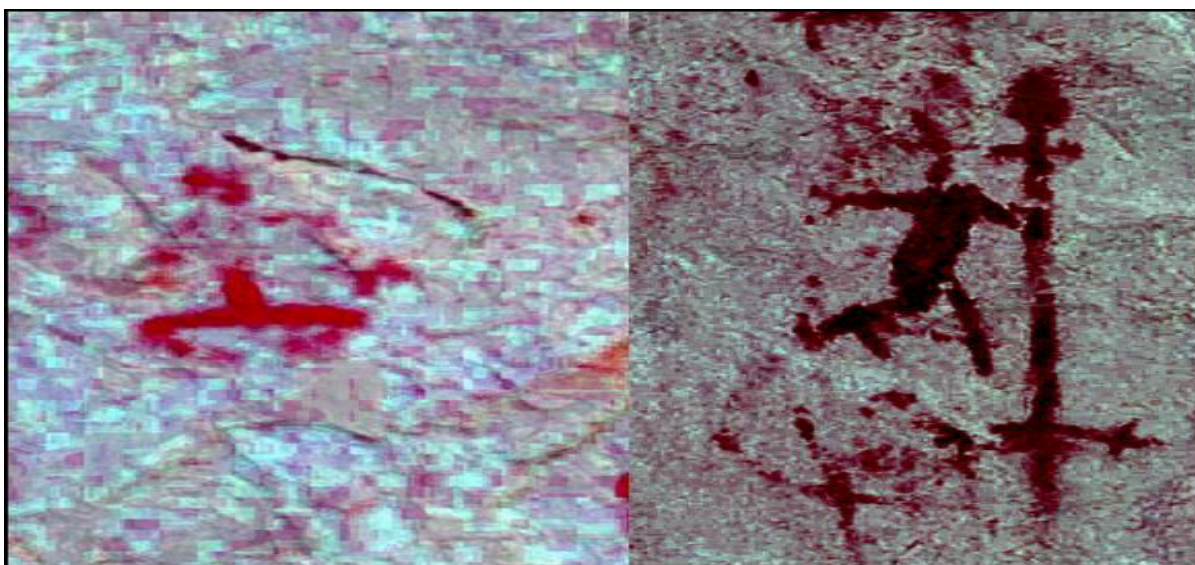
5.2.1.2 Figuras conhecíveis não recorrentes

Identificaram-se duas figuras que não são recorrentes. Uma representa um antropomorfo agachado e outra, um antropomorfo com cajado. Obedecendo-se a sequência de Kesting (2007, p. 83), caracteriza-se o antropomorfo agachado como NR-05 e o antropomorfo com cajado como NR-06 (Fig. 62)

Figura 62 – Temáticas não recorrentes NR-05 e NR-06

Manezinho – 168.3 - Painel 01 (NR-05)

Manezinho – 168.3 – Painel 01 (NR-06)



5.2.2 Figuras reconhecíveis

Das 698 figuras reconhecíveis, 559 apresentam temáticas recorrentes, 18 não recorrentes e 121, devido ao estado de deterioração dos painéis, não apresentam temática identificável.

5.2.2.1 Figuras reconhecíveis recorrentes (Tab. 4; Fig. 63 a 117).

Tabela 4 – Figuras reconhecíveis recorrentes

N.	Temáticas	Feições de Relevô												Total
		01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	11	12	
01	RT – 12	-	45	03	06	13	01	01	10	02	09	02	16	110

02	RT – 13	-	09	-	03	-	-	03	07	-	01	-	09	30
03	RT – 14	-	-	-	-	-	-	-	01	-	01	-	-	02
04	RT – 15	-	02	01	-	-	-	-	-	-	-	-	02	05
05	RT – 16	03	14	-	22	10	01	15	-	04	04	-	20	93
06	RT – 17	-	01	-	02	04	-	-	-	-	04	01	02	14
07	RT – 18	-	-	-	-	-	-	-	-	-	03	01	01	05
08	RT – 19	-	-	-	-	-	-	-	01	-	02	-	-	03
09	RT – 20	02	-	-	02	-	-	-	01	-	01	01	-	08
10	RT – 21	01	04	-	01	-	-	-	13	02	01	-	01	23
11	RT – 22	-	05	-	03	05	-	05	03	04	18	03	03	49
13	RT – 24	-	-	-	-	-	-	-	-	03	-	01	-	04
14	RT – 25	-	01	-	-	-	-	-	-	-	03	-	-	04
15	RT – 26	03	02	-	05	-	-	01	-	01	01	-	02	15
16	RT – 27	-	-	-	-	-	-	-	-	-	03	-	-	03
17	RT – 28	-	01	-	02	-	-	-	-	-	-	-	-	03
19	RT – 30	-	-	-	-	02	-	-	-	-	02	-	-	04
20	RT – 31	-	-	-	-	02	-	-	-	01	-	-	-	03
21	RT – 32	-	-	-	-	-	-	-	-	01	-	-	01	02
23	RT – 34	-	-	-	-	-	-	-	02	-	01	-	-	03
24	RT – 35	01	-	-	-	-	02	-	-	-	-	-	-	03
25	RT – 36	-	04	-	-	02	-	-	04	-	01	02	02	15
26	RT – 37	-	-	-	-	-	-	-	-	-	01	-	-	01
27	RT – 38	-	01	-	01	01	-	-	01	-	-	-	-	04
28	RT – 39	01	-	-	-	-	-	-	-	-	-	01	-	02
29	RT – 40	-	-	-	-	-	-	-	03	-	-	-	-	03
31	RT – 42	-	-	-	-	01	-	-	-	-	-	-	-	01
32	RT – 43	-	-	-	02	03	-	-	-	-	-	-	-	05
34	RT – 45	-	-	-	-	-	-	-	12	-	03	-	-	15
35	RT – 46	-	-	-	01	01	-	-	02	-	01	-	02	07
36	RT – 47	02	10	-	01	-	-	12	01	01	04	01	03	35
37	RT – 48	01	-	-	-	01	01	02	-	01	01	01	-	08
38	RT – 49	03	-	-	-	-	-	-	-	01	-	-	-	04
40	RT – 52	-	-	-	01	-	-	-	-	-	-	-	01	02
41	RT – 53	-	-	-	-	01	-	-	-	-	-	-	-	01
42	RT – 54	-	-	-	-	-	01	-	-	-	-	-	01	02
43	RT – 55	-	-	-	-	01	-	-	-	-	-	-	01	02
44	RT – 56	-	-	-	03	-	-	-	-	-	-	-	-	03
47	RT – 59	-	-	-	-	01	-	-	-	-	-	-	-	01
49	RT – 61	03	-	-	02	-	01	08	-	-	-	-	01	15
50	RT – 62	-	-	-	-	-	-	-	01	-	01	-	01	03
51	RT – 63	-	-	-	-	-	-	-	-	-	10	01	-	11
52	RT – 64	-	-	-	-	-	-	-	01	-	-	-	-	01
53	RT – 65	-	-	-	-	02	-	-	-	-	-	-	-	02
56	RT – 69	-	-	-	-	-	-	-	-	-	03	-	-	03
57	RT – 70	-	01	-	-	-	-	-	-	-	02	-	-	03
58	RT – 71	-	02	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	01
59	RT – 72	-	02	-	-	-	-	-	01	-	-	-	-	03
60	RT – 73	-	03	-	-	-	-	-	02	-	-	-	-	05
61	RT – 74	-	-	-	-	-	-	-	01	-	-	-	02	03
62	RT – 75	01	-	-	-	-	-	01	-	-	-	-	-	02
63	RT – 76	-	01	-	01	-	-	01	-	-	-	-	-	03
64	RT – 77	01	-	02	-	-	-	-	-	-	01	-	-	04
65	RT – 78	-	-	-	-	03	-	-	-	-	-	-	-	03
TOTAL		22	108	06	57	55	05	51	66	21	82	16	70	560

Figura 63 – Gráfico referente à recorrência temática das figuras reconhecíveis

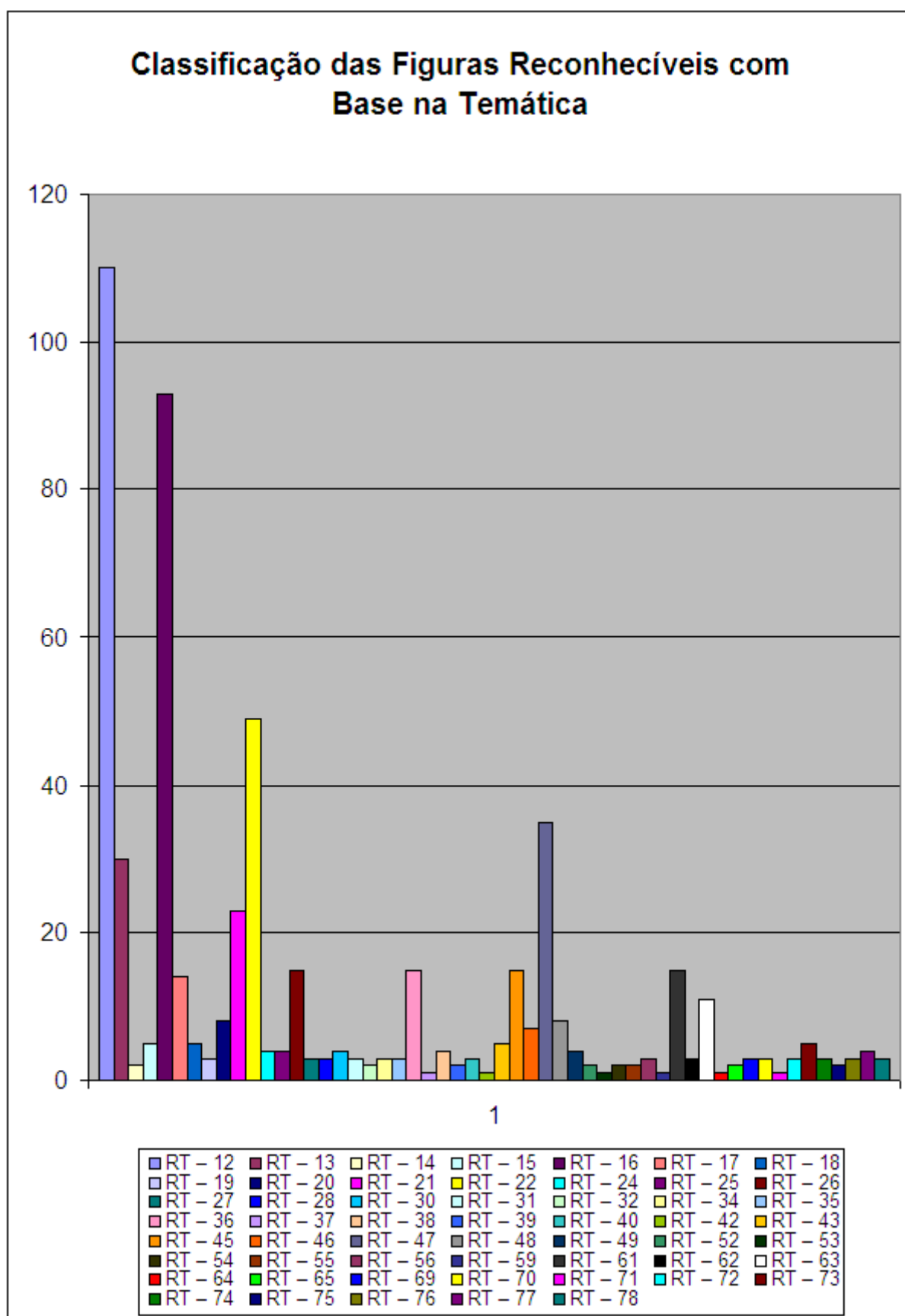


Figura 64 – Recorrência temática – RT-12

Melgueira – 026.4 (Fonte: Kesting, 2007) Tiririca – 010.2 - Painel 01



Figura 65 – Recorrência temática – RT-13

São Gonçalo – 014.8 (Fonte: Kesting, 2007) Residência – 012.2 - Painel 02



Figura 66 – Recorrência temática – RT-14

Olho D'Água – 002.5 (Fonte: Kesting, 2007)

Caldeirão da Tiririca – 010.4 - Painel 3



Figura 67 – Recorrência temática – RT-15



Pedra da Marimba (Fonte: Kesting, 2007)



Tanque de Baixo (Painel 02)

Figura 68 – Recorrência temática – RT-16

Melgueira - 026.23 (Fonte: Kesting, 2007)

São José 021.3 - Painel 03.



Figura 69 – Recorrência temática – RT-17

São Gonçalo – 014.12. (Fonte: Kesting, 2007) Residência – 012.2 - Painel 08



Figura 70 – Recorrência temática – RT-18

Melgueira – 026.10 – Painel 10 (Fonte: Kesting, 2007) Pau Ferro - 169.1 - Painel 02



Figura 71 – Recorrência temática – RT-19

Melgueira. 026.1 – Painel 2 (Fonte: Kesting, 2007) Residência - 012.2 - Painel 29



Figura 72 – Recorrência temática – RT-20

São Gonçalo – 014.11 (Fonte: Kesting, 2007) Pedra Branca - 137.1 - Painel 03

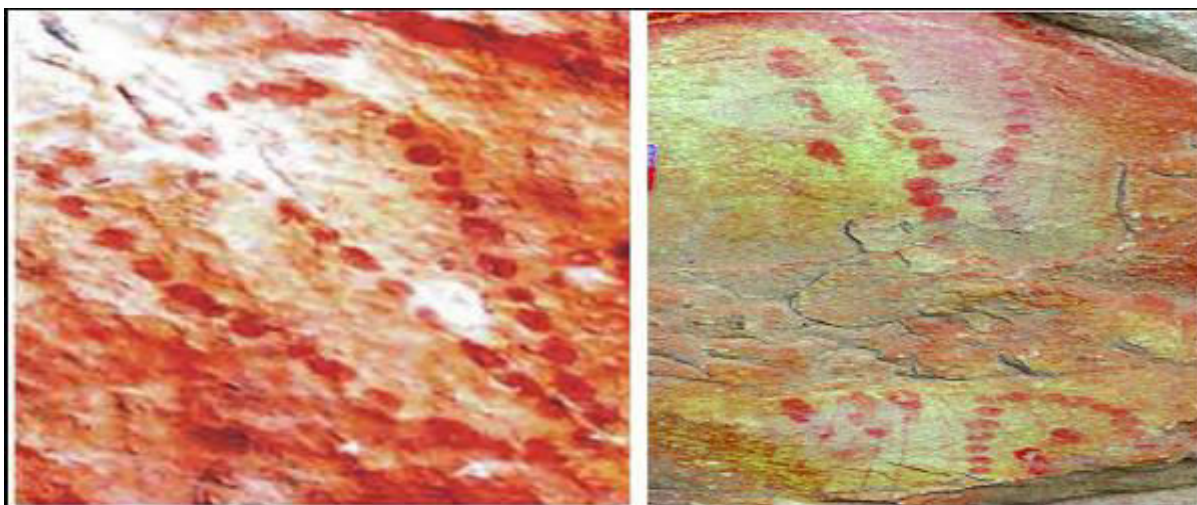


Figura 73 – Recorrência temática – RT-21

Brejo de Dentro – 017.16 (Fonte: Kesting, 2007) São Pedro - 009.2 - Painel 06



Figura 74 – Recorrência temática – RT-22

São Gonçalo – 014.9 (Fonte: Kesting, 2007) São José - 021.2 - Painel 08



Figura 75 – Recorrência temática – RT-24

Brejo de Dentro - 017.16 (Fonte: Kesting, 2007) Manezinho - 168.2 - Painel 02

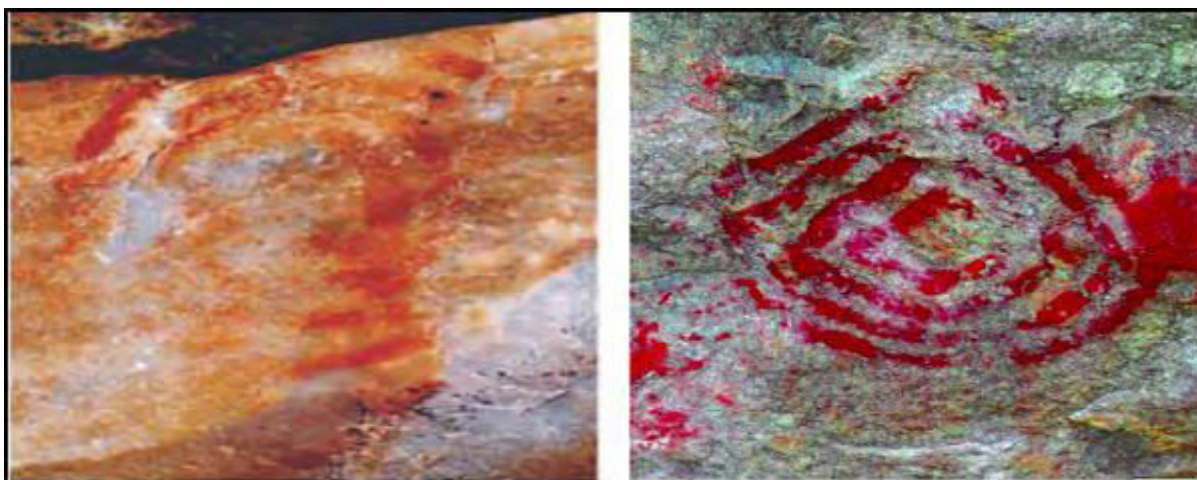


Figura 76 – Recorrência temática – RT-25

Olho D'Água – 002.9 – Painel 19 (Fonte: Kesting, 2007) Manezinho - 168.1 - Painel 08



Figura 77 – Recorrência Temática – RT-26

São Gonçalo – 014.16 (Fonte: Kesting, 2007) São José – 021.2 - Painel 11



Figura 78 – Recorrência Temática – RT-27

Melgueira – 026.15 (Fonte: Kesting, 2007) Tiririca – 010.4 - Painel 13



Figura 79 – Recorrência Temática – RT-28

Brejo de Dentro – 016.5 – Painel 13 (Fonte: Kesting, 2007) Manezinho - 168.2 - Painel 03



Figura 80 – Recorrência temática – RT-30

Caldeirões – 025.7 (Fonte: Kesting, 2007)

Bonsucesso – 005.1 - Painel 10

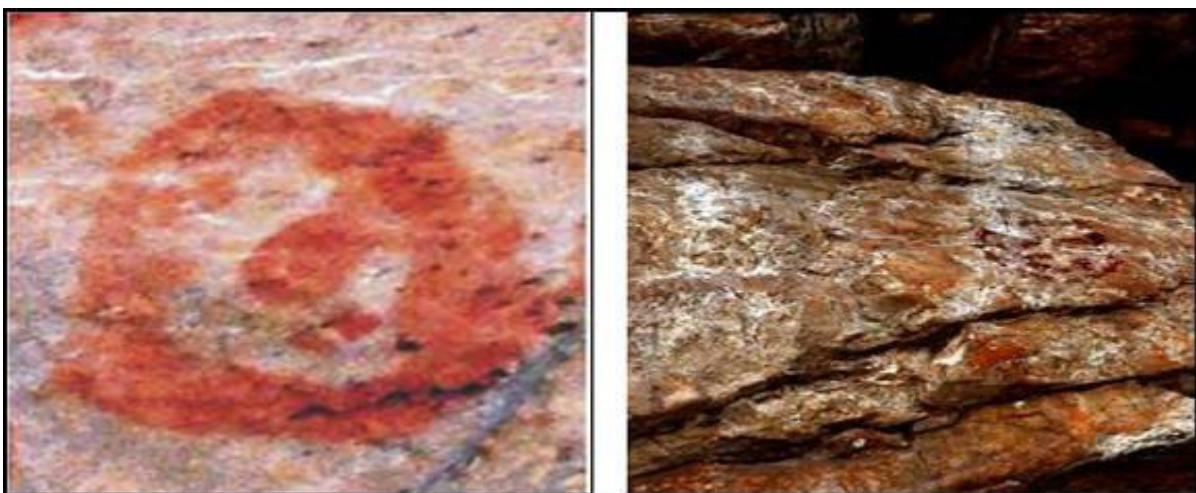


Figura 81 – Recorrência temática - RT-31

Brejo de Dentro – 017.3 (Fonte: Kesting, 2007) Bonsucesso - 005.7 - Painel 05

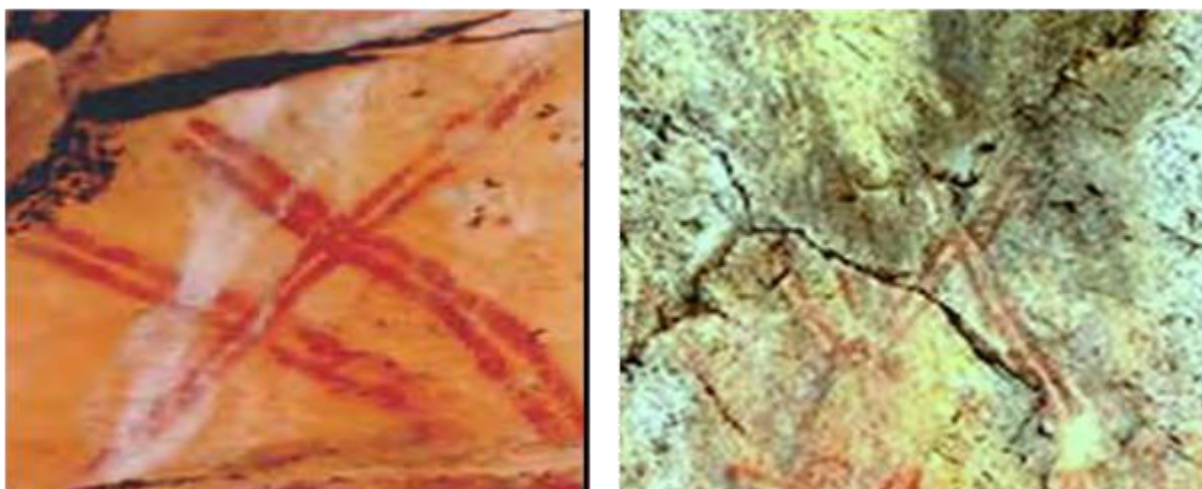


Figura 82 – Recorrência temática - RT-32

Olho D'Água – 002.5 (Fonte: Kesting, 2007) Manezinho - 168.1 - Painel 05



Figura 83 – Recorrência temática – RT 34

São Gonçalo – 014.7 (Fonte: Kesting, 2007) Tiririca – 010. 4 - Painel 15



Figura 84 – Recorrência temática – RT-35

Melgueira – 026.1 (Fonte: Kesting, 2007)

Residência - 012. 2 - Painel 13



Figura 85 – Recorrência temática – RT-36

São Gonçalo – 014.11 (Fonte: Kesting, 2007)

Tiririca - 010.1 - Painel 16



Figura 86 – Recorrência temática – RT-37

São Gonçalo – 014.9 (Fonte: Kesting, 2007)

Tiririca – 010.4 - Painel 17



Figura 87 – Recorrência temática - RT-38

Olho D'Água – 002.6 (Fonte: Kesting, 2007)



Bonsucesso – 005.8 - Painei 5



Figura 88 – Recorrência temática - RT-39

Melgueira - 026. 4 (Fonte: Kesting, 2007)



Pedra Branca – 137. 1 - Painei 02



Figura 89 – Recorrência temática – RT-40

Olho D'Água – 002.5 - Painei 05 (Fonte: Kesting, 2007)

São Pedro 009.2 - Painei 04



Figura 90 – Recorrência temática – RT-42

Olho D'Água - 002.5 – Paineis 18 (Fonte: Kesting, 2007) Residência 012.2 - Paineis 05



Figura 91 – Recorrência temática – RT-43

Melgueira – 026.4 (Fonte: Kesting, 2007)

Bonsucesso – 005.4 - Paineis 06



Figura 92 – Recorrência temática – RT 45

Melgueira- 026.10 - Paineis 02 (Fonte: Kesting, 2007) São José - 021.2 - Paineis 08



Figura 93 – Recorrência temática – RT-46

Olho D'Água – 002.5 (Fonte: Kesting, 2007) Bonsucesso – 005.6 - Painel 02

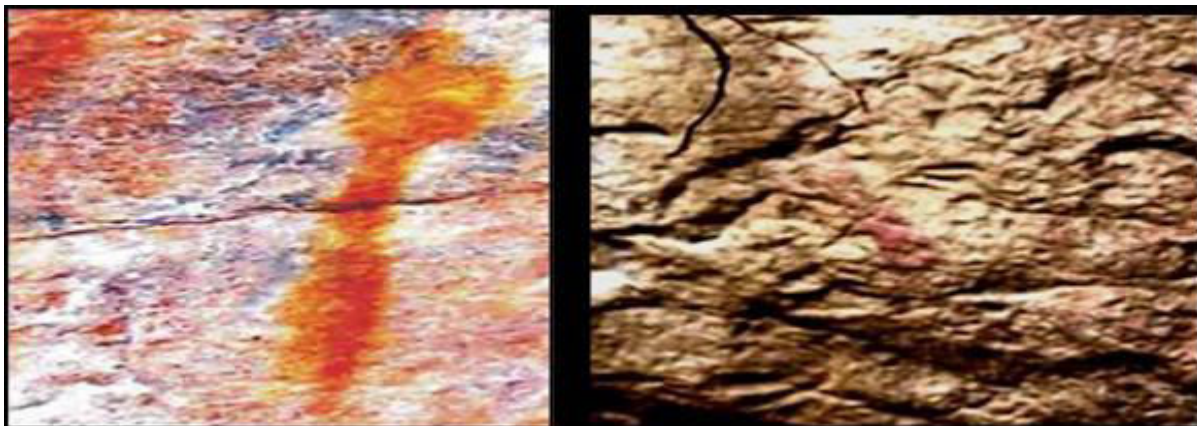


Figura 94 – Recorrência temática – RT-47

São Gonçalo – 014.9 (Fonte: Kesting, 2007) Residência 012.2 - Painel 10



Figura 95 – Recorrência temática – RT-48

São Gonçalo – 014.19 (Fonte: Kesting, 2007) Bonsucesso – 005.1 - Painel 09



Figura 96 – Recorrência temática – RT-49

Melgueira – 026.17 (Fonte: Kesting, 2007)

Pedra Branca 137.1 - Painel 01



Figura 97 – Recorrência temática – RT-52

Melgueira – 026.21 (Fonte: Kesting, 2007)

Residência 012.2 - Painel 10



Figura 98 – Recorrência temática – RT-53

Melgueira – 026.21 (Fonte: Kesting, 2007)

São José 021.2 - Painel 08



Figura 99 – Recorrência temática – RT-54
Melgueira – 026.22 (Fonte: Kesting, 2007)



Residência 012.2 - Painei 10



Figura 100 – Recorrência temática – RT-55
São Gonçalo – 014.19 (Fonte: Kesting, 2007)



Bonsucesso – 005.7 - Painei 6



Figura 101 – Recorrência temática – RT-56
Olho D'Água – 002.9 (Fonte: Kesting, 2007)



Traíras – 004.1 - Painei 08



Figura 102 – Recorrência temática – RT-59

São Gonçalo – 014.9 (Fonte: Kesting, 2007) Bonsucesso 005.1 - Painele 18



Figura 103 – Recorrência temática – RT-61

São Gonçalo – 014.2 (Fonte: Kesting, 2007) Serra da Caixa – 008.3 - Painele 04



Figura 104 – Recorrência temática – RT-62

Olho D'Água - 002.5 (Fonte: Kesting, 2007)

Tiririca – 010.2 - Painele 22



Figura 105 – Recorrência temática – RT-63

São Gonçalo – 014.7 (Fonte: Kesting, 2007) Tiririca – 010.4 - Painel 23



Figura 106 – Recorrência temática – RT-64

São Gonçalo – 014.9 (Fonte, Kesting, 2007) Residência 012.2 - Painel 06



Figura 107 – Recorrência temática – RT-65

São Gonçalo – 014.19 (Fonte: Kesting, 2007) Bonsucesso – 005.4 - Painel 5



Figura 108 – Recorrência temática – RT-69

Brejo de Dentro – 017.5 (Fonte: Kesting, 2007) Tiririca – 010.4 - Painel 24

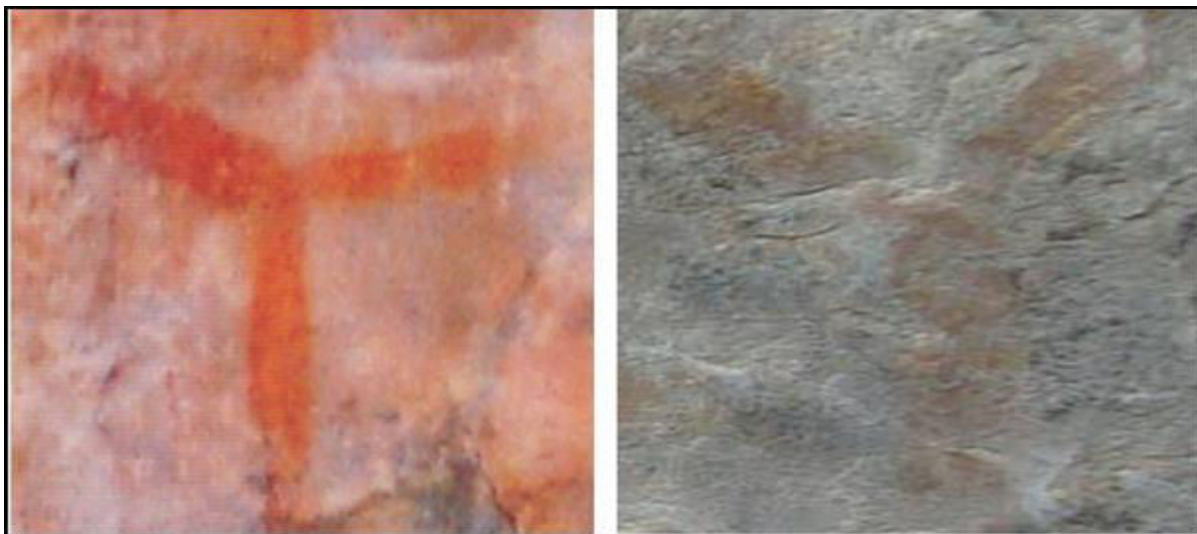


Figura 109 – Recorrência temática – RT-70

Caldeirões – 025.7 (Fonte: Kesting, 2007) Tiririca 010.2 - Painel 25



Figura 110 – Recorrência temática – RT-71

Brejo de Dentro – 017.16 (Fonte: Kesting, 2007) Traíras – 004 – Pinel



Figura 111 – Recorrência temática – RT-72

Olho D'Água - 002.2 (Fonte: Kesting, 2007) São Pedro 009.2 - Painel 01



Figura 112 – Recorrência temática – RT-73

Traíras – 004.11 – Painel 02

Traíras – 004.11 – Painel 06



Figura 113 – Recorrência temática – RT-74

Olho D'Água – 002.6 (Fonte: Kesting, 2007)

Residência – 012.2 - Painel 14

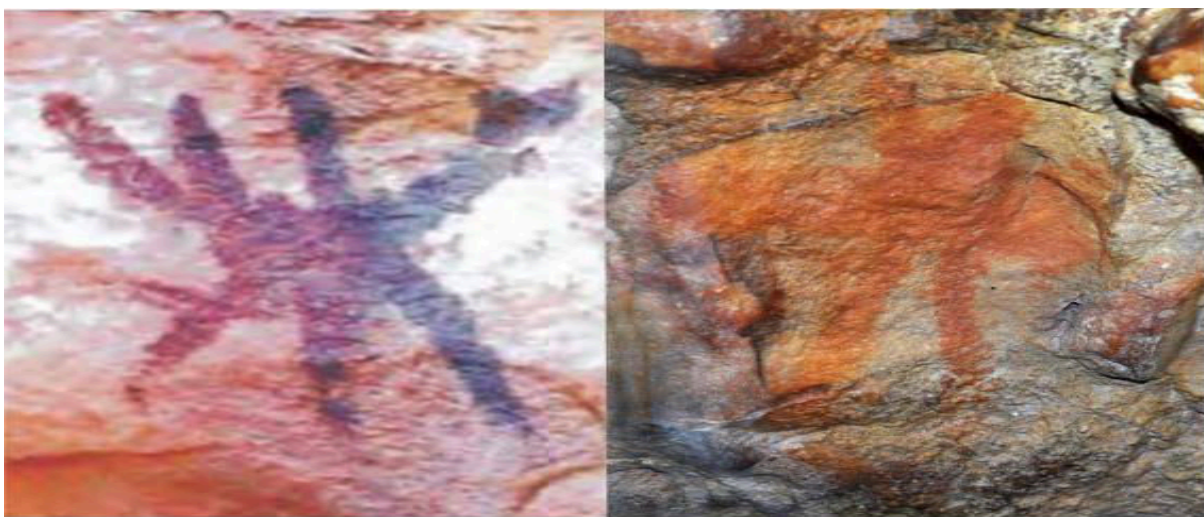


Figura 114 – Recorrência temática – RT-75
São Gonçalo – 014.11 (Fonte: Kesting, 2007)



Serra da Caixa – 008. 3 - Painel 11

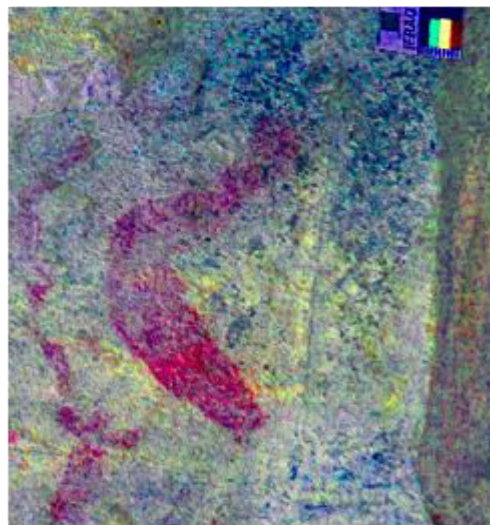


Figura 115 – Recorrência temática – RT-76
Bonsucesso – 005.1 - Painel 10



Residência 012.2 - Painel 07



Figura 116 – Recorrência temática – RT-77
São Gonçalo – 014.19 (Fonte: Kesting, 2007)

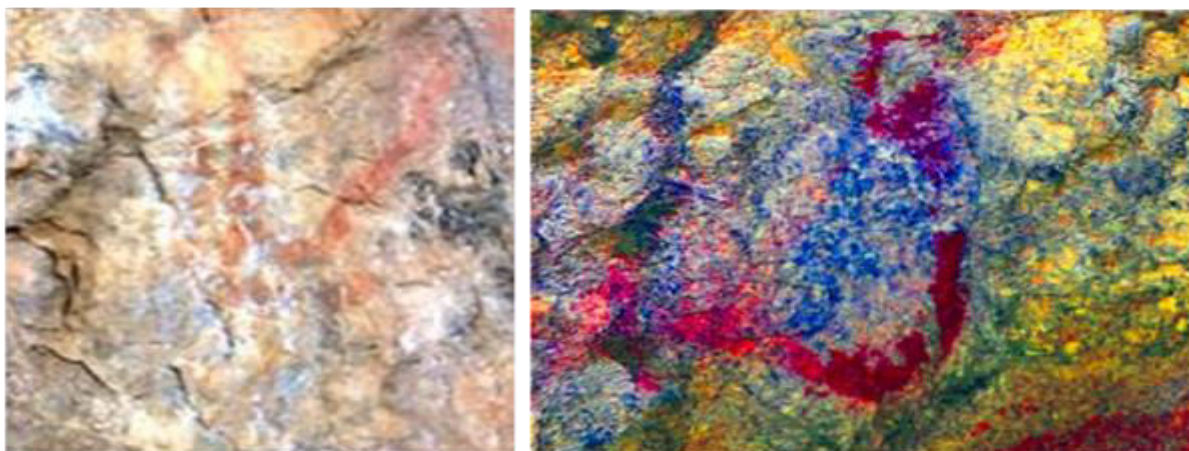
Residência 012.2 - Painel 26



Figura 117 – Recorrência temática – RT-78

Bonsucesso - 005.4 - Painel 07

Manezinho – 168.2 – Painel 03



5.2.2.2 Figuras reconhecíveis não recorrentes (NR)

Na sua unidade de pesquisa, Kestering (2007) identificou 39 figuras reconhecíveis não recorrentes. Enumerou-as e caracterizou-as como NR-05 a NR-44. Na presente unidade de pesquisa, constatou-se que as figuras (NR-05, NR-20, NR-36, NR-40, NR-28 e NR-30) são recorrentes (RT-70, RT-71, RT-72, RT-74, RT-75 e RT-77) respectivamente. Fez-se, por isso, nova numeração com caracterização das figuras não recorrentes, incluindo novas figuras que não são recorrentes (Tab. 5; Fig. 118 a 125).

Tabela 5 – Relação das figuras não recorrentes

Nº.	Não recorrentes (Kestering, 2007)	Pesquisa atual	Código atual
01	NR-05	Recorrente	RT-70
02	NR-06	Não recorrente	NR-07
03	NR-07	Não recorrente	NR-08
04	NR-08	Não recorrente	NR-09
05	NR-09	Não recorrente	NR-10
06	NR-10	Não recorrente	NR-11
07	NR-11	Não recorrente	NR-12
08	NR-12	Não recorrente	NR-13
09	NR-13	Não recorrente	NR-14
10	NR-14	Não recorrente	NR-15
11	NR-15	Não recorrente	NR-16
12	NR-16	Não recorrente	NR-17
13	NR-17	Não recorrente	NR-18
14	NR-18	Não recorrente	NR-19
15	NR-19	Não recorrente	NR-20
16	NR-20	Recorrente	RT-71
17	NR-21	Não recorrente	NR-21

18	NR-22	Não recorrente	NR-22
19	NR-23	Não recorrente	NR-23
20	NR-24	Não recorrente	NR-24
21	NR-25	Não recorrente	NR-25
22	NR-26	Não recorrente	NR-26
23	NR-27	Não recorrente	NR-27
24	NR-28	Recorrente	RT-75
25	NR-29	Não recorrente	NR-28
26	NR-30	Recorrente	RT-77
27	NR-31	Não recorrente	NR-29
28	NR-32	Não recorrente	NR-30
29	NR-33	Não recorrente	NR-31
30	NR-34	Não recorrente	NR-32
31	NR-35	Não recorrente	NR-33
32	NR-36	Recorrente	RT-72
33	NR-37	Não recorrente	NR-34
34	NR-38	Não recorrente	NR-35
35	NR-39	Não recorrente	NR-36
36	NR-40	Recorrente	RT-74
37	NR-41	Não recorrente	NR-37
38	NR-42	Não recorrente	NR-38
39	NR-43	Não recorrente	NR-39
40	NR-44	Não recorrente	NR-40

Figura 118 – Temáticas não recorrentes – NR-41 e NR-42

NR-41 – Traíras – 004.8 - Painel 05

NR-42 – Traíras – 004.7 - Painel 03



Figura 119 – Temática não recorrente – NR-47

NR-43 – Traíras – 004.5 - Painel 21



Figura 120 – Temáticas não recorrentes – NR-44 e NR-45

NR-44 – Bonsucesso 005.1 - Painele 16

NR-45 – Bonsucesso 005.1 - Painele 19



Figura 121 – Temáticas não recorrentes – NR-46 e NR-47

NR-46 – Bonsucesso 005.6 - Painele 6

NR-47 – Bonsucesso – 005.7 - Painele 1



Figura 122 – Temáticas não recorrentes – NR-48 e NR-49

NR 48 – Bonsucesso – 005.8 - Painele 01

NR 49 – São Jose – 021.1 - Painele 01



Figura 123 – Temáticas não recorrentes – NR-50 e NR-51

NR-50 – São José – 021.2 - Painei 25

NR-51 – Residência. 012.2 - Painei 05



Figura 124 – Temáticas não recorrentes – NR-52 e NR-53

NR-52 – Pau Ferro – 169.1 - Painei 01

NR-53 – Residência – 012.2 - Painei 21

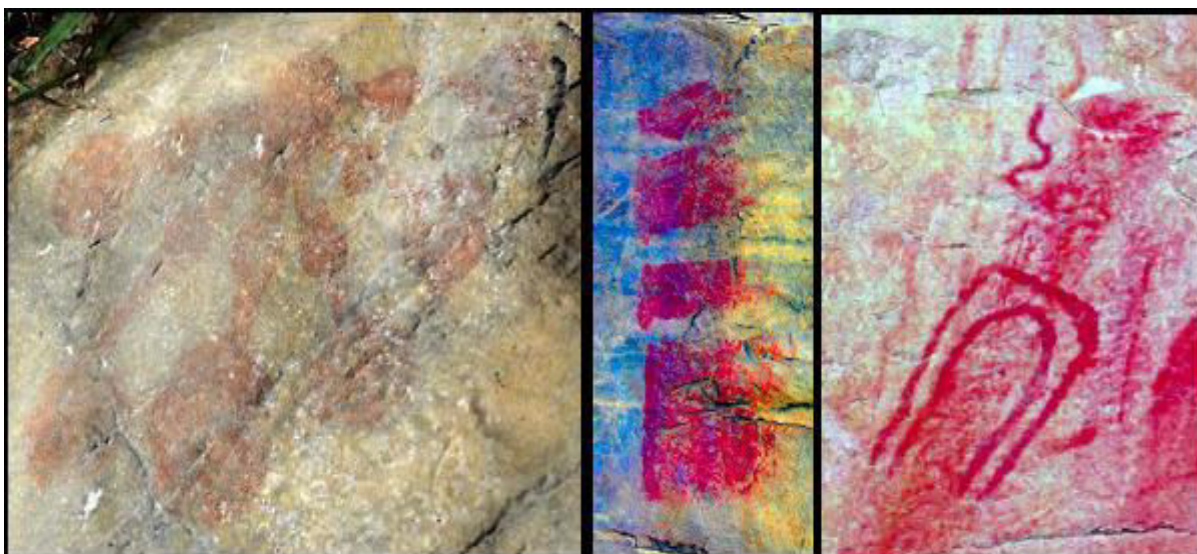


Figura 125 – Temáticas não recorrentes – NR-54, NR-55 e NR-56

NR-54 – Bonsucesso – 005.1

NR-61 - São Jose – 021.3

NR-62 -Pedra branca – 167.1



5.3 DISCUSSÃO

Ao se considerar as pinturas rupestres como fragmentos de um sistema de comunicação ou de um sistema visual de representação, impressos, voluntariamente por grupos que se fixaram em determinada área, tem-se que levar em conta a forma e a expressividade dessas manifestações. Os ordenamentos não podem desconsiderar o fato de que elas representam uma ínfima parte das representações, que manifestaram realidades vivenciadas individual ou coletivamente pelos grupos pré-históricos.

Na pesquisa em apreço, os grafismos rupestres foram analisados com a adoção dos métodos quantitativo e qualitativo. Buscou-se, através dos mesmos, chegar ao padrão de reconhecimento e, com isso, à temática dominante. A dominância temática fornece dados para a identificação das preferências dos autores envolvidos na produção gráfica.

A análise pelo parâmetro da cognoscibilidade permitiu quantificar 89 pinturas conhecíveis que apresentam temáticas relacionadas com o mundo sensível, não apenas dos produtores antigos, como também dos pesquisadores envolvidos com seus estudos. A temática conhecível representa uma diminuta parcela das pinturas estudadas.

As pinturas conhecíveis (antropomorfos, zoomorfos e mãos) foram encontradas em 9 das 12 feições de relevo. Estão ausentes apenas no Boqueirão da Pedra Branca, no Boqueirão de São José e no Serrote de São João. Há ocorrência deles em 19 dos 43 sítios estudados. Sobressaem, em dominância, as temáticas: RT – 10 (mamífero), seguidos da RT – 04 (antropomorfo miniatural redondo); RT – 01 (antropomorfo de braços erguidos); RT – 03 (antropomorfo de braços abertos); RT – 07 (pássaro de asas abertas); RT – 09 (lagarto); RT – 11 (quelônio); RT – 02 (mãos); RT – 06 (pássaro de asas fechadas). Identificaram-se duas novas temáticas, uma representando um antropomorfo agachado (Manezinho - 168.2 - Painel 01) e outro, um antropomorfo com cajado na mão esquerda (Manezinho – 168.3 - Painel 01).

Constatou-se absoluta dominância de pinturas reconhecíveis (puras, geométricas, abstratas, figurativas ou metafóricas). Essa constatação permite filiar,

em nível hipotético, o universo gráfico da unidade de pesquisa na Tradição São Francisco. O desvendamento do contexto com datações, um estudo da cenografia dos painéis e a ampliação da área de pesquisa poderá corroborá-la.

Percebeu-se que a temática dominante da Subtradição Sobradinho (RT12), representada por traços contínuos, em diagonal ascendente e descendente, quando horizontais, ou da esquerda para a direita e vice-versa, quando verticais é dominante em onze das doze feições de relevo estudadas. Segue-se a sub-dominância temática classificada como RT 16, referida por Prous (1992) como *bastonetes*. Esta foi encontrada em nove feições. A temática RT – 22 e a RT – 47 tem recorrência relativamente grande em nove feições de relevo. Sobressai-se no Boqueirão da Serra da Caixa, no Serrote do Caldeirão da Tiririca e no Boqueirão do Riacho de São Pedro.

A temática dominante da Subtradição Sobradinho é a mais recorrente, tanto se for considerada cada feição de relevo

isoladamente quanto se tem em conta o conjunto de sítios. Apenas a Grotta de São José apresenta dominância da temática RT – 16. Nessa mesma grotta, a temática RT – 12 é subdominante.

Constata-se que os suportes onde foram realizados os painéis da Subtradição Sobradinho não se limitam a rochas metassedimentares de arenito silicificado da Chapada Diamantina, Formação Tombador, como constatou Kesting (2007) na sua unidade de pesquisa. Há painéis dessa subtradição em rochas conglomeráticas da mesma formação geológica, em veios de quartzo e em rochas metavulcanossedimentares do Complexo Rio Salitre, Unidade Sobradinho. Excetuando-se os suportes que se localizam em veios de quartzo, eles têm em comum o fato de o quartzito e o arenito silicificado terem a mesma composição, apesar de serem originárias de períodos geológicos diferentes. As duas rochas diferem apenas na dureza, por terem sido submetidas a processos de cimentação diferentes.

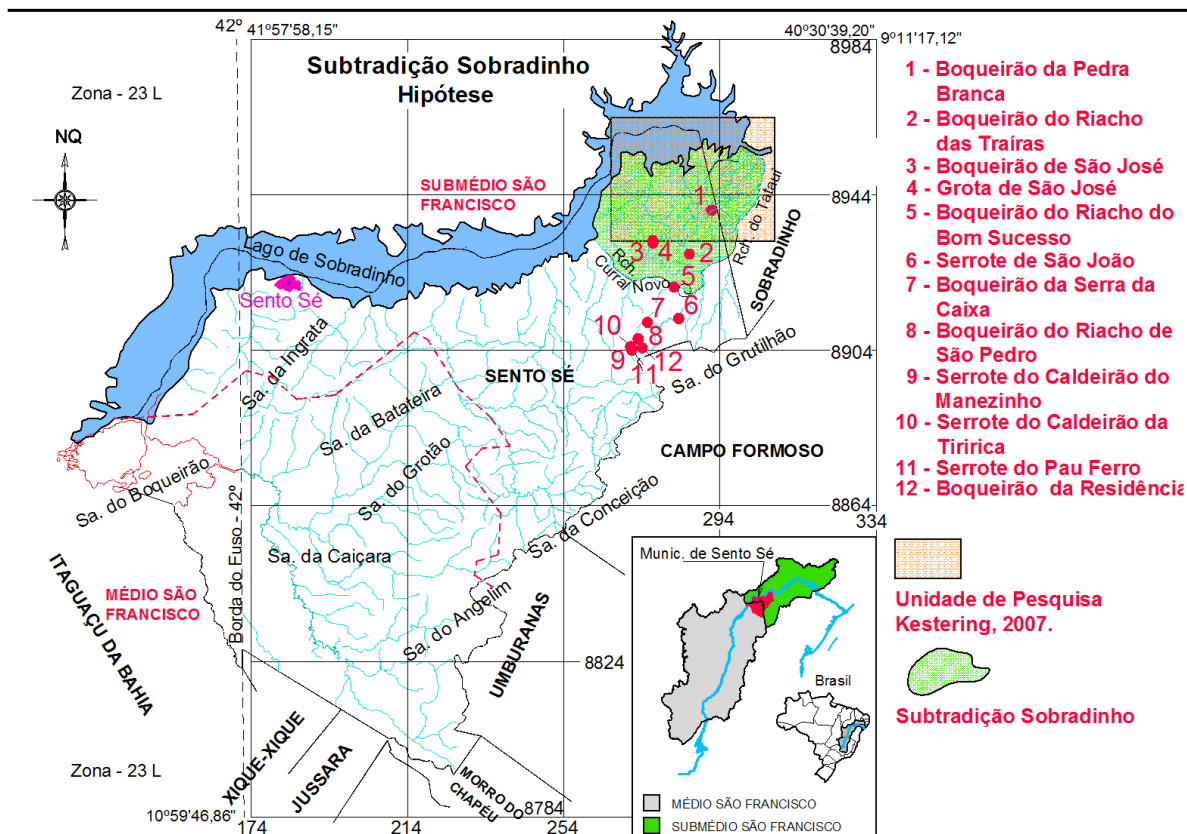
As diferenças na composição e na estrutura dos suportes não invalidam a filiação do conjunto gráfico analisado na Subtradição Sobradinho. As rochas escolhidas pelos grupos pré-históricos para a realização das pinturas são apenas um componente do ambiente que constituía o seu habitat.

As análises permitiram ainda a revisão e a ampliação dos trabalhos preliminares realizados em muitas dessas feições e a identificação de novas temáticas não recorrentes. A constatação e identificação dessas novas temáticas servem de incentivo para que se amplie a área de pesquisa na região.

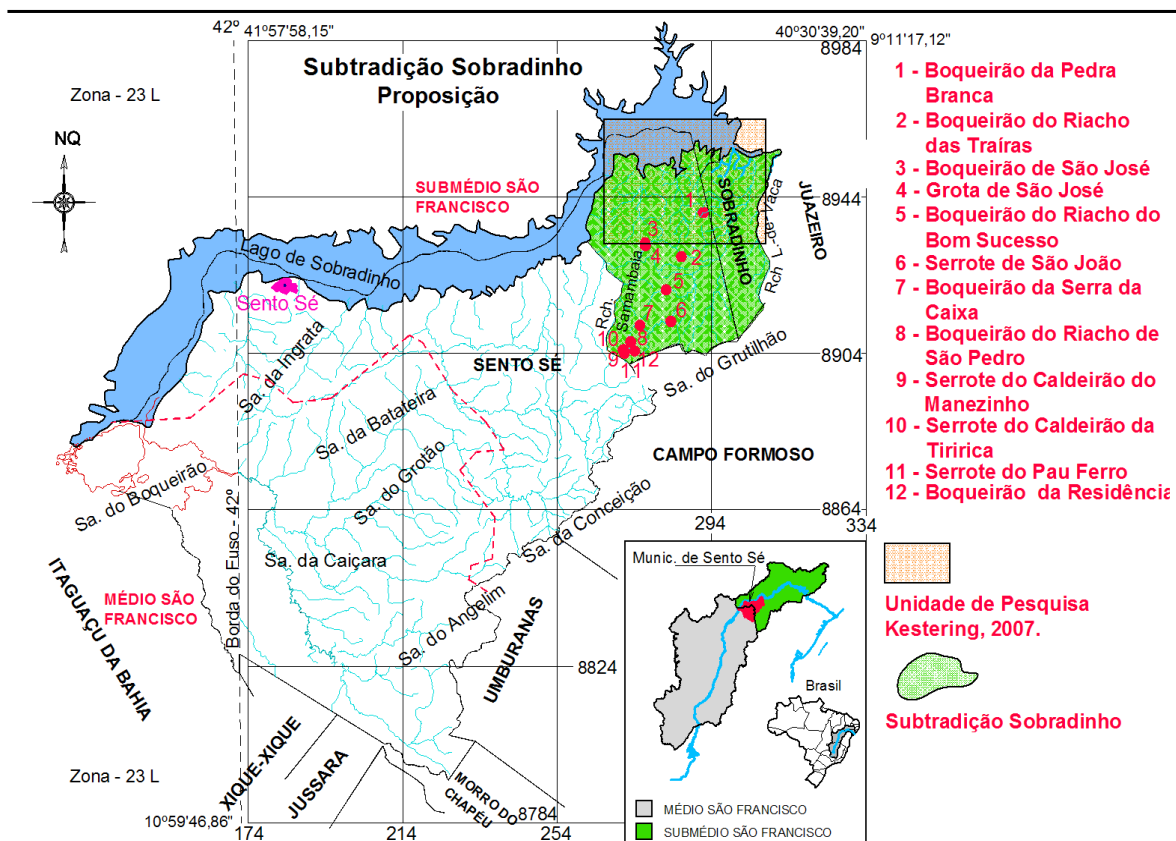
Os humanos, atuais e pré-históricos, diversificam-se culturalmente pela ocupação de espaços diferentes, em tempos também diferentes. Mudanças temáticas e técnicas acontecem no sistema de comunicação, a partir da ação de arquivos de memória, processando estímulos ambientais diferentes, mas que não alteram de maneira direta e absoluta suas formas de representação. Selecionam-se, aperfeiçoam-se ou modificam-se os grafismos, para facilitar a transmissão de idéias, com vistas a garantir a sobrevivência dos grupos. As mudanças no sistema simbólico acontecem pelo aperfeiçoamento de mecanismos que reduzem as deficiências dos sistemas de comunicação e de sobrevivência.

O universo das pinturas estudadas não permitiu definir as fronteiras da Subtradição Sobradinho (Fig. 126). Constatou-se que nas feições de relevo, situadas entre o Riacho Tatauí, a leste; o Riacho do Bonsucesso e o Riacho da Pitombeira, ao sul e o Riacho da Samambaia, a oeste têm a mesma dominância da temática RT-12 constatada na unidade de pesquisa de Kesting (2007). Ocorre, porém, que as feições de relevo situadas além das hipotéticas fronteiras também apresentaram a mesma dominância temática (Fig. 127). Propõe-se, por isso, ampliar a área de pesquisa, estendendo-a até o divisor de águas da serra de São Francisco, ao sul, ao talvegue do Riacho Língua de Vaca, a leste e ao Riacho São Pelegrino a oeste.

126 – Mapa de distribuição da Subtradição Sobradinho, hipótese da pesquisa.



127 – Mapa de distribuição da Subtradição Sobradinho, proposição atual da pesquisa.



6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos em pintura rupestre vêm ganhando espaço na pesquisa arqueológica atual. Esses vestígios da pré-história têm proporcionado uma relativa quantidade de informações que permitem chegar ao reconhecimento de alguns atributos da identidade de seus autores. Tem-se que continuar a pesquisa buscando reconhecer padrões estilísticos das pinturas.

Como as identidades são sempre situadas no tempo e no espaço é necessário também desvendar o contexto arqueológico que contemple essas duas dimensões. Novas prospecções e escavações terão que ser efetivadas para chegar-se ao reconhecimento de outros atributos da identidade dos grupos pré-históricos que ocuparam a região.

As pinturas rupestres foram realizadas com base no conjunto de conhecimentos acumulados pelos autores, na sua relação com o contexto ambiental. Os conhecimentos, adquiridos e gerenciados por uma comunidade, fazem com que os seus indivíduos tenham uma maneira própria de interpretar o mundo. É o que se chama de mapa cognitivo. Os registros gráficos apresentam características temáticas e técnicas peculiares de cada território ocupado, com as suas especificidades de clima e de paisagem.

Avalia-se que essa pesquisa alcançou o objetivo proposto porque permitiu definir, inventariar, caracterizar e diagnosticar uma parcela do patrimônio arqueológico de Sento Sé – BA, que se encontra ameaçada a desaparecer pela ação de fatores naturais, biológicos e antrópicos. Propõe-se que medidas de conservação e preservação patrimonial sejam iniciadas nos sítios da unidade de pesquisa. Necessita-se também de políticas de educação patrimonial nas comunidades do entorno dos sítios. Quando a comunidade local desenvolver a relação de pertencimento desses vestígios, os mesmos poderão durar mais algumas dezenas ou centenas de anos.

Além disso, é preciso intensificar a pesquisa de grafismos rupestres em todo o vale e regiões do entorno. A intensificação das pesquisas em outras feições próximas permitirá comparar resultados e verificar a confiabilidade das proposições feitas nesse trabalho.

Sabe-se da limitação das proposições nesse momento da pesquisa. Este trabalho é um ponto de partida. Os resultados são insignificantes, diante da quantidade de vestígios na região, mas relevantes por provarem a viabilidade da pesquisa que poderá contemplar outras feições de relevo para ampliação das fronteiras do território ocupado pelos grupos pré-históricos que realizaram as pinturas rupestres da Subtradição Sobradinho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALDENDERFER, M. S. **Quantitative Research in Archaeology: Progress and Prospects**. Newbury Park, CA: Sage, 1987.

ALVES, R. C. **Temática Dominante nas Pinturas Rupestres no Boqueirão do Riacho de São Pedro e Boqueirão da Residência, no Município de Sento Sé – BA**. UNIVASF. São Raimundo Nonato. 2012. (Monografia de Graduação).

ANGELIM, L. A. A. **Programa Levantamentos Geológicos Básicos do Brasil Petrolina: Folha SC. 24-V-C. Escala 1/250.000**. Brasília: CPRM. 1997.

AZEVEDO NETTO, C. X. **Arte Rupestre no Brasil: Questões de transferência e representação da informação como caminho para interpretação**. UFRJ. Rio de Janeiro. 2001. (Tese de Doutorado).

BAHN, P.; RENFREW, C. **Arqueología: Teorías, Métodos, y práctica**. Madrid: Editora Akal, 1998.

BAETA, A. M. **Os Grafismos Rupestres e suas Unidades Estilísticas no Carste de Lagoa Santa e Serra do Cipó – MG**. USP. São Paulo. 2011. (Tese de Doutorado).

BAXTER, M.. **Statistics in Archaeology**. London: Arnold, 2003.

BEDNARIK, R. G. **La calibración computarizada a color en las fotografías de arte rupestre**. En Rupestre/web, <http://www.rupestreweb.info/escala.html>. 2002. Consultado em 20 de Julho de 2012.

BINFORD, L. **Em Busca do Passado: a descodificação do registro arqueológico**. Tradução: João Zilhão. Portugal: Publicações Europa-América, LDA, 1983.

BRUNO, M. C. O. **A Museologia a Serviço da Preservação do Patrimônio Arqueológico**. In. Anais. Museu Histórico Nacional. Vol. 38. 2006.

CALDERÓN, V.; JÁCOME, Y. D. B. de A.; SOARES, I. D. C.. **Relatório das atividades de campo do Projeto Sobradinho de Salvamento Arqueológico**. 1977.

DUARTE, C. M. D. **Temática Dominante nas Pinturas Rupestres do Boqueirão do Riacho do Bonsucesso, no Município de Sento Sé – BA**. UNIVASF. São Raimundo Nonato, PI. 2012. (Monografia de Graduação).

DRENNAN, R. **Statistics for Archaeologists**. Londres: Springer Science+Business Media, 2009.

DUNNEL, R. **Classificação em Arqueologia**. Barcelona. Contexto. 2009.

ETCHEVARNE, C. **Escrito na Pedra: cor, forma e movimento nos grafismos rupestres da Bahia**. Rio de Janeiro: Versal. 2007.

EMBRAPA - CNPS. **Sistema Brasileiro de Classificação de Solos**. Brasília: Embrapa-SPI; Rio de Janeiro: Embrapa-Solos, 2006.

FUNARO, V. M. B.; PESTANA, M. C. **Diretrizes para apresentação de dissertações e teses da USP: documento eletrônico e impresso (ABNT)**. 2 ed. São Paulo, 2010.

GASPAR, M. **A arte rupestre no Brasil**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

GÓMEZ, T. R. J. ; CARDONA, R. J. L. "**Registro de petroglifos em mapas topográficos usando GPS**". En Rupestreweb, <http://www.rupestreweb.info/gpsrupestre.htm>. 2004. Consultado em 20 de Julho de 2012.

GODOY, A. S. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades**. Revista de Administração de Empresas, Rio de Janeiro, v. 35. 1995.

GUIDON, N.. **Tradições Rupestres da Área Arqueológica de São Raimundo Nonato, Piauí, Brasil**. CLIO Arqueológica, Recife, n. 5, p. 5-10, 1989.

_____. **Les Peintures Rupestres de Várzea Grande, Piauí**. Universidade de Sorbone, Paris, França, vol. 1, 1975. (Tese de Doutorado)

GUERRA, A. T. **Novo Dicionário Geológico-Geomorfológico**. Bertrand Brasil. Rio de Janeiro. 2003.

Himour, B. **Graffiti Historic**. Artigo disponível em: www.DStretch.com. 2009. Consultado em 05 de Agosto de 2012.

HAYATI, D; KARAMI, E. & SLEE, B. **Combining qualitative and quantitative methods in the measurement of rural poverty**. *Social Indicators Research*, v.75, p.361-394, springer, 2006.

HODDER, I. **Interpretación en Arqueología: corrientes actuales**. Barcelona: Crítica, 1994.

ISMARDIS, A. **Entre as Pedras: As ocupações pré-históricas recentes e os grafismos rupestres da região de diamantina, Minas Gerais**. USP. 2009 (Tese de Doutorado)

JOHNSON, M. **Teoría Arqueológica: una introducción**. Barcelona: Editorial Ariel, S.A. 2000.

KESTERING, C. **Identidade dos Grupos Pré-históricos de Sobradinho**. Recife. UFPE. 2007. (Tese de Doutorado).

_____. **Registros Rupestres na Área Arqueológica de Sobradinho.** UFPE. Recife. 2001. (Dissertação de Mestrado).

_____. **Estratégias de conservação das pinturas rupestres do Boqueirão do Riacho São Gonçalo, em Sobradinho – BA.** CLIO Arqueológica nº. 16. 2006.

_____. **Prospecção, resgate, monitoramento e educação Patrimonial nas Áreas Impactadas pela Usina Eólica da Serra do Olho D'água, nos municípios de Sobradinho e Juazeiro – BA.** Projeto. 2012.

_____. **Patrimônio Arqueológico de Sobradinho – BA.** (prelo).

_____. **Patrimônio Arqueológico de Sento Sé – BA.** (prelo).

KESTERING, C.; DIAS DA SILVA, J. R.; CHAGAS JÚNIOR, J. N.. **Escavação do Sítio Arqueológico Pedra do Cavalo, no Município de Sento Sé - BA – I Etapa.** 2012. (Prelo).

LAGE, M. C. S. M.; BORGES, J. F. **A Teoria da Conservação e as Intervenções no Sítio do Boqueirão da Pedra Furada – Parque Nacional Serra da Capivara.** CLIO Arqueológica nº. 16. 2007.

LAGE, M. C. S. M; CAVALCANTE, L; GONÇALVES, A. A. **Intervenção de conservação no sítio Pequeno, Parque Nacional de Sete Cidades, Piauí – Brasil.** In: Revista Fundamentos, v. 1. n. 6. São Raimundo Nonato, PI: FMHA/Centro Cultural Sérgio Motta. 2006.

LAGE, M. C. S. M. **Sítios de Registros Rupestres: Monitoramento e Conservação.** Dossiê Arqueologias Brasileiras, v.6, n. 13, 2005.

LEPSCH, I. **Formação e Conservação dos Solos.** Oficina de Texto. São Paulo. 2002.

LIMA FILHO, S. L. de. **Temática Dominante nas Pinturas Rupestres do Boqueirão do Riacho das Traíras, no Município de Sento Sé – BA.** UNIVASF. São Raimundo Nonato, Piauí. 2010 (Monografia de Graduação).

LUSO, D. **Registros Rupestres na Área Arqueológica de Sobradinho – BA.** UFPE. Recife. 2005. (Dissertação de Mestrado).

MARTIN, G. **Pré-História do Nordeste do Brasil.** Recife: UFPE. 2008.

MINAYO, MCS. (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** Petrópolis: Vozes. 1996.

KUHN, T. S. **A estrutura das revoluções científicas.** Tradução: Beatriz V. Boeira e Nelson Boeira. 9ª Ed. São Paulo: Perspectiva, 2006.

OTT, C. **Pré-História da Bahia.** Salvador. UFBA. 1972.

PATTON, M. **Qualitative research and evaluation methods**. Londres, Thousand Oaks : Sage Publications, 2002.

PUCCIONI, S.; FIGUEREDO, D. **Consolidação estrutural da Toca da Entrada do Pajáú: diagnóstico e proposta de intervenção**. Teresina: IPHAN. 2006.

PESSIS, A. M. **Identidade e Classificação dos Registros Gráficos Pré-Históricos do Nordeste do Brasil**. CLIO – Série Arqueológica, Recife, v.1 n.8. 1992.

_____. **Contexto e apresentação Social dos Registros Visuais da Antropologia Pré-Histórica**. In: ANAIS DO I SIMPÓSIO DE PRÉ-HISTÓRIA DO NORDESTE BRASILEIRO, 1987.

_____. A. M. **Registros Rupestres, Perfil Gráfico e Grupo Social**. CLIO – Série Arqueológica, Recife, n.9, 1993.

PESSIS, A. M.; GUIDON, N. **Ars Indígenas Pré-Históricas do Brasil**. CLIO – Série Arqueológica, Recife, n.14. 2000.

PROUS, A. **Arqueologia Brasileira**. Brasília. Ed. UNB. 1992.

_____, A. **As esculturas Zoomorfas do Sul do Brasil e Uruguai**. Cadernos de Arqueologia da América do Sul. Paris. n. 05. 1997.

RIBEIRO, L. **Os Significados das Similaridades e do Contraste entre os Estilos de Arte Rupestre: Um estudo regional das pinturas e gravuras do alto médio São Francisco**. USP. São Paulo. 2006 (Tese de Doutorado).

REIS, R. H. L. **Temática Dominante nas Pinturas Rupestres no Serrote do Caldeirão da Tiririca, no Município de Sento Sé – BA**. UNIVASF. São Raimundo Nonato, PI. 2012. (Monografia de Graduação).

SCHMITZ, P. I.; BARBOSA, A. S.; RIBEIRO, M. B.; VERARDI, I. **Arte Rupestre no Centro do Brasil: pinturas e gravuras da Pré-História de Goiás e oeste da Bahia**. São Leopoldo – RS: UNISINOS, 1987.

SCHWENNHAGEN, L. **Antiga História do Brasil**. De 1100 a.C. a 1500 d.C. Imprensa oficial, 1928.

SHENNAN, S. **Quantifying Archaeology**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1997.

SOUZA, S. S. **Cenografia Emblemática da Tradição São Francisco na Área Arqueológica de Sobradinho – BA**. UNIVASF. São Raimundo Nonato, PI. 2010. (Monografia de Graduação).

TRIGGER, B. G. **História do Pensamento Arqueológico**: Tradução Ordep Trindade Serra. São Paulo: Odysseus Editora, 2004.

TURATO, E. R. Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas. Petrópolis: Vozes, 2003.

VIEIRA, A. T. et. al. Projeto de Cadastro de Fontes de Abastecimento por Água Subterrânea: Diagnostico do Município de Sento Sé, Estado da Bahia. Salvador. CPRM. 2005

ANEXOS

A Boqueirão da Pedra Branca



Vista geral do boqueirão, lado oeste



Vista parcial do sítio, lado sul

Área Arqueológica de Sobradinho – BA - ARAS

Levantamento cadastral e fotográfico

Sítio: Pedra Branca
Local: Boqueirão da Pedra Branca
Região: São Gonçalo da Serra

1 Coordenadas:

1.1 UTM 24L: 291948

1.2 UTMN: 8940180

1.3 Altitude: 485m

2 O Suporte:

2.1 **Localização:** Serra do Saco da Onça

2.3 **Unidade:** Sobradinho

2.5 **Composição:** Filitos/filonitos

2.2 **Grupo geológico:** Complexo Rio Salitre

2.4 **Estrutura:** Rocha metavulcanossedimentar

2.6 **Feição:** Escarpa

3 O Sítio:

3.1 **Altura relativa:** Baixa vertente

3.3 **Abertura:** Leste

3.5 **Comprimento:** 20m

3.7 **Largura:** 3m

3.2 **Orientação:** Norte-sul

3.4 **Tipo:** Alcantil

3.6 **Altura:** 25 m

3.8 **Sedimento:** Existente



4 Vestígios arqueológicos: Pinturas rupestres

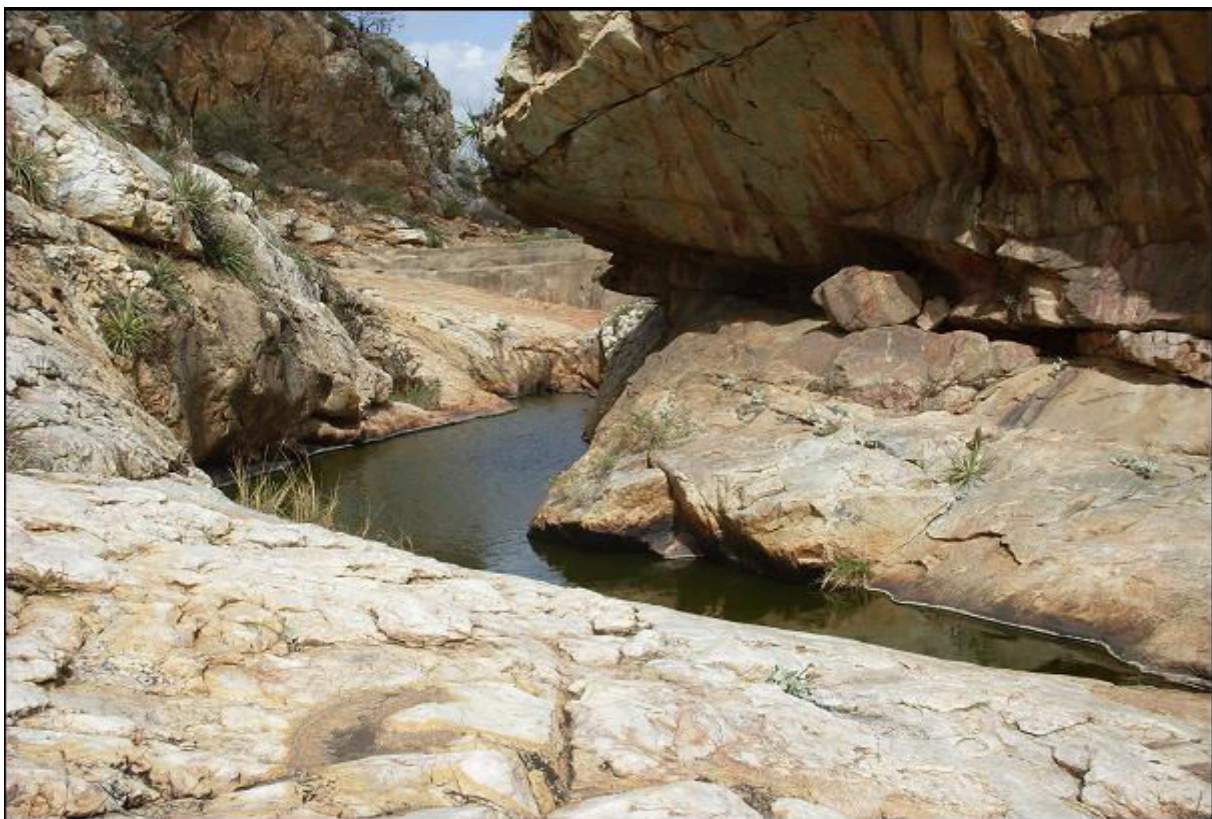
Painel	Conhecível	Reconhecível	Irreconhecível	Total
01	-	01	03	04
02	-	01	04	05
03	-	01	01	02
04	-	07	05	12
05	-	01	01	02
06	-	01	-	01
07	-	02	01	03
08	-	02	03	05
Total	-	16	18	34

Pesquisador: Sebastião Lacerda de Lima Filho

Guia: Antônio de Carvalho

B Boqueirão do Riacho das Traíras

Vista geral do boqueirão, no lado leste



Vista parcial do boqueirão

Área Arqueológica de Sobradinho – BA - ARAS

Levantamento cadastral e fotográfico

Sítio: Traíras 1 ou Escarpa do Mulungu

Local: Boqueirão do Riacho das Traíras

Região: Traíras

1 Coordenadas:

1.1 UTM 24L: 286231

1.2 UTMN: 8928791

1.3 Altitude: 457m

2 O Suporte:

2.1 Localização: Serra das Traíras

2.3 Unidade: Sobradinho

2.5 Composição: Quartzo

2.2 Grupo geológico: Complexo Rio Salitre

2.4 Estrutura: Rocha ígnea

2.6 Feição: Escarpa

3 O Sítio:

3.1 Altura relativa: Baixa vertente

3.3 Abertura: Leste

3.5 Comprimento: 21m

3.7 Largura: 0,6m

3.2 Orientação: Norte-sul

3.4 Tipo: Alcantil

3.6 Altura: 9,0 m

3.8 Sedimento: Inexistente



4 Vestígios arqueológicos: Pinturas rupestres

Painel	Conhecível	Reconhecível	Irreconhecível	Total
01	02	-	-	02
02	-	02	-	02
03	-	01	-	01
04	-	01	01	02
05	-	01	-	01
06	-	01	-	01
07	-	05	-	05
08	-	01	-	01
09	03	01	-	04
10	-	01	-	01
11	-	01	-	01
12	-	01	-	01
13	-	01	-	01
Total	05	17	01	23

Pesquisador: Sebastião Lacerda de Lima Filho

Guia: Antônio de Carvalho

Área Arqueológica de Sobradinho – BA - ARAS

Levantamento cadastral e fotográfico

Sítio: Traíras 2 ou Tanque de Baixo
Local: Boqueirão do Riacho das Traíras
Região: Traíras

1 Coordenadas:

1.1 UTM 24L: 286214

1.2 UTMN: 8928780

1.3 Altitude: 459m

2 O Suporte:

2.1 Localização: Serra das Traíras

2.3 Unidade: Sobradinho

2.5 Composição: Quartzo

2.2 Grupo geológico: Complexo Rio Salitre

2.4 Estrutura: Rocha ígnea

2.6 Feição: Escarpa

3 O Sítio:

3.1 Altura relativa: Baixa vertente

3.3 Abertura: Sul

3.5 Comprimento: 14,30m

3.7 Largura: 1,8m

3.2 Orientação: Leste-Oeste

3.4 Tipo: Alcantil

3.6 Altura: 7,0 m

3.8 Sedimento: Inexistente



4 Vestígios arqueológicos: Pinturas rupestres

Painel	Conhecível	Reconhecível	Irreconhecível	Total
01	-	01	-	01
02	-	01	-	01
03	-	-	01	01
04	-	01	-	01
05	-	01	-	01
06	-	01	-	01
07	-	-	01	01
08	-	01	01	02
09	-	01	-	01
10	-	-	01	01
11	-	-	01	01
12	-	-	01	01
Total	-	07	06	13

Pesquisador: Sebastião Lacerda de Lima Filho

Guia: Antônio de Carvalho

Área Arqueológica de Sobradinho – BA - ARAS

Levantamento cadastral e fotográfico

Sítio: Traíras 3 ou Toca do Caldeirão
Local: Boqueirão do Riacho das Traíras
Região: Traíras

1 Coordenadas:

1.1 UTM 24L: 286201

1.2 UTMN: 8928778

1.3 Altitude: 462m

2 O Suporte:

2.1 Localização: Serra das Traíras

2.3 Unidade: Sobradinho

2.5 Composição: Quartzo

2.2 Grupo geológico: Complexo Rio Salitre

2.4 Estrutura: Rocha ígnea

2.6 Feição: Escarpa

3 O Sítio:

3.1 Altura relativa: Média Vertente

3.3 Abertura: Sul

3.5 Comprimento: 17 m

3.7 Largura: 3,0 m

3.2 Orientação: Leste-Oeste

3.4 Tipo: Alcantil

3.6 Altura: 8,0 m

3.8 Sedimento: Inexistente



4 Vestígios arqueológicos: Pinturas rupestres

Painel	Conhecível	Reconhecível	Irreconhecível	Total
01	-	01	-	01
02	-	01	-	01
03	-	04	-	04
04	-	03	-	03
05	-	01	-	01
06	-	01	-	01
07	-	02	-	02
08	-	03	-	03
09	-	01	-	01
Total	-	17	-	17

Pesquisador: Sebastião Lacerda de Lima Filho

Guia: Antônio de Carvalho

Área Arqueológica de Sobradinho - ARAS

Levantamento cadastral e fotográfico

Sítio: Traíras 4 ou Toca da Lagartixa
Local: Boqueirão do Riacho das Traíras
Região: Traíras

1 Coordenadas:

1.1 UTM 24L: 286208

1.2 UTMN: 8928767

1.3 Altitude: 465 m

2 O Suporte:

2.1 Localização: Serra das Traíras

2.3 Unidade: Sobradinho

2.5 Composição: Quartzo

2.2 Grupo geológico: Complexo Rio Salitre

2.4 Estrutura: Rocha ígnea

2.6 Feição: Escarpa

3 O Sítio:

3.1 Altura relativa: Baixa vertente

3.3 Abertura: Nordeste

3.5 Comprimento: 7,0 m

3.7 Largura: 1,10 m

3.2 Orientação: Noroeste-Sudeste

3.4 Tipo: Parede

3.6 Altura: 3,0 m

3.8 Sedimento: Inexistente



4 Vestígios arqueológicos: Pinturas rupestres

Painel	Conhecível	Reconhecível	Irreconhecível	Total
01	-	01	01	02
02	-	01	-	01
03	-	-	02	02
04	-	02	01	03
05	-	02	-	02
06	-	01	-	01
07	-	01	-	01
08	-	02	-	02
Total	-	10	04	14

Pesquisador: Sebastião Lacerda de Lima Filho

Guia: Antônio de Carvalho

Área Arqueológica de Sobradinho – BA - ARAS

Levantamento cadastral e fotográfico

Sítio: Traíras 5 ou Escarpa do Urubu
Local: Boqueirão do Riacho das Traíras
Região: Traíras

1 Coordenadas:

1.1 UTM 24L: 286214

1.2 UTMN: 8928759

1.3 Altitude: 467m

2 O Suporte:

2.1 Localização: Serra das traíras

2.3 Unidade: Sobradinho

2.5 Composição: quartzo

2.2 Grupo geológico: Complexo Rio Salitre

2.4 Estrutura: Rocha ígnea

2.6 Feição: Escarpa

3 O Sítio:

3.1 Altura relativa: Alta vertente

3.3 Abertura: Nordeste

3.5 Comprimento: 6,3 m

3.7 Largura: 0,4 m

3.2 Orientação: Noroeste-Sudeste

3.4 Tipo: Alcantil

3.6 Altura: 8,2 m

3.8 Sedimento: Inexistente



4 Vestígios arqueológicos: Pinturas rupestres

Painel	Conhecível	Reconhecível	Irreconhecível	Total
01	-	01	-	01
02	01	02	-	03
03	-	-	01	01
Total	01	03	01	05

Pesquisador: Sebastião Lacerda de Lima Filho

Guia: Antônio de Carvalho

Área Arqueológica de Sobradinho – BA - ARAS
Levantamento cadastral e fotográfico

Sítio: Traíras 6 ou Toca do Casaca
Local: Boqueirão do Riacho das Traíras
Região: Traíras

1 Coordenadas:

1.1 UTM 24L: 286188

1.2 UTMN: 8928763

1.3 Altitude: 469m

2 O Suporte:

2.1 Localização: Serra das Traíras

2.3 Unidade: Sobradinho

2.5 Composição: Quartzo

2.2 Grupo geológico: Complexo Rio Salitre

2.4 Estrutura: Rocha ígnea

2.6 Feição: Escarpa

3 O Sítio:

3.1 Altura relativa: Baixa vertente

3.3 Abertura: Sudoeste-Noroeste

3.5 Comprimento: 17,70m

3.7 Largura: 3,8 m

3.2 Orientação: Nordeste

3.4 Tipo: Alcantil

3.6 Altura: 12 m

3.8 Sedimento: Inexistente



4 Vestígios arqueológicos: Pinturas rupestres

Painel	Conhecível	Reconhecível	Irreconhecível	Total
01	-	02	01	03
02	-	-	01	01
03	-	01	-	01
04	-	03	-	03
05	-	01	-	01
06	-	02	-	02
07	-	01	-	01
08	-	01	-	01
09	-	01	01	02
10	-	01	-	01
11	-	01	-	01
12	-	02	-	02
13	-	01	01	03
14	-	02	-	02
15	-	02	01	03
16	-	-	01	01
17	-	-	01	01
18	-	01	-	01
19	-	01	01	02
20	-	03	01	04
21	-	01	-	01
22	-	01	-	01
23	01	01	-	02
24	-	01	-	01
Total	01	30	09	40

Pesquisador: Sebastião Lacerda de Lima Filho **Guia:** Antônio de Carvalho

Área Arqueológica de Sobradinho - ARAS

Levantamento cadastral e fotográfico

Sítio: Traíras 7 ou Escarpa do Meio
Local: Boqueirão do Riacho das Traíras
Região: Traíras

1 Coordenadas:

1.1 UTM 24L: 286173

1.2 UTMN: 8928773

1.3 Altitude: 467m

2 O Suporte:

2.1 Localização: Serra das Traíras

2.3 Unidade: Sobradinho

2.5 Composição: quartzo

2.2 Grupo geológico: Complexo Rio Salitre

2.4 Estrutura: Rocha ígnea

2.6 Feição: Escarpa

3 O Sítio:

3.1 Altura relativa: Baixa vertente

3.3 Abertura: Nordeste

3.5 Comprimento: 8,8 m

3.7 Largura: 0,3m

3.2 Orientação: Noroeste-Sudeste

3.4 Tipo: Alcantil

3.6 Altura: 7,0 m

3.8 Sedimento: Inexistente



4 Vestígios arqueológicos: Pinturas rupestres

Painel	Conhecível	Reconhecível	Irreconhecível	Total
01	-	01	-	01
02	-	01	01	02
03	-	02	-	02
04	-	03	-	03
05	-	01	01	02
06	-	01	-	01
Total	-	09	02	11

Pesquisador: Sebastião Lacerda de Lima Filho

Guia: Antônio de Carvalho

Área Arqueológica de Sobradinho - ARAS

Levantamento cadastral e fotográfico

Sítio: Traíras 8 ou Escarpa do Tanque
Local: Boqueirão do Riacho das Traíras
Região: Traíras

1 Coordenadas:

1.1 UTM 24L: 286162

1.2 UTMN: 8928783

1.3 Altitude: 464m

2 O Suporte:

2.1 Localização: Serra das Traíras

2.3 Unidade: Sobradinho

2.5 Composição: Quartzzo

2.2 Grupo geológico: Complexo Rio Salitre

2.4 Estrutura: Rocha ígnea

2.6 Feição: Escarpa

3 O Sítio:

3.1 Altura relativa: Baixa vertente

3.3 Abertura: Nordeste

3.5 Comprimento: 8,8 m

3.7 Largura: 2,0 m

3.2 Orientação: Noroeste-Sudeste

3.4 Tipo: Alcantil

3.6 Altura: 9,0 m

3.8 Sedimento: Inexistente



4 Vestígios arqueológicos: Pinturas rupestres

Painel	Conhecível	Reconhecível	Irreconhecível	Total
01	-	02	-	02
02	-	01	01	02
03	-	01	01	02
Total	-	04	02	06

Pesquisador: Sebastião Lacerda de Lima Filho

Guia: Antônio de Carvalho

Área Arqueológica de Sobradinho - ARAS

Levantamento cadastral e fotográfico

Sítio: Traíras 9 ou Escarpa da Base
Local: Boqueirão do Riacho das Traíras
Região: Traíras

1 Coordenadas:

1.1 UTM 24L: 286181

1.2 UTMN: 8928774

1.3 Altitude: 466m

2 O Suporte:

2.1 Localização: Serra das Traíras

2.3 Unidade: Sobradinho

2.5 Composição: quartzo

2.2 Grupo geológico: Complexo Rio Salitre

2.4 Estrutura: Rocha ígnea

2.6 Feição: Escarpa

3 O Sítio:

3.1 Altura relativa: Baixa vertente

3.3 Abertura: Nordeste

3.5 Comprimento: 4,2 m

3.7 Largura: 0,5 m

3.2 Orientação: Noroeste-Sudeste

3.4 Tipo: Parede

3.6 Altura: 1,30 m

3.8 Sedimento: Inexistente



4 Vestígios arqueológicos: Pinturas rupestres

Painel	Conhecível	Reconhecível	Irreconhecível	Total
01	-	01	01	02
02	-	01	01	02
03	-	01	-	01
Total	-	03	02	05

Pesquisador: Sebastião Lacerda de Lima Filho

Guia: Antônio de Carvalho

Área Arqueológica de Sobradinho - ARAS

Levantamento cadastral e fotográfico

Sítio: Traíras 10 ou Escarpa do Cata vento

Local: Boqueirão do Riacho das Traíras

Região: Traíras

1 Coordenadas:

1.1 UTM 24L: 286150

1.2 UTMN: 8928801

1.3 Altitude: 462m

2 O Suporte:

2.1 Localização: Serra das Traíras

2.3 Unidade: Sobradinho

2.5 Composição: Arenito

2.2 Grupo geológico: Complexo Rio Salitre

2.4 Estrutura: Rocha ígnea

2.6 Feição: Escarpa

3 O Sítio:

3.1 Altura relativa: Baixa vertente

3.3 Abertura: Leste

3.5 Comprimento: 14,5 m

3.7 Largura: 3,0 m

3.2 Orientação: Norte-sul

3.4 Tipo: Alcantil

3.6 Altura: 10 m

3.8 Sedimento: Inexistente



4 Vestígios arqueológicos: Pinturas rupestres

Painel	Conhecível	Reconhecível	Irreconhecível	Total
01	-	01	-	01
02	-	-	01	01
03	-	01	-	01
04	-	01	-	01
05	-	01	-	01
Total	-	04	01	05

Pesquisador: Sebastião Lacerda de Lima Filho

Guia: Antônio de Carvalho

Área Arqueológica de Sobradinho - ARAS

Levantamento cadastral e fotográfico

Sítio: Traíras 11 ou Escarpa da Coroa de Frade

Local: Boqueirão do Riacho das Traíras

Região: Traíras

1 Coordenadas:

1.1 UTM 24L: 286190

1.2 UTMN: 8928783

1.3 Altitude: 464m

2 O Suporte:

2.1 Localização: Serra das Traíras

2.3 Unidade: Sobradinho

2.5 Composição: Quartzo

2.2 Grupo geológico: Complexo Rio Salitre

2.4 Estrutura: Rocha ígnea

2.6 Feição: Escarpa

3 O Sítio:

3.1 Altura relativa: Média vertente

3.3 Abertura: Sudoeste

3.5 Comprimento: 12 m

3.7 Largura: 4,2m

3.2 Orientação: Noroeste-Sudeste

3.4 Tipo: Parede

3.6 Altura: 4,5 m

3.8 Sedimento: Inexistente



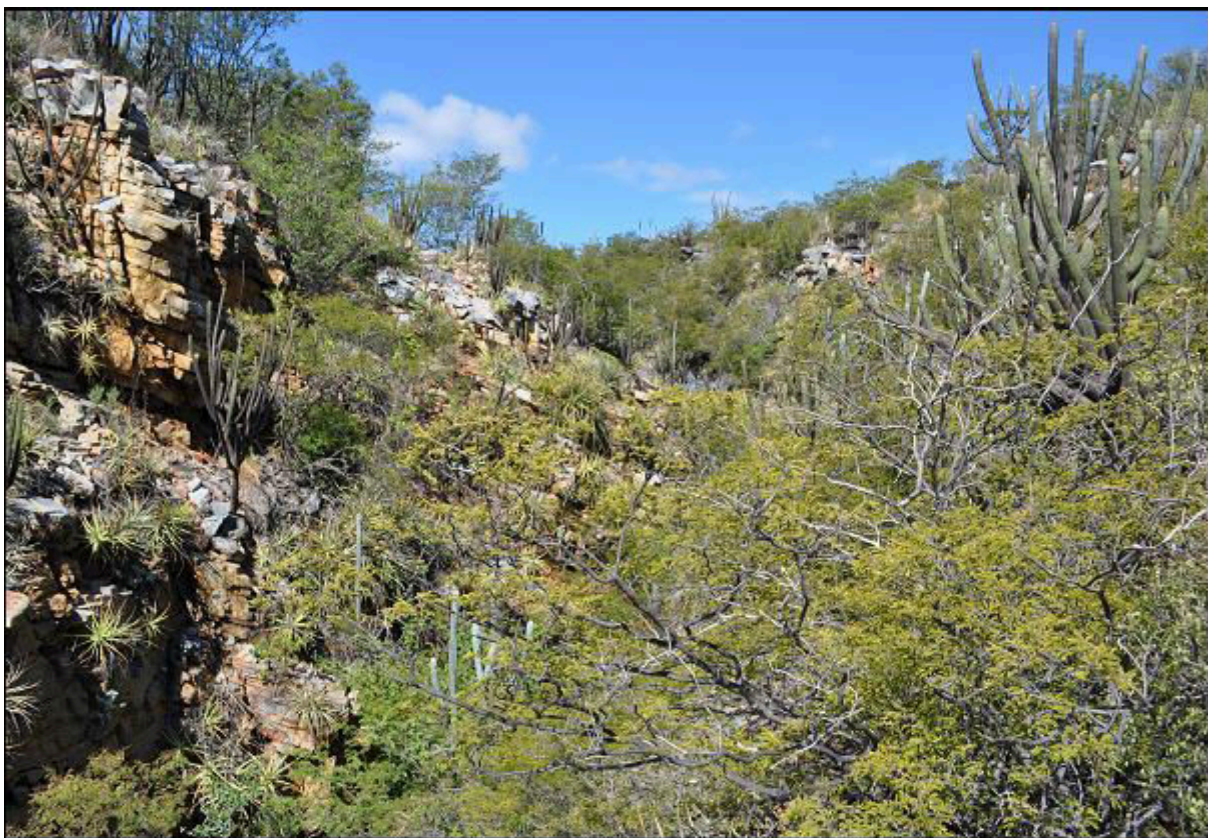
4 Vestígios arqueológicos: Pinturas rupestres

Painel	Conhecível	Reconhecível	Irreconhecível	Total
01	-	-	01	01
02	-	01	-	01
03	-	-	01	01
04	-	01	-	01
05	-	01	-	01
06	-	01	-	01
07	-	01	-	01
08	-	01	-	01
Total	-	06	02	08

Pesquisador: Sebastião Lacerda de Lima Filho

Guia: Antônio de Carvalho

C Boqueirão de São José



Vista parcial do boqueirão



Vista parcial do boqueirão

Área Arqueológica de Sobradinho – BA - ARAS

Levantamento cadastral e fotográfico

Sítio: São José 4

Local: Boqueirão de São José

Região: Brejo de Dentro

1 Coordenadas:

1.1 UTM 24L: 276803

1.2 UTMN: 8932294

1.3 Altitude: 679 m

2 O Suporte:

2.1 Localização: Serra Grande

2.3 Unidade: Formação Tombador

2.5 Composição: Quartzito

2.2 Grupo geológico: Chapada Diamantina

2.4 Estrutura: Rocha metassedimentar

2.6 Feição: Escarpa

3 O Sítio:

3.1 Altura relativa: Baixa vertente

3.3 Abertura: Norte

3.5 Comprimento: 9,5 m

3.7 Largura: 0,5 m

3.2 Orientação: Leste - oeste

3.4 Tipo: Parede

3.6 Altura: 3,0 m

3.8 Sedimento: Inexistente



4 Vestígios arqueológicos: Pinturas rupestres

Painel	Conhecível	Reconhecível	Irreconhecível	Total
01	-	01	-	01
Total	-	01	-	01

Pesquisador: Sebastião Lacerda de Lima Filho

Guia: Antônio de Carvalho

Área Arqueológica de Sobradinho – BA - ARAS

Levantamento cadastral e fotográfico

Sítio: São José 5

Local: Boqueirão de São José

Região: Brejo de Dentro

1 Coordenadas:

1.1 UTM 24L: 276738

1.2 UTMN: 8932256

1.3 Altitude: 683 m

2 O Suporte:

2.1 Localização: Serra Grande

2.3 Unidade: Formação Tombador

2.5 Composição: Quartzito

2.2 Grupo geológico: Chapada Diamantina

2.4 Estrutura: Rocha metassedimentar

2.6 Feição: Escarpa

3 O Sítio:

3.1 Altura relativa: Baixa vertente

3.3 Abertura: Nordeste

3.5 Comprimento: 3,5 m

3.7 Largura: 0,5 m

3.2 Orientação: Noroeste - sudeste

3.4 Tipo: Parede

3.6 Altura: 2 m

3.8 Sedimento: Existente



4 Vestígios arqueológicos: Pinturas rupestres

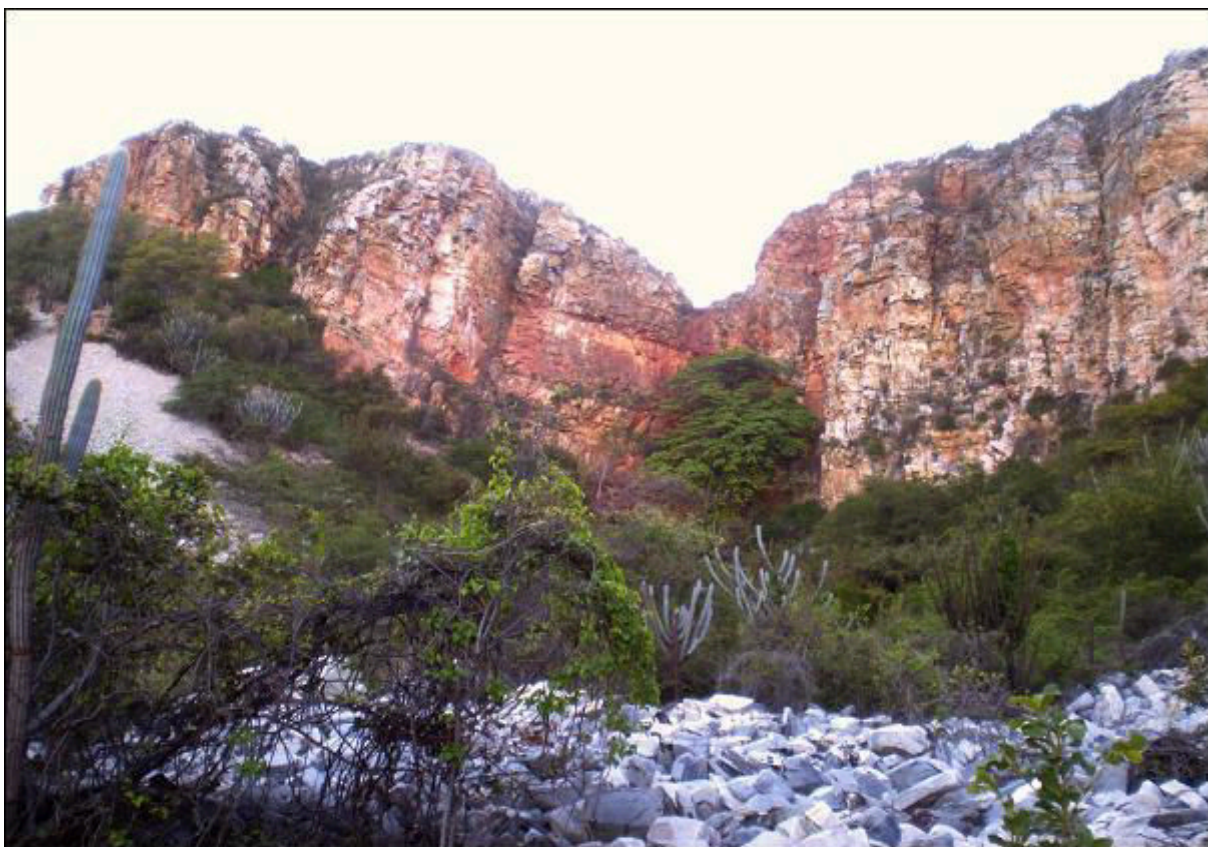
Painel	Conhecível	Reconhecível	Irreconhecível	Total
01	-	01	-	01
02	-	01	-	01
03	-	-	01	01
Total	-	02	01	03

Pesquisador: Sebastião Lacerda de Lima Filho

Guia: Antônio de Carvalho

D Grota de São José

Vista geral da grota



Vista parcial da grota

Área Arqueológica de Sobradinho – BA - ARAS

Levantamento cadastral e fotográfico

Sítio: São José 1

Local: Grota de São José

Região: Brejo de Dentro

1 Coordenadas:

1.1 UTM 24L: 276898

1.2 UTMN: 8932476

1.3 Altitude: 660 m

2 O Suporte:

2.1 Localização: Serra Grande

2.3 Unidade: Formação Tombador

2.5 Composição: Quartzito

2.2 Grupo geológico: Chapada Diamantina

2.4 Estrutura: Rocha metassedimentar

2.6 Feição: Escarpa

3 O Sítio:

3.1 Altura relativa: Alta vertente

3.3 Abertura: Sudeste

3.5 Comprimento: 38 m

3.7 Largura: 1,0 m

3.2 Orientação: Nordeste - sudoeste

3.4 Tipo: Alcantil

3.6 Altura: 30 m

3.8 Sedimento: Existente



4 Vestígios arqueológicos: Pinturas rupestres

Painel	Conhecível	Reconhecível	Irreconhecível	Total
01	-	05	01	06
Total	-	05	01	06

Pesquisador: Sebastião Lacerda de Lima Filho

Guia: Antônio de Carvalho

Área Arqueológica de Sobradinho – BA - ARAS
Levantamento cadastral e fotográfico

Sítio: São José 2

Local: Grotta de São José

Região: Brejo de Dentro

1 Coordenadas:

1.1 UTM 24L: 277109

1.2 UTMN: 8932604

1.3 Altitude: 675 m

2 O Suporte:

2.1 Localização: Serra Grande

2.3 Unidade: Formação Tombador

2.5 Composição: Quartzito

2.2 Grupo geológico: Chapada Diamantina

2.4 Estrutura: Rocha metassedimentar

2.6 Feição: Escarpa

3 O Sítio:

3.1 Altura relativa: Alta vertente

3.3 Abertura: Sudeste

3.5 Comprimento: 46 m

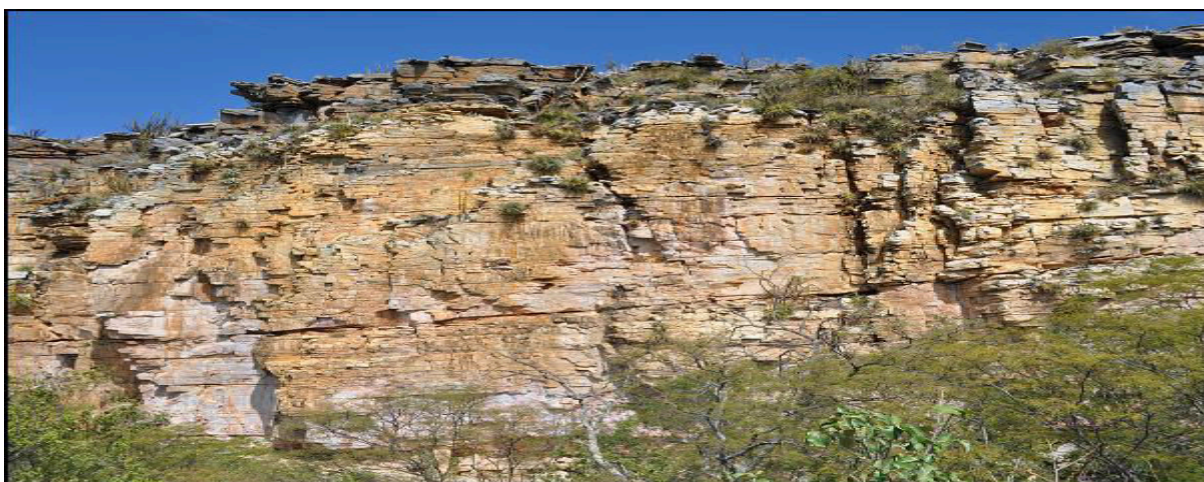
3.7 Largura: 3 m

3.2 Orientação: Nordeste - sudoeste

3.4 Tipo: Alcantil

3.6 Altura: 30 m

3.8 Sedimento: Inexistente



4 Vestígios arqueológicos: Pinturas rupestres artefato lítico

Painel	Conhecível	Reconhecível	Irreconhecível	Total
01	-	01	-	01
02	-	01	-	01
03	-	01	-	01
04	-	-	01	01
05	-	05	01	06
06	-	02	-	02
07	-	01	01	02
08	-	07	01	08
09	-	01	01	02
10	-	01	-	01
11	-	02	-	02
12	-	01	-	01
13	-	01	-	01
14	-	01	-	01
15	-	-	02	02
16	01	01	02	04
17	-	04	01	05
18	-	03	-	03
19	-	01	-	01
20	-	-	03	03
21	-	04	-	04
22	-	02	-	02
23	-	01	-	01
24	-	02	-	02
25	-	07	-	07
26	-	01	-	01
27	-	01	-	01
Total	01	52	13	66

Pesquisador: Sebastião Lacerda de Lima Filho

Guia: Antônio de Carvalho

Área Arqueológica de Sobradinho – BA - ARAS
Levantamento cadastral e fotográfico

Sítio: São José 3
Local: Grota de São José
Região: Brejo de Dentro

1 Coordenadas:

1.1 UTM 24L: 277181

1.2 UTMN: 8932646

1.3 Altitude: 686 m

2 O Suporte:

2.1 Localização: Serra Grande

2.2 Grupo geológico: Chapada Diamantina

2.3 Unidade: Formação Tombador

2.4 Estrutura: Rocha metassedimentar

2.5 Composição: Quartzito

2.6 Feição: Escarpa

3 O Sítio:

3.1 Altura relativa: Alta vertente

3.2 Orientação: Leste - oeste

3.3 Abertura: Sul

3.4 Tipo: Alcantil

3.5 Comprimento: 22 m

3.6 Altura: 20 m

3.7 Largura: 3,5 m

3.8 Sedimento: Existente



4 Vestígios arqueológicos: Pintura rupestre

Painel	Conhecível	Reconhecível	Irreconhecível	Total
01	-	01	-	01
02	-	01	02	03
03	-	01	03	04
04	-	02	-	02
05	-	-	02	02
06	-	02	-	02
07	01	-	01	02
08	04	-	02	06
09	-	03	02	05
10	-	01	-	01
11	04	01	02	07
12	02	-	-	02
13	-	01	-	01
Total	11	13	14	36

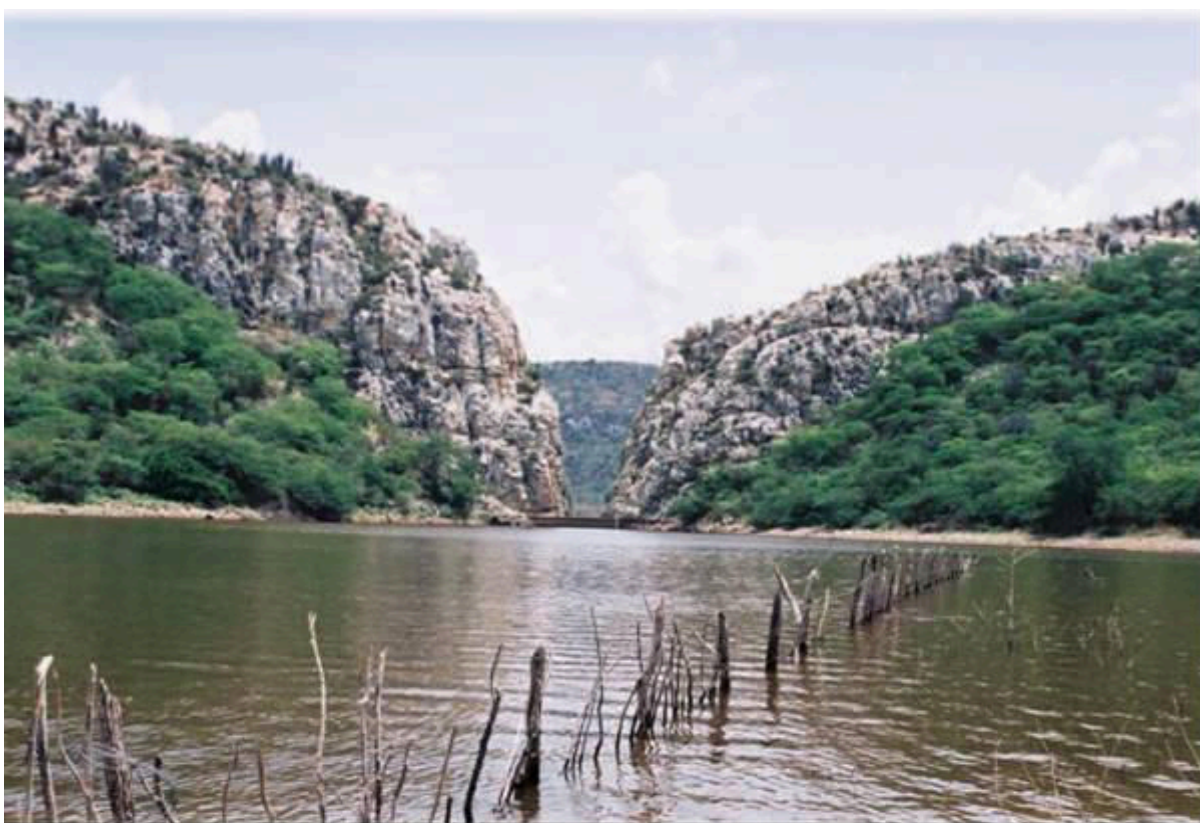
Pesquisador: Sebastião Lacerda de Lima Filho

Guia: Antônio de Carvalho

E Boqueirão do Riacho do Bonsucesso



Vista geral do boqueirão, lado leste



Vista geral do boqueirão, lado oeste

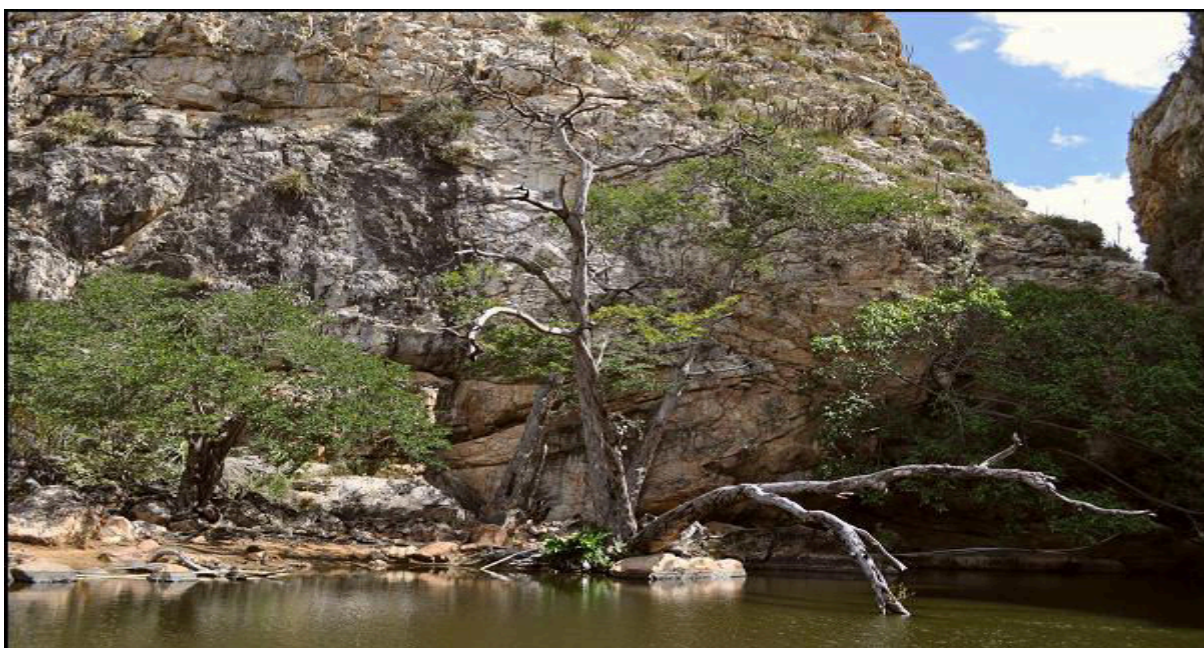
Área Arqueológica de Sobradinho – BA - ARAS
Levantamento cadastral e fotográfico

Sítio: Bonsucesso 1
Local: Boqueirão do Riacho do Bonsucesso
Região: Bonsucesso

1 Coordenadas:
1.1 UTM 24L: 282379 **1.2 UTMN:** 8920313 **1.3 Altitude:** 502 m

2 O Suporte:
2.1 Localização: Serra do Saquinho **2.2 Grupo geológico:** Complexo Rio Salitre
2.3 Unidade: Sobradinho **2.4 Estrutura:** Rocha metavulcanossedimentar
2.5 Composição: Quartzito **2.6 Feição:** Escarpa

3 O Sítio:
3.1 Altura relativa: Baixa vertente **3.2 Orientação:** Nordeste - sudoeste
3.3 Abertura: Sudeste **3.4 Tipo:** Alcantil
3.5 Comprimento: 37 m **3.6 Altura:** 8 m
3.7 Largura: 7,0 m **3.8 Sedimento:** Existente



4 Vestígios arqueológicos: Pintura rupestre

Painel	Conhecível	Reconhecível	Irreconhecível	Total
01	01	-	-	01
02	-	01	01	02
03	-	01	-	01
04	-	02	-	02
05	-	01	-	01
06	01	01	-	02
07	-	01	-	01
08	-	02	01	03
09	01	06	03	10
10	-	03	-	03
11	01	04	-	05
12	-	01	01	02
13	-	01	-	01
14	-	01	-	01
15	-	01	-	01
16	-	01	-	01
17	-	01	-	01
18	01	-	-	01
19	-	01	-	01
20	-	01	-	01
Total	05	30	06	41

Área Arqueológica de Sobradinho – BA - ARAS

Levantamento cadastral e fotográfico

Sítio: Bonsucesso 2

Local: Boqueirão do Riacho do Bonsucesso

Região: Bonsucesso

1 Coordenadas:

1.1 UTM 24L: 282381 **1.2 UTMN:** 8920335

1.3 Altitude: 504 m

2 O Suporte:

2.1 Localização: Serra do Jatobazeiro

2.3 Unidade: Sobradinho

2.5 Composição: Quartzito

2.2 Grupo geológico: Complexo Rio Salitre

2.4 Estrutura: Rocha metavulcanossedimentar

2.6 Feição: Escarpa

3 O Sítio:

3.1 Altura relativa: Baixa vertente

3.3 Abertura: Sul

3.5 Comprimento: 8,5 m

3.7 Largura: 3,5 m

3.2 Orientação: Leste - oeste

3.4 Tipo: Parede

3.6 Altura: 4,7 m

3.8 Sedimento: Inexistente



4 Vestígios arqueológicos: Pinturas rupestres

Painel	Conhecível	Reconhecível	Irreconhecível	Total
01	04	-	-	04
02	01	02	01	04
03	-	-	01	01
04	-	01	01	02
05	-	01	01	02
06	-	01	-	01
07	-	01	-	01
08	-	01	-	01
Total	05	07	04	16

Pesquisador: Cinthia Martins Davis Duarte

Guia: Antônio de Carvalho

Área Arqueológica de Sobradinho – BA - ARAS

Levantamento cadastral e fotográfico

Sítio: Bonsucesso 3

Local: Boqueirão do Riacho do Bonsucesso

Região: Bonsucesso

1 Coordenadas:

1.1 UTM 24L: 282397

1.2 UTMN: 8920336

1.3 Altitude: 504 m

2 O Suporte:

2.1 Localização: Serra do Jatobazeiro

2.2 Grupo geológico: Complexo Rio Salitre

2.3 Unidade: Sobradinho

2.4 Estrutura: Rocha metavulcanossedimentar

2.5 Composição: Quartzito

2.6 Feição: Abrigo sob rocha

3 O Sítio:

3.1 Altura relativa: Média vertente

3.2 Orientação: Leste - oeste

3.3 Abertura: Sul

3.4 Tipo: Abrigo sob rocha

3.5 Comprimento: 10 m

3.6 Altura: 8,0 m

3.7 Largura: 4,0 m

3.8 Sedimento: Inexistente



4 Vestígios arqueológicos: Pinturas rupestres

Painel	Conhecível	Reconhecível	Irreconhecível	Total
01	-	02	-	02
Total	-	02	-	02

Pesquisador: Cinthia Martins Davis Duarte

Guia: Antônio de Carvalho

Área Arqueológica de Sobradinho – BA - ARAS

Levantamento cadastral e fotográfico

Sítio: Bonsucesso 4

Local: Boqueirão do Riacho do Bonsucesso

Região: Bonsucesso

1 Coordenadas:

1.1 UTM 24L: 282356

1.2 UTMN: 8920377

1.3 Altitude: 510 m

2 O Suporte:

2.1 Localização: Serra do Jatobazeiro

2.2 Grupo geológico: Complexo Rio Salitre

2.3 Unidade: Sobradinho

2.4 Estrutura: Rocha metavulcanossedimentar

2.5 Composição: Quartzito

2.6 Feição: Escarpa

3 O Sítio:

3.1 Altura relativa: Baixa vertente

3.2 Orientação: Noroeste - sudeste

3.3 Abertura: Sudoeste

3.4 Tipo: Talhado

3.5 Comprimento: 10 m

3.6 Altura: 6,0 m

3.7 Largura: 0,5 m

3.8 Sedimento: Inexistente



4 Vestígios arqueológicos: Pinturas rupestres

Painel	Conhecível	Reconhecível	Irreconhecível	Total
01	-	01	-	01
02	-	01	-	01
03	-	01	-	01
04	-	01	01	02
05	-	02	-	02
06	-	03	-	03
07	-	01	-	01
08	-	02	01	03
Total	-	12	02	14

Pesquisador: Cinthia Martins Davis Duarte

Guia: Antônio de Carvalho

Área Arqueológica de Sobradinho – BA - ARAS

Levantamento cadastral e fotográfico

Sítio: Bonsucesso 5

Local: Boqueirão do Riacho do Bonsucesso

Região: Bonsucesso

1 Coordenadas:

1.1 UTM 24L: 282349

1.2 UTMN: 8920366 1.3 Altitude: 509 m

2 O Suporte:

2.1 **Localização:** Serra do Saquinho

2.2 **Grupo geológico:** Complexo Rio Salitre

2.3 **Unidade:** Sobradinho

2.4 **Estrutura:** Rocha metavulcanossedimentar

2.5 **Composição:** Quartzito

2.6 **Feição:** Escarpa

3 O Sítio:

3.1 **Altura relativa:** Baixa vertente

3.2 **Orientação:** Leste - oeste

3.3 **Abertura:** Norte

3.4 **Tipo:** Alcantil

3.5 **Comprimento:** 8,0 m

3.6 **Altura:** 10 m

3.7 **Largura:** 1,0 m

3.8 **Sedimento:** Inexistente



4 Vestígios arqueológicos: Pintura rupestre

Painel	Conhecível	Reconhecível	Irreconhecível	Total
01	-	01	-	01

Pesquisador: Cinthia Martins Davis Duarte

Guia: Antônio de Carvalho

Área Arqueológica de Sobradinho – BA - ARAS

Levantamento cadastral e fotográfico

Sítio: Bonsucesso 6

Local: Boqueirão do Riacho do Bonsucesso

Região: Bonsucesso

1 Coordenadas:

1.1 UTM 24L: 282360

1.2 UTMN: 8920344

1.3 Altitude: 506 m

2 O Suporte:

2.1 Localização: Serra do Saquinho

2.3 Unidade: Sobradinho

2.5 Composição: Quartzito

2.2 Grupo geológico: Complexo Rio Salitre

2.4 Estrutura: Rocha metavulcanossedimentar

2.6 Feição: Escarpa

3 O Sítio:

3.1 Altura relativa: Baixa vertente

3.3 Abertura: Norte

3.5 Comprimento: 10 m

3.7 Largura: 6,0 m

3.2 Orientação: Leste - oeste

3.4 Tipo: Abrigo sob rocha

3.6 Altura: 20 m

3.8 Sedimento: Inexistente



4 Vestígios arqueológicos: Pintura rupestre

Painel	Conhecível	Reconhecível	Irreconhecível	Total
01	01	-	-	01
02	-	01	01	02
03	01	-	01	02
04	02	-	01	03
05	02	-	-	02
06	-	01	-	01
07	02	-	01	03
08	-	01	-	01
09	-	01	-	01
10	-	01	-	01
Total	08	05	04	17

Pesquisador: Cinthia Martins Davis Duarte

Guia: Antônio de Carvalho

Área Arqueológica de Sobradinho – BA - ARAS

Levantamento cadastral e fotográfico

Sítio: Bonsucesso 7

Local: Boqueirão do Riacho do Bonsucesso

Região: Bonsucesso

1 Coordenadas:

1.1 UTM 24L: 282353

1.2 UTMN: 8920353

1.3 Altitude: 507 m

2 O Suporte:

2.1 **Localização:** Serra do Saquinho

2.3 **Unidade:** Sobradinho

2.5 **Composição:** Quartzito

2.2 **Grupo geológico:** Complexo Rio Salitre

2.4 **Estrutura:** Rocha metavulcanossedimentar

2.6 **Feição:** Escarpa

3 O Sítio:

3.1 **Altura relativa:** Baixa vertente

3.3 **Abertura:** Norte

3.5 **Comprimento:** 10 m

3.7 **Largura:** 1,0 m

3.2 **Orientação:** Leste - oeste

3.4 **Tipo:** Abrigo sob rocha

3.6 **Altura:** 7,0 m

3.8 **Sedimento:** Inexistente



4 Vestígios arqueológicos: Pintura rupestre

Painel	Conhecível	Reconhecível	Irreconhecível	Total
01	01	04	01	06
02	-	01	-	01
03	-	01	01	02
04	-	05	01	06
05	-	02	01	03
06	-	01	-	01
Total	01	14	04	19

Pesquisador: Cinthia Martins Davis Duarte

Guia: Antônio de Carvalho

Área Arqueológica de Sobradinho – BA - ARAS

Levantamento cadastral e fotográfico

Sítio: Bonsucesso 8

Local: Boqueirão do Riacho do Bonsucesso

Região: Bonsucesso

1 Coordenadas:

1.1 UTM 24L: 282357

1.2 UTMN: 8920365

1.3 Altitude: 508 m

2 O Suporte:

2.1 Localização: Serra do Jatobazeiro

2.2 Grupo geológico: Complexo Rio Salitre

2.3 Unidade: Sobradinho

2.4 Estrutura: Rocha metavulcanossedimentar

2.5 Composição: Quartzito

2.6 Feição: Escarpa

3 O Sítio:

3.1 Altura relativa: Baixa vertente

3.2 Orientação: Leste - oeste

3.3 Abertura: Norte

3.4 Tipo: Abrigo sob rocha

3.5 Comprimento: 18 m

3.6 Altura: 25 m

3.7 Largura: 3,0 m

3.8 Sedimento: Inexistente



4 Vestígios arqueológicos: Pintura rupestre

Painel	Conhecível	Reconhecível	Irreconhecível	Total
01	01	02	01	04
02	-	01	-	01
03	02	-	01	03
04	01	02	-	03
05	01	03	01	05
Total	05	08	03	16

Pesquisador: Cinthia Martins Davis Duarte

Guia: Antônio de Carvalho

F Serrote de São João

Vista geral do Serrote de São João



Lagoa em frente ao serrote

Área Arqueológica de Sobradinho – BA - ARAS

Levantamento cadastral e fotográfico

Sítio: São João 1

Local: Serrote de São João

Região: São João

1 Coordenadas:

1.1 UTM 24L: 283436

1.2 UTMN: 8912231

1.3 Altitude: 480 m

2 O Suporte:

2.1 Localização: Depressão sertaneja

2.2 Grupo geológico: Rocha Metaplutônica

2.3 Unidade: Metagranitóide

2.4 Estrutura: Metamórfica

2.5 Composição: Plagioclásio, quartzo e biotita

2.6 Feição: Matacão

3 O Sítio:

3.1 Altura relativa: Alta vertente

3.2 Orientação: Nordeste - sudoeste

3.3 Abertura: Noroeste

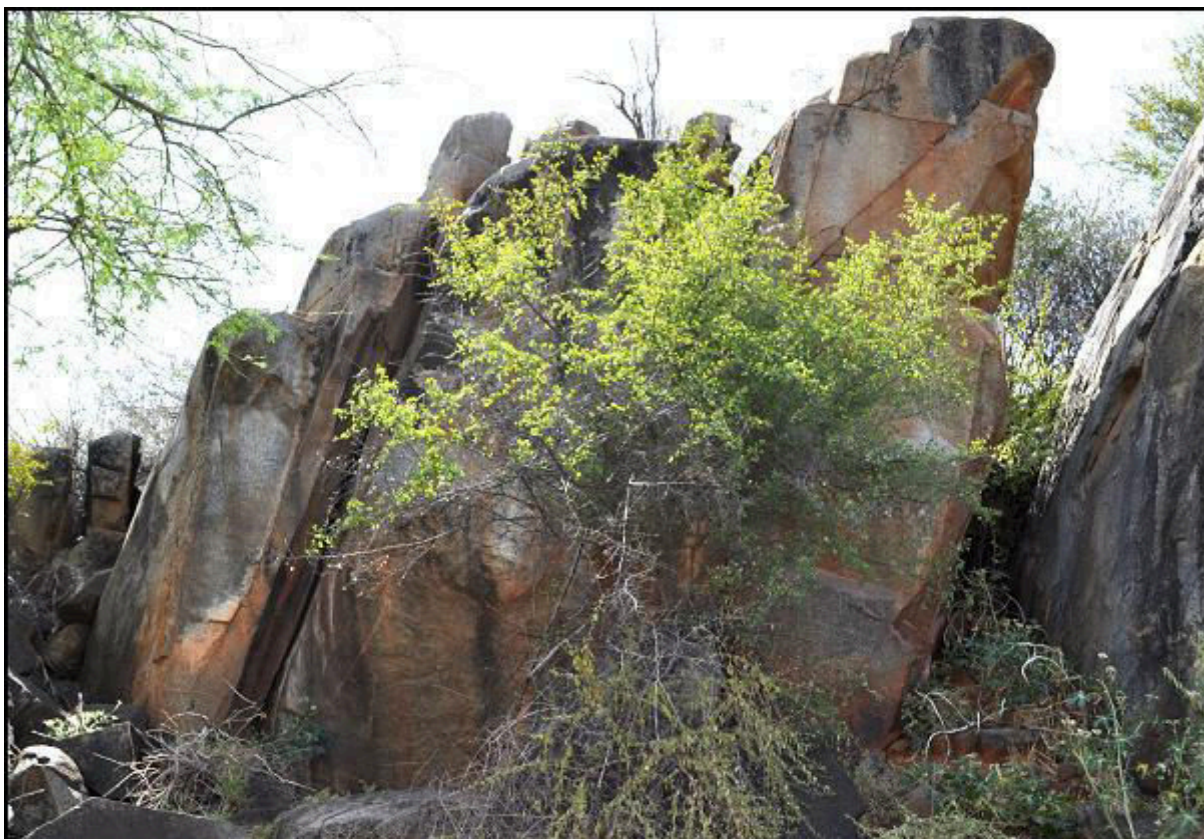
3.4 Tipo: Alcantil

3.5 Comprimento: 8,6 m

3.6 Altura: 6,0 m

3.7 Largura: 0,5 m

3.8 Sedimento: Existente



4 Vestígios arqueológicos: Pinturas rupestres

Painel	Conhecível	Reconhecível	Irreconhecível	Total
01	-	02	-	02
02	-	01	-	01
Total	-	03	-	03

Pesquisador: Sebastião Lacerda de Lima Filho

Guia: Antônio de Carvalho

Área Arqueológica de Sobradinho – BA - ARAS

Levantamento cadastral e fotográfico

Sítio: São João 2

Local: Serrote de São João

Região: São João

1 Coordenadas:

1.1 UTM 24L: 283432

1.2 UTMN: 8912222

1.3 Altitude: 480 m

2 O Suporte:

2.1 Localização: Depressão sertaneja

2.2 Grupo geológico: Rocha Metaplutônica

2.3 Unidade: Metagranitóide

2.4 Estrutura: Metamórfica

2.5 Composição: Plagioclásio, quartzo e biotita

2.6 Feição: Matacão

3 O Sítio:

3.1 Altura relativa: Alta vertente

3.2 Orientação: Nordeste - sudoeste

3.3 Abertura: Noroeste

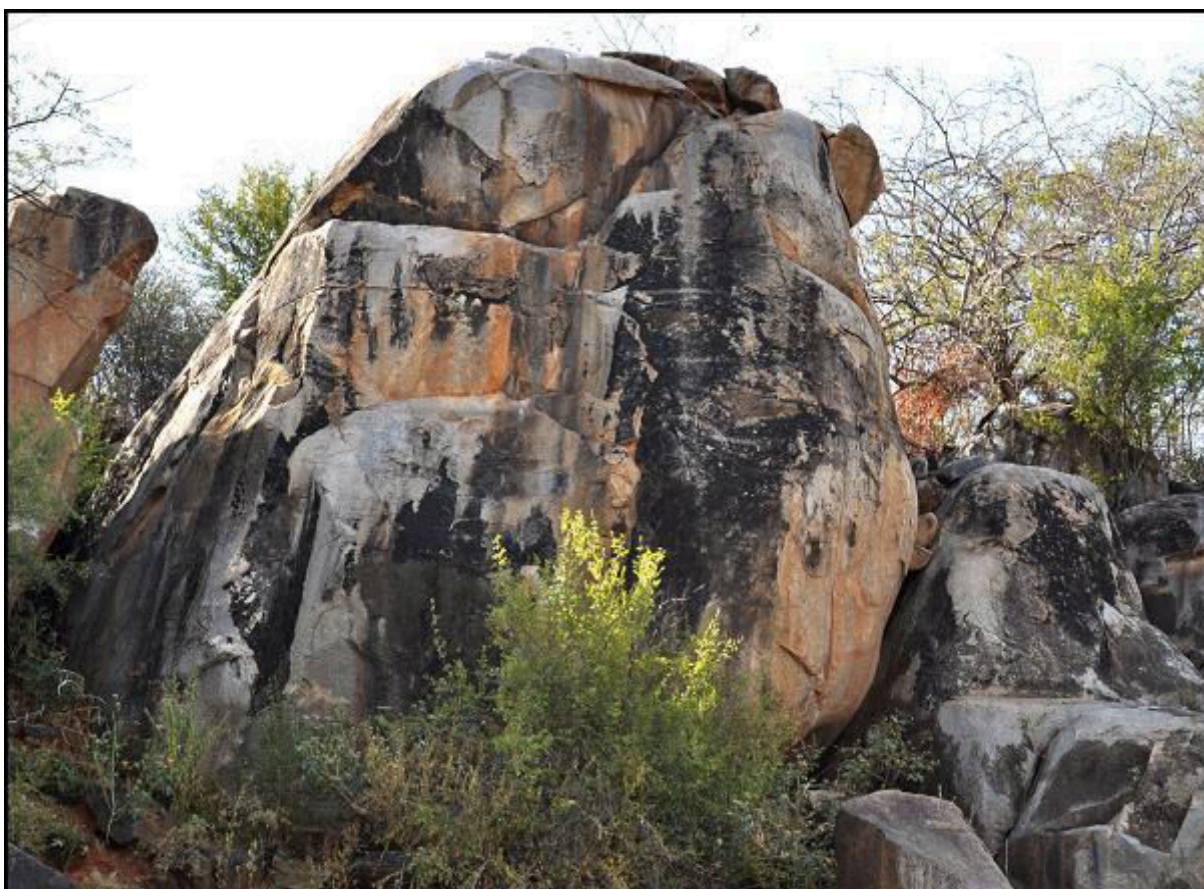
3.4 Tipo: Alcantil

3.5 Comprimento: 9 m

3.6 Altura: 11 m

3.7 Largura: 1 m

3.8 Sedimento: Existente



4 Vestígios arqueológicos: Pinturas rupestres

Painel	Conhecível	Reconhecível	Irreconhecível	Total
01	-	01	-	01
02	-	03	-	03

Total	-	04	-	04
-------	---	----	---	----

Pesquisador: Sebastião Lacerda de Lima Filho

Guia: Antônio de Carvalho

Área Arqueológica de Sobradinho – BA - ARAS

Levantamento cadastral e fotográfico

Sítio: São João 3

Local: Serrote de São João

Região: São João

1 Coordenadas:

1.1 UTM 24L: 283418

1.2 UTMN: 8912189

1.3 Altitude: 480 m

2 O Suporte:

2.1 Localização: Depressão sertaneja

2.2 Grupo geológico: Rocha Metaplutônica

2.3 Unidade: Metagranitóide

2.4 Estrutura: Metamórfica

2.5 Composição: Plagioclásio, quartzo e biotita

2.6 Feição: Matacão

3 O Sítio:

3.1 Altura relativa: Alta vertente

3.2 Orientação: Nordeste - sudoeste

3.3 Abertura: Noroeste

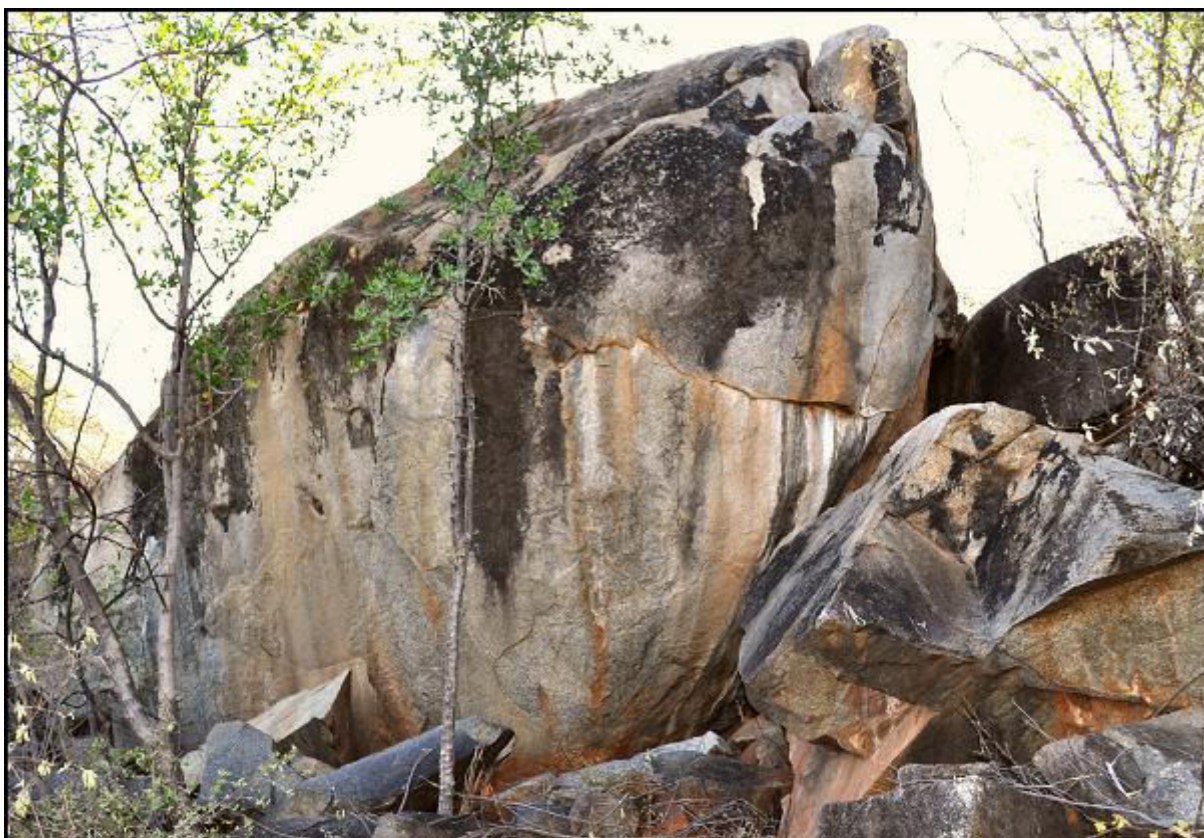
3.4 Tipo: Parede

3.5 Comprimento: 12 m

3.6 Altura: 4,5 m

3.7 Largura: 1 m

3.8 Sedimento: Existente



4 Vestígios arqueológicos: Pinturas rupestres

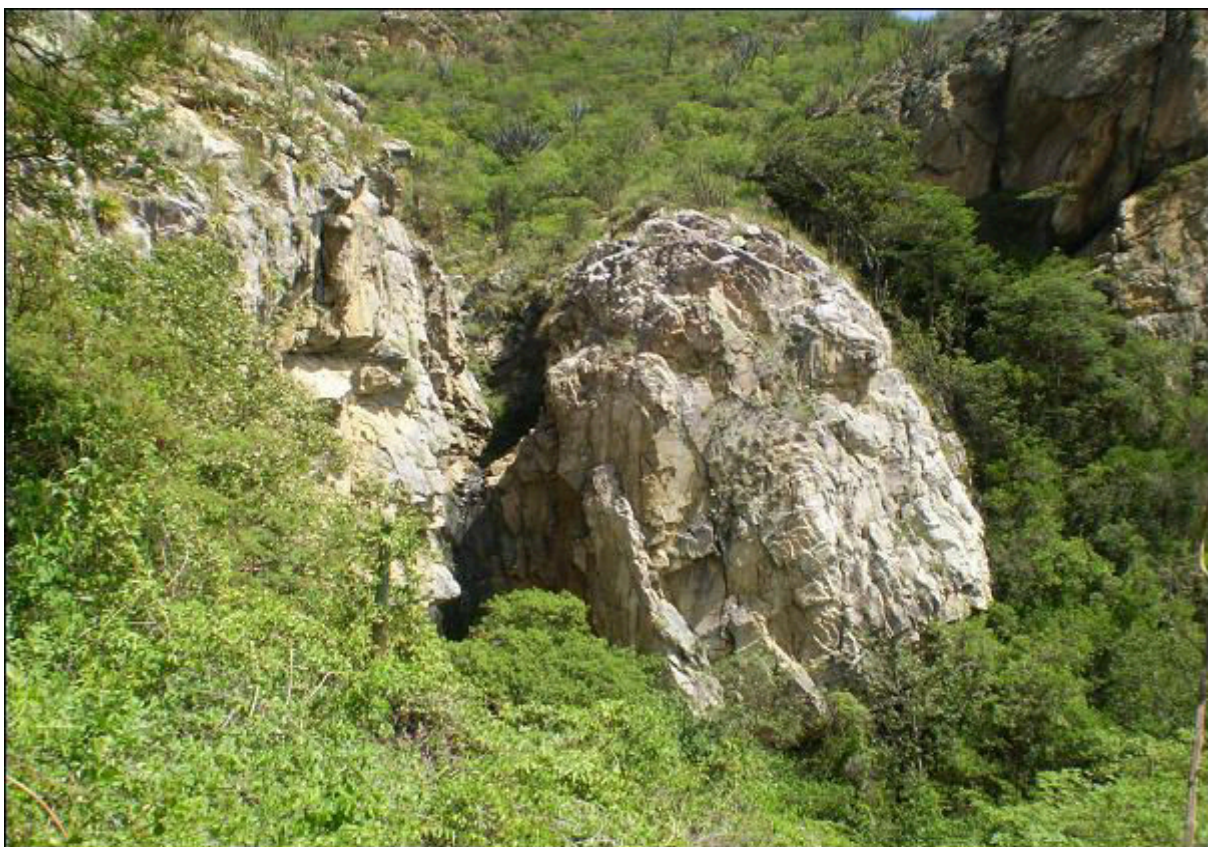
Painel	Conhecível	Reconhecível	Irreconhecível	Total
01	-	01	-	01
02	-	02	-	02
Total	-	03	-	03

Pesquisador: Sebastião Lacerda de Lima Filho

Guia: Antônio de Carvalho

G Boqueirão da Serra da Caixa

Vista geral do boqueirão, lado leste



Vista parcial do boqueirão

Área Arqueológica de Sobradinho – BA - ARAS

Levantamento cadastral e fotográfico

Sítio: Serra da Caixa 3

Local: Boqueirão da Serra da Caixa

Região: São Pedro

1 Coordenadas:

1.1 UTM 24L: 275289

1.2 UTMN: 8911332

1.3 Altitude: 629 m

2 O Suporte:

2.1 **Localização:** Serra da Caixa

2.3 **Unidade:** Formação Tombador

2.5 **Composição:** Conglomerado desorganizado

2.2 **Grupo geológico:** Chapada Diamantina

2.4 **Estrutura:** Metassedimentar

2.6 **Feição:** Escarpa

3 O Sítio:

3.1 **Altura relativa:** Baixa vertente

3.3 **Abertura:** Sudeste

3.5 **Comprimento:** 49 m

3.7 **Largura:** 7 m

3.2 **Orientação:** Nordeste - sudoeste

3.4 **Tipo:** Alcantil

3.6 **Altura:** 50 m

3.8 **Sedimento:** Existente



4 Vestígios arqueológicos: Pinturas rupestres

Painel	Conhecível	Reconhecível	Irreconhecível	Total
01	-	05	01	06
02	-	01	-	01
03	-	03	-	03
04	-	02	-	02
05	02	-	-	02
06	-	01	-	01
07	02	-	-	02
08	-	04	-	04
09	01	01	01	03
10	-	02	-	02
11	02	-	-	02
12	01	-	-	01
Total	08	19	02	29

Pesquisador: Leandro Borges

Guia: Antônio de Carvalho

Área Arqueológica de Sobradinho – BA - ARAS

Levantamento cadastral e fotográfico

Sítio: Serra da Caixa 5
Local: Boqueirão da Serra da Caixa
Região: São Pedro

1 Coordenadas:

1.1 UTM 24L: 275085

1.2 UTMN: 8911395

1.3 Altitude: 631 m

2 O Suporte:

2.1 **Localização:** Serra da Caixa

2.3 **Unidade:** Formação Tombador

2.5 **Composição:** Conglomerado desorganizado

2.2 **Grupo geológico:** Chapada Diamantina

2.4 **Estrutura:** Rocha metassedimentar

2.6 **Feição:** Matakão

3 O Sítio:

3.1 **Altura relativa:** Baixa vertente

3.3 **Abertura:** Nordeste

3.5 **Comprimento:** 16 m

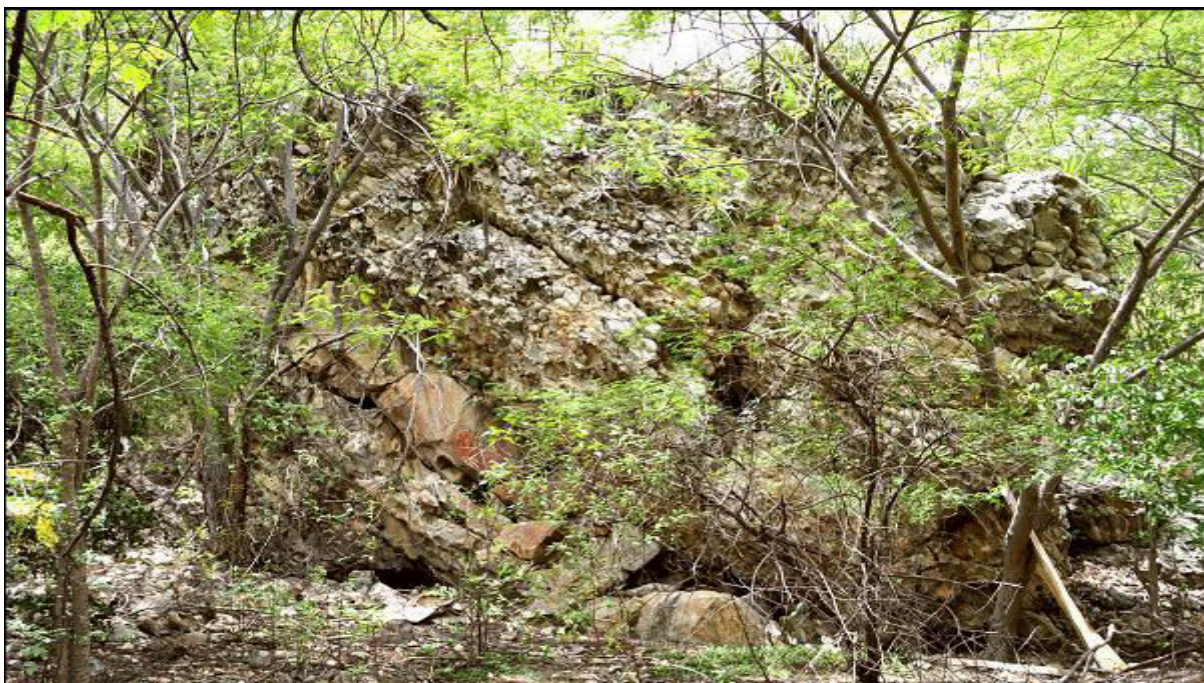
3.7 **Largura:** 1 m

3.2 **Orientação:** Noroeste - sudeste

3.4 **Tipo:** Alcantil

3.6 **Altura:** 6 m

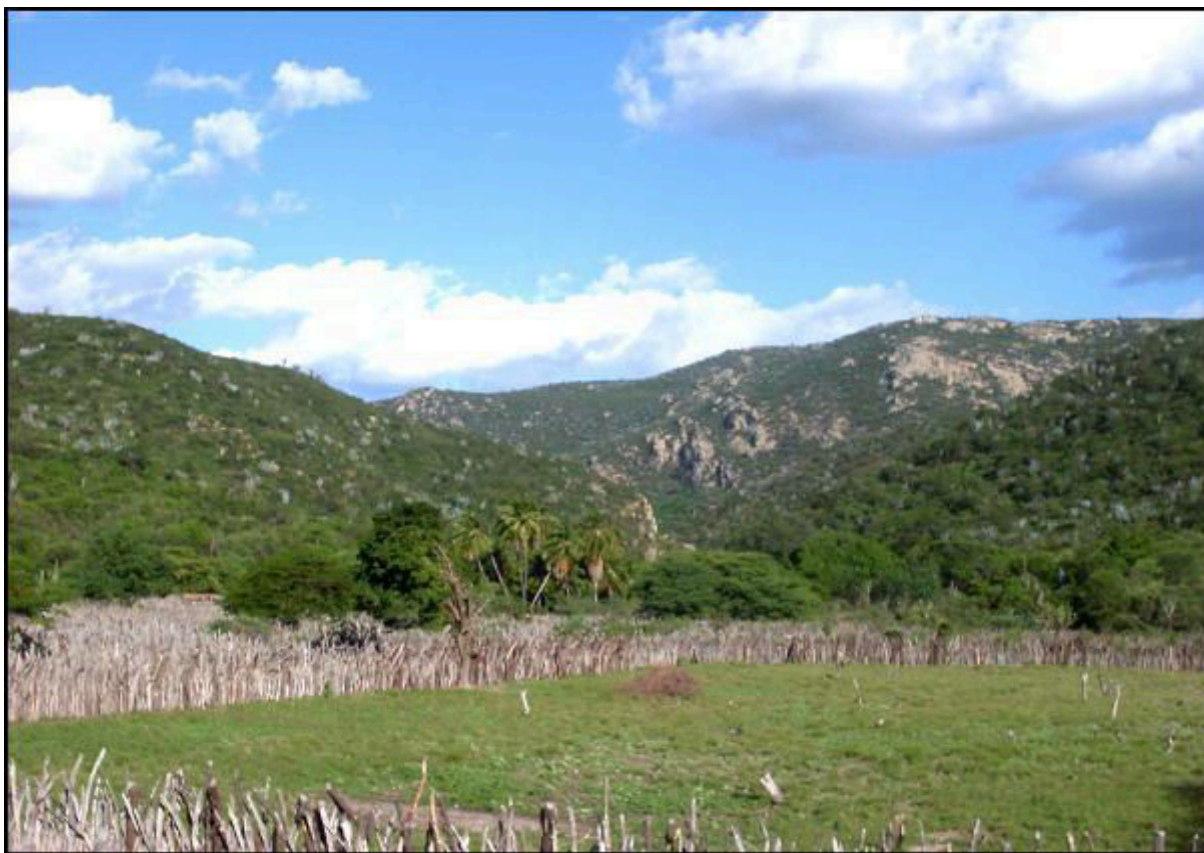
3.8 **Sedimento:** Existente



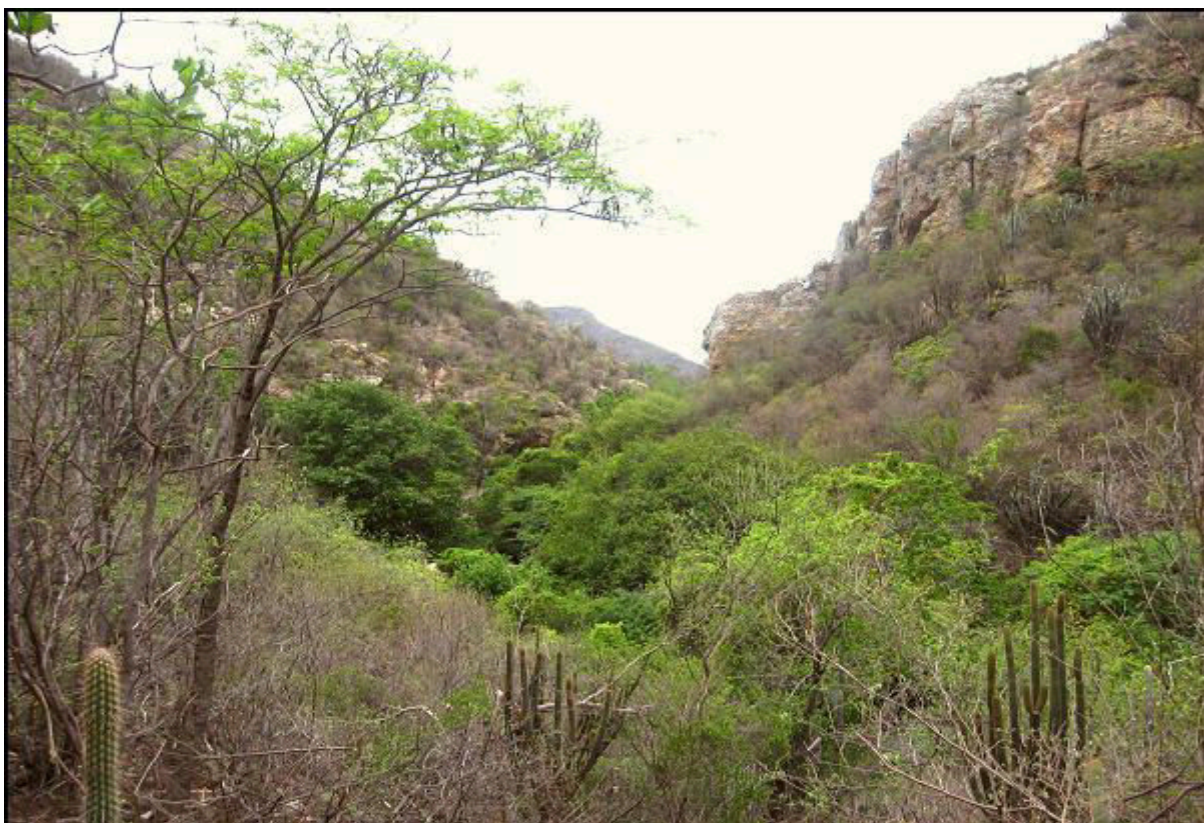
4 Vestígios arqueológicos: Pinturas e gravuras rupestres

Painel	Conhecível	Reconhecível	Irreconhecível	Total
01	-	05	01	06
02	-	03	-	03
03	-	01	-	01
04	-	01	01	02
05	-	02	01	03
06	-	03	01	04
07	-	01	03	04
08	-	05	01	06
09	-	03	02	05
10	-	02	01	03
11	-	03	01	04
12	-	02	01	03
13	-	03	01	04
14	-	03	01	04
15	-	-	03	03
16	-	02	01	03
17	-	04	01	05
Total	-	43	20	63

H Boqueirão do Riacho São Pedro



Vista geral do boqueirão, lado oeste



Vista parcial do boqueirão

Área Arqueológica de Sobradinho – BA - ARAS

Levantamento cadastral e fotográfico

Sítio: São Pedro 1

Local: Boqueirão do Riacho de São Pedro

Região: São Pedro

1 Coordenadas:

1.1 UTM 24L: 272934

1.2 UTMN: 8907127

1.3 Altitude: 668 m

2 O Suporte:

2.1 **Localização:** Serra de São Pedro

2.3 **Unidade:** Formação Tombador

2.5 **Composição:** Conglomerado desorganizado

2.2 **Grupo geológico:** Chapada Diamantina

2.4 **Estrutura:** Rocha metamórfica

2.6 **Feição:** Escarpa

3 O Sítio:

3.1 **Altura relativa:** Baixa vertente

3.3 **Abertura:** Sudeste

3.5 **Comprimento:** 47 m

3.7 **Largura:** 5 m

3.2 **Orientação:** Nordeste - sudoeste

3.4 **Tipo:** Alcantil

3.6 **Altura:** 15 m

3.8 **Sedimento:** Existente



4 Vestígios arqueológicos: Pinturas rupestres

Painel	Conhecível	Reconhecível	Irreconhecível	Total
01	-	-	02	02
02	-	02	-	02
Total	-	02	02	04

Pesquisador: Rakel de Castro Alves

Guia: Antônio de Carvalho

Área Arqueológica de Sobradinho – BA - ARAS

Levantamento cadastral e fotográfico

Sítio: São Pedro 2

Local: Boqueirão do Riacho de São Pedro

Região: São Pedro

1 Coordenadas:

1.1 UTM 24L: 272945

1.2 UTMN: 8907086

1.3 Altitude: 668 m

2 O Suporte:

2.1 **Localização:** Serra de São Pedro

2.2 **Grupo geológico:** Chapada Diamantina

2.3 **Unidade:** Formação Tombador

2.4 **Estrutura:** Rocha metamórfica

2.5 **Composição:** Conglomerado desorganizado

2.6 **Feição:** Abrigo sob rocha

3 O Sítio:

3.1 **Altura relativa:** Baixa vertente

3.2 **Orientação:** Noroeste - sudeste

3.3 **Abertura:** Nordeste

3.4 **Tipo:** Abrigo sob rocha

3.5 **Comprimento:** 30 m

3.6 **Altura:** 10 m

3.7 **Largura:** 6 m

3.8 **Sedimento:** Existente



4 Vestígios arqueológicos: Pinturas rupestres

<i>Painel</i>	Conhecível	Reconhecível	Irreconhecível	Total
01	-	08	02	10
02	-	-	01	01
03	-	01	-	01
04	-	03	01	04
05	-	-	01	01
06	02	06	-	08
07	-	01	-	01
08	-	-	01	01
09	-	02	-	02
10	-	-	01	01
11	-	-	01	01
12	-	01	-	01
13	-	02	01	03
14	-	09	06	15
15	02	03	-	05
16	-	05	01	06
17	-	09	05	14
18	-	09	-	09
19	-	03	03	06
20	-	02	01	03
21	-	-	01	01
22	-	04	01	05
23	01	01	-	02
24	-	02	-	02
25	-	02	-	02
26	-	01	-	01
Total	05	74	27	106

Pesquisador: Raket de Castro Alves

Guia: Antônio de Carvalho

I Serrote do Caldeirão do Manezinho



Vista geral do serrote



Vista parcial do serrote

Área Arqueológica de Sobradinho – BA - ARAS

Levantamento cadastral e fotográfico

Sítio: Caldeirão do Manezinho 1
Local: Serrote do Caldeirão do Manezinho
Região: São Pedro

1 Coordenadas:

1.1 UTM 24L: 271109

1.2 UTMN: 8904882

1.3 Altitude: 725 m

2 O Suporte:

2.1 Localização: Serra da Gameleira

2.3 Unidade: Formação Tombador

2.5 Composição: Conglomerado desorganizado

2.2 Grupo geológico: Chapada Diamantina

2.4 Estrutura: Rocha metassedimentar

2.6 Feição: Matakão

3 O Sítio:

3.1 Altura relativa: Alta vertente

3.3 Abertura: Nordeste

3.5 Comprimento: 23 m

3.7 Largura: 4 m

3.2 Orientação: Noroeste - sudeste

3.4 Tipo: Abrigo sob rocha

3.6 Altura: 7 m

3.8 Sedimento: Existente



4 Vestígios arqueológicos: Pinturas rupestres

Painel	Conhecível	Reconhecível	Irreconhecível	Total
01	01	-	01	02
02	01	01	02	04
03	-	01	-	01
04	01	01	04	06
05	-	02	02	04
06	-	-	03	03
07	-	-	03	03
08	-	01	01	02
09	-	02	02	04
10	-	01	01	02
11	-	01	01	02
12	-	01	01	02
13	-	01	02	03
14	-	-	04	04
15	-	02	01	03
16	-	01	-	01
17	-	02	-	02
18	-	02	-	02
Total	03	19	28	50

Pesquisador: Sebastião Lacerda de Lima Filho

Guia: Antônio de Carvalho

Área Arqueológica de Sobradinho – BA - ARAS

Levantamento cadastral e fotográfico

Sítio: Caldeirão do Manezinho 2

Local: Serrote do Caldeirão do Manezinho

Região: São Pedro

1 Coordenadas:

1.1 UTM 24L: 271085

1.2 UTMN: 8904884

1.3 Altitude: 715 m

2 O Suporte:

2.1 **Localização:** Serra da Gameleira

2.2 **Grupo geológico:** Chapada Diamantina

2.3 **Unidade:** Formação Tombador

2.4 **Estrutura:** Rocha metassedimentar

2.5 **Composição:** Conglomerado desorganizado

2.6 **Feição:** Matacão

3 O Sítio:

3.1 **Altura relativa:** Alta vertente

3.2 **Orientação:** Noroeste - sudeste

3.3 **Abertura:** Nordeste

3.4 **Tipo:** Abrigo sob rocha

3.5 **Comprimento:** 11 m

3.6 **Altura:** 8 m

3.7 **Largura:** 5 m

3.8 **Sedimento:** Existente



4 Vestígios arqueológicos: Pinturas rupestres e lítico (percutor)

<i>Painel</i>	Conhecível	Reconhecível	Irreconhecível	Total
01	-	02	01	03
02	-	06	02	08
03	-	01	04	05
04	-	-	01	01
05	-	01	02	03
Total	-	10	10	20

Pesquisador: Sebastião Lacerda de Lima Filho

Guia: Antônio de Carvalho

Área Arqueológica de Sobradinho – BA - ARAS

Levantamento cadastral e fotográfico

Sítio: Caldeirão do Manezinho 3

Local: Serrote do Caldeirão do Manezinho

Região: São Pedro

1 Coordenadas:

1.1 UTM 24L: 271002

1.2 UTMN: 8904978

1.3 Altitude: 733 m

2 O Suporte:

2.1 **Localização:** Serra da Gameleira

2.2 **Grupo geológico:** Chapada Diamantina

2.3 **Unidade:** Formação Tombador

2.4 **Estrutura:** Rocha metassedimentar

2.5 **Composição:** Conglomerado desorganizado

2.6 **Feição:** Matacão

3 O Sítio:

3.1 **Altura relativa:** Média vertente

3.2 **Orientação:** Leste - oeste

3.3 **Abertura:** Norte

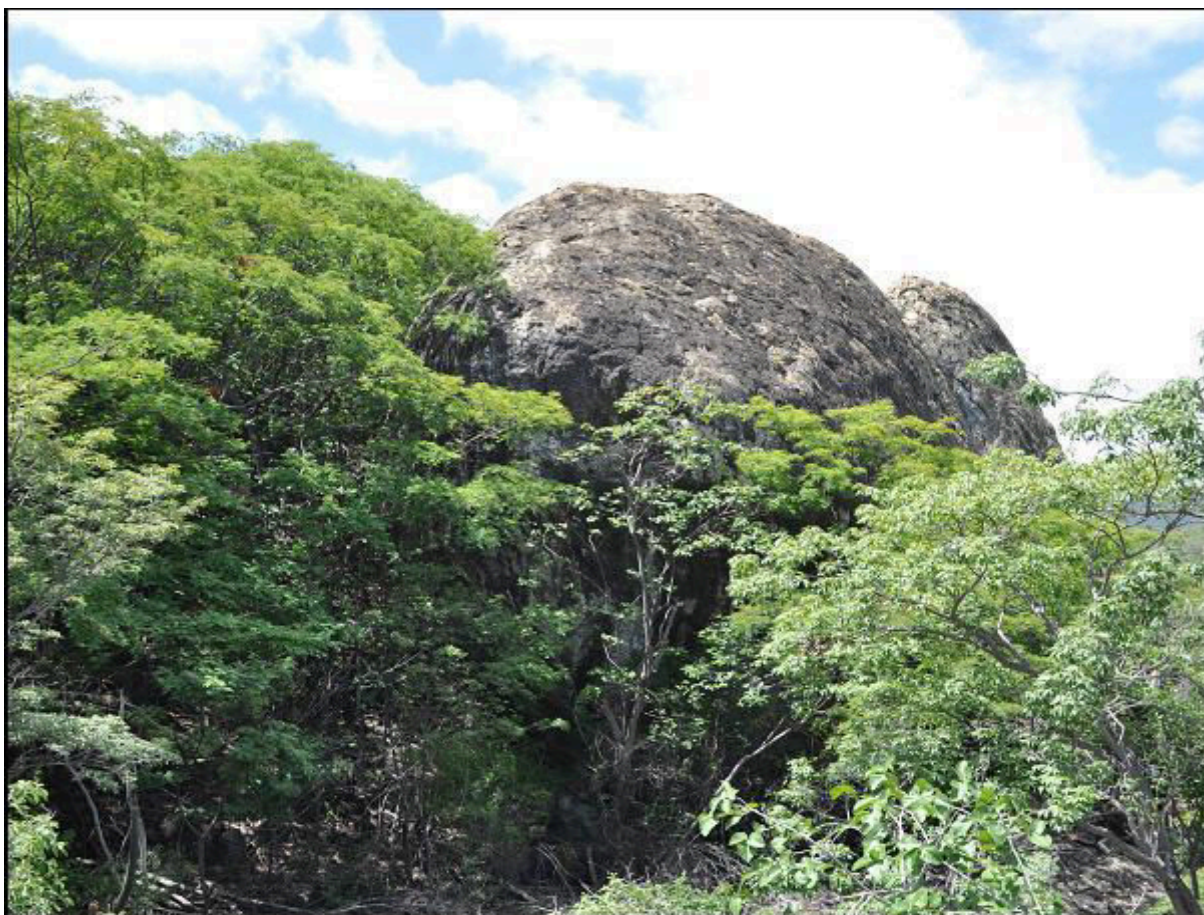
3.4 **Tipo:** Abrigo sob rocha

3.5 **Comprimento:** 26 m

3.6 **Altura:** 10 m

3.7 **Largura:** 7 m

3.8 **Sedimento:** Existente



4 Vestígios arqueológicos: Pinturas rupestres

Painel	Conhecível	Reconhecível	Irreconhecível	Total
01	13	09	-	22
Total	13	09	-	22

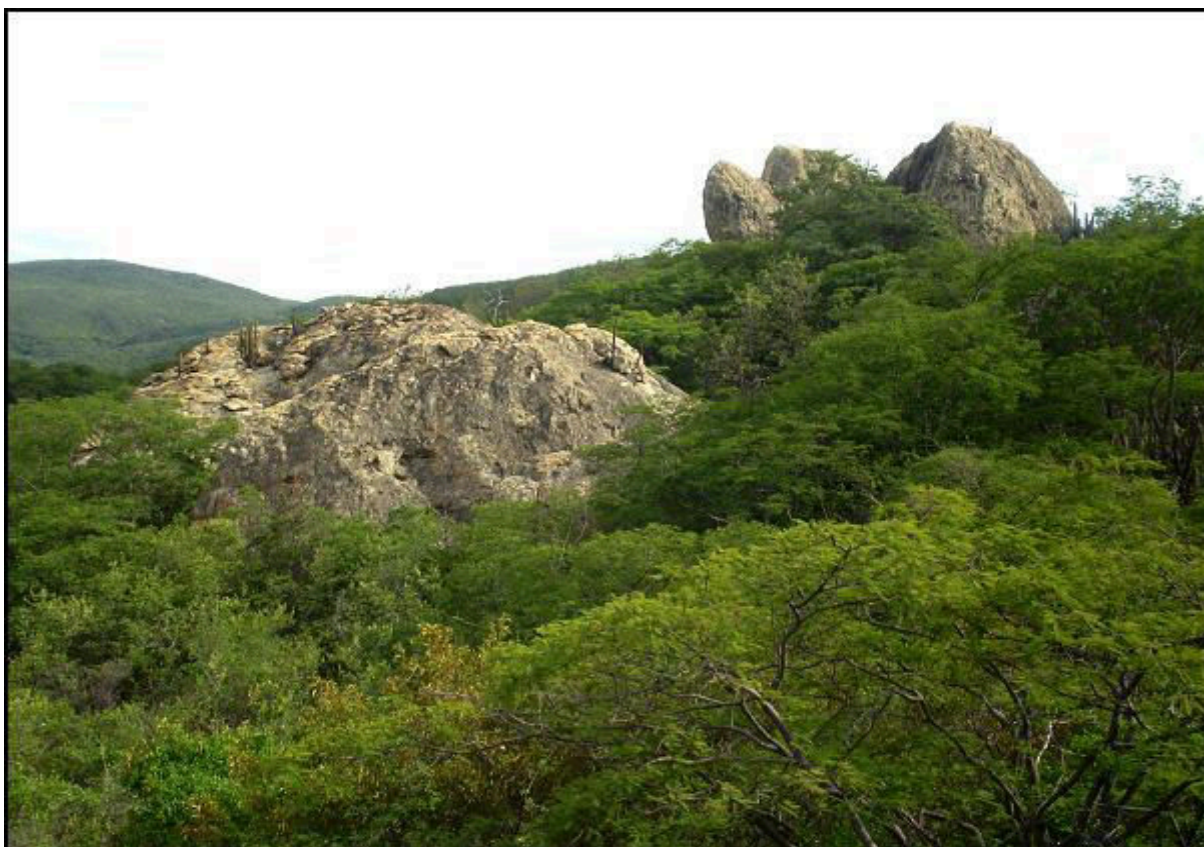
Pesquisador: Sebastião Lacerda de Lima Filho

Guia: Antônio de Carvalho

J Serrote do Caldeirão da Tiririca



Vista geral do Serrote



Vista parcial do serrote

Área Arqueológica de Sobradinho – BA - ARAS

Levantamento cadastral e fotográfico

Sítio: Caldeirão da Tiririca 1

Local: Serrote do Caldeirão da Tiririca

Região: São Pedro

1 Coordenadas:

1.1 UTM 24L: 271058

1.2 UTMN: 8904438

1.3 Altitude: 716 m

2 O Suporte:

2.1 Localização: Serra da Gameleira

2.2 Grupo geológico: Chapada Diamantina

2.3 Unidade: Formação Tombador

2.4 Estrutura: Rocha metassedimentar

2.5 Composição: Arenito conglomerático

2.6 Feição: Matacão

3 O Sítio:

3.1 Altura relativa: Média vertente

3.2 Orientação: Nordeste - sudoeste

3.3 Abertura: Sudeste

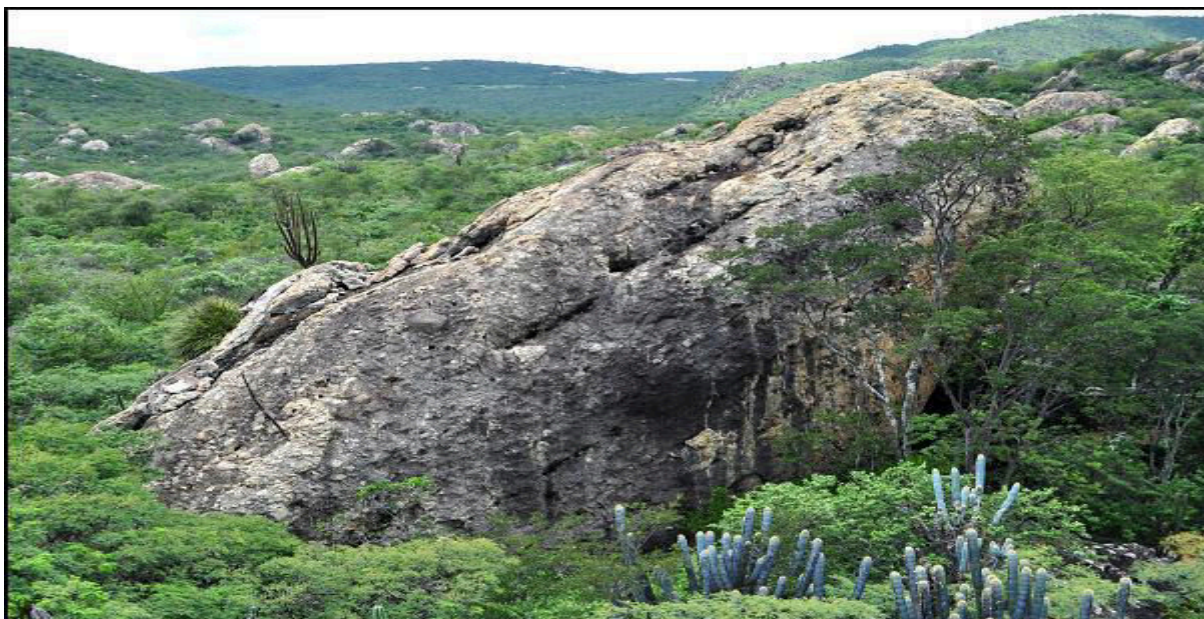
3.4 Tipo: Abrigo sob rocha

3.5 Comprimento: 16,5 m

3.6 Altura: 10 m

3.7 Largura: 4,3 m

3.8 Sedimento: Sim



4 Vestígios arqueológicos: Pinturas rupestres

Painel	Conhecível	Reconhecível	Irreconhecível	Total
01	-	-	01	01
02	-	-	01	01
03	-	-	06	06
04	-	-	08	08
05	-	10	08	18
06	-	04	01	05
07	-	-	08	08
08	-	-	01	01
Total	-	14	34	48

Pesquisador: Reuber Henrique de Lima Reis

Guia: Antônio de Carvalho

Área Arqueológica de Sobradinho – BA - ARAS

Levantamento cadastral e fotográfico

Sítio: Caldeirão da Tiririca 2
Local: Serrote do Caldeirão da Tiririca
Região: São Pedro

1 Coordenadas:

1.1 UTM 24L: 271053

1.2 UTMN: 8904254

1.3 Altitude: 715 m

2 O Suporte:

2.1 Localização: Serra da Gameleira

2.2 Grupo geológico: Chapada Diamantina

2.3 Unidade: Formação Tombador

2.4 Estrutura: Rocha metassedimentar

2.5 Composição: Arenito conglomerático

2.6 Feição: Matacão

3 O Sítio:

3.1 Altura relativa: Média vertente

3.2 Orientação: Norte - sul

3.3 Abertura: Leste

3.4 Tipo: Abrigo sob rocha

3.5 Comprimento: 16 m

3.6 Altura: 6 m

3.7 Largura: 10 m

3.8 Sedimento: Sim



4 Vestígios arqueológicos: Pinturas rupestres e lítico (base de pilão)

Painel	Conhecível	Reconhecível	Irreconhecível	Total
01	-	-	01	01
02	-	-	03	03
03	-	-	03	03
04	-	-	10	10
05	-	09	02	11
06	-	03	01	04
07	-	03	-	03
08	-	03	-	03
09	-	-	03	03
10	-	01	-	01
11	-	07	05	12
12	-	03	07	10
Total	-	29	35	64

Pesquisador: Reuber Henrique de Lima Reis

Guia: Antônio de Carvalho

Área Arqueológica de Sobradinho – BA - ARAS

Levantamento cadastral e fotográfico

Sítio: Caldeirão da Tiririca 3

Local: Serrote do Caldeirão da Tiririca

Região: São Pedro

1 Coordenadas:

1.1 UTM 24L: 271058

1.2 UTMN: 8904260

1.3 Altitude: 715 m

2 O Suporte:

2.1 Localização: Serra da Gameleira

2.2 Grupo geológico: Chapada Diamantina

2.3 Unidade: Formação Tombador

2.4 Estrutura: Rocha metamórfica

2.5 Composição: Arenito conglomerático

2.6 Feição: Matacão

3 O Sítio:

3.1 Altura relativa: Média vertente

3.2 Orientação: Norte - sul

3.3 Abertura: Leste

3.4 Tipo: Abrigo sob rocha

3.5 Comprimento: 9 m

3.6 Altura: 5 m

3.7 Largura: 4 m

3.8 Sedimento: Sim



4 Vestígios arqueológicos: Pintura rupestre

Painel	Conhecível	Reconhecível	Irreconhecível	Total
01	-	02	-	02
Total	-	02	-	02

Pesquisador: Reuber Henrique de Lima Reis

Guia: Antônio de Carvalho

Área Arqueológica de Sobradinho – BA - ARAS

Levantamento cadastral e fotográfico

Sítio: Caldeirão da Tiririca 4
Local: Serrote do Caldeirão da Tiririca
Região: São Pedro

1 Coordenadas:

1.1 UTM 24L: 271052

1.2 UTMN: 8904273

1.3 Altitude: 716 m

2 O Suporte:

2.1 Localização: Serra da Gameleira

2.3 Unidade: Formação Tombador

2.5 Composição: Arenito conglomerático

2.2 Grupo geológico: Chapada Diamantina

2.4 Estrutura: Rocha metassedimentar

2.6 Feição: Matacão

3 O Sítio:

3.1 Altura relativa: Média vertente

3.3 Abertura: Oeste

3.5 Comprimento: 21 m

3.7 Largura: 6 m

3.2 Orientação: Norte - sul

3.4 Tipo: Abrigo sob rocha

3.6 Altura: 5 m

3.8 Sedimento: Sim



4 Vestígios arqueológicos: Pintura rupestre, lítico (base de pilão) e estrutura de fogueira

Painel	Conhecível	Reconhecível	Irreconhecível	Total
01	-	02	-	02
02	-	03	03	06
03	-	06	02	08
04	01	-	01	02
05	-	-	02	02
06	-	-	03	03
07	-	05	-	05
08	-	02	01	03
09	-	-	04	04
10	-	03	02	05
11	-	06	04	10
12	-	04	03	07
13	-	03	01	04
14	-	-	04	04
15	-	02	-	02
Total	01	36	30	67

Pesquisador: Reuber Henrique de Lima Reis

Guia: Antônio de Carvalho

L Serrote do Pau Ferro



Vista geral do serrote



Vista parcial do serrote

Área Arqueológica de Sobradinho – BA - ARAS

Levantamento cadastral e fotográfico

Sítio: Pau Ferro 1

Local: Serrote do Pau Ferro

Região: São Pedro

1 Coordenadas:

1.1 UTM 24L: 271390

1.2 UTMN: 8904088

1.3 Altitude: 719 m

2 O Suporte:

2.1 Localização: Serra da Gameleira

2.2 Grupo geológico: Chapada Diamantina

2.3 Unidade: Formação Tombador

2.4 Estrutura: Rocha metassedimentar

2.5 Composição: Arenito conglomerático

2.6 Feição: Matacão

3 O Sítio:

3.1 Altura relativa: Alta vertente

3.2 Orientação: Nordeste - sudoeste

3.3 Abertura: Sudeste

3.4 Tipo: Abrigo sob rocha

3.5 Comprimento: 8,3 m

3.6 Altura: 4 m

3.7 Largura: 7,0 m

3.8 Sedimento: Existente

4 Vestígios arqueológicos: Pinturas rupestres

Painel	Conhecível	Reconhecível	Irreconhecível	Total
01	02	03	01	06
02	-	01	-	01
03	-	03	01	04
04	-	02	-	02
05	01	03	-	04
06	01	02	-	03
Total	04	14	02	20

Pesquisador: Sebastião Lacerda de Lima Filho

Guia: Alonso José dos Santos



Sítio arqueológico Pau Ferro 1

Área Arqueológica de Sobradinho – BA - ARAS

Levantamento cadastral e fotográfico

Sítio: Pau Ferro 2

Local: Serrote do Pau Ferro

Região: São Pedro

1 Coordenadas:

1.1 UTM 24L: 271379

1.2 UTMN: 8904094

1.3 Altitude: 722 m

2 O Suporte:

2.1 Localização: Serra da Gameleira

2.2 Grupo geológico: Chapada Diamantina

2.3 Unidade: Formação Tombador

2.4 Estrutura: Rocha metassedimentar

2.5 Composição: Arenito conglomerático

2.6 Feição: Matacão

3 O Sítio:

3.1 Altura relativa: Alta vertente

3.2 Orientação: Noroeste - sudeste

3.3 Abertura: Nordeste

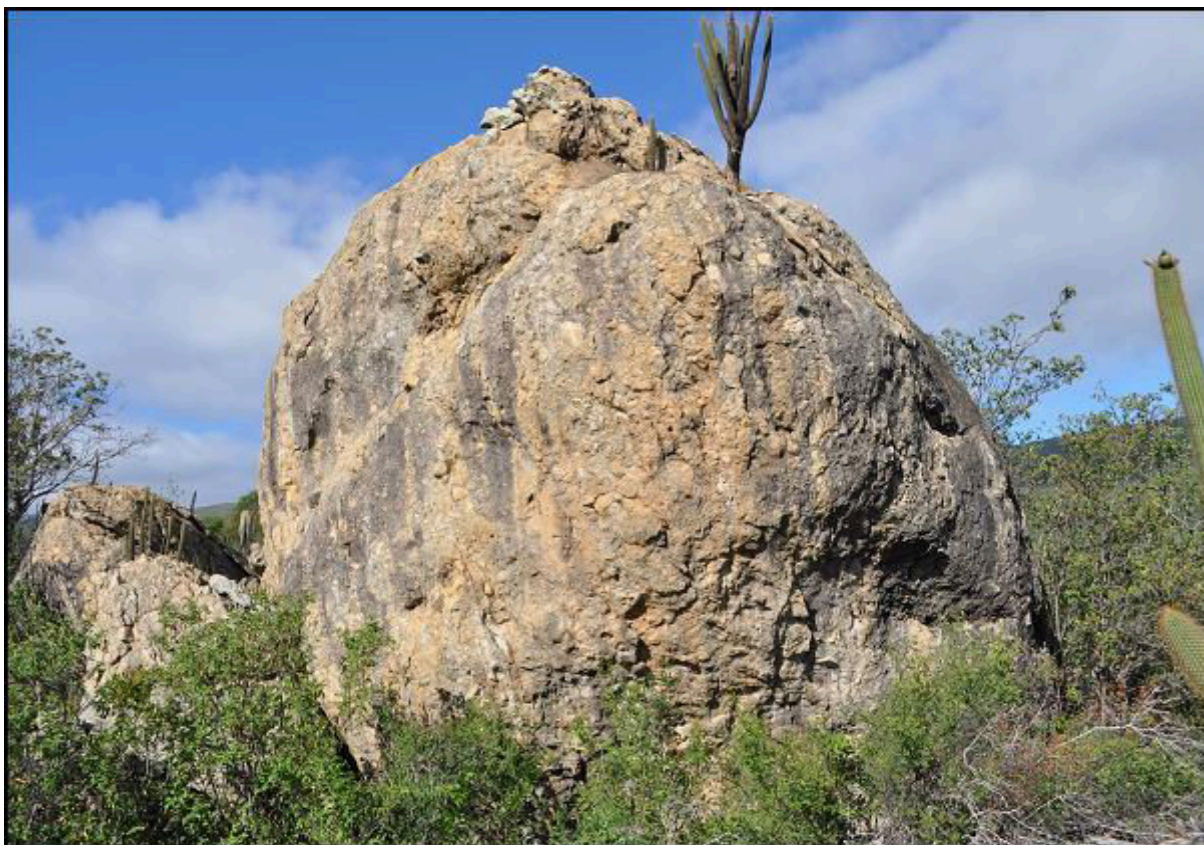
3.4 Tipo: Abrigo sob rocha

3.5 Comprimento: 9,4 m

3.6 Altura: 10 m

3.7 Largura: 5,4 m

3.8 Sedimento: Existente



4 Vestígios arqueológicos: Pinturas rupestres

Painel	Conhecível	Reconhecível	Irreconhecível	Total
01	-	01	01	02
Total	-	01	01	02

Pesquisador: Sebastião Lacerda de Lima Filho

Guia: Alonso José dos Santos

M Boqueirão da Residência



Vista parcial do boqueirão



Vista parcial do boqueirão

Área Arqueológica de Sobradinho – BA - ARAS

Levantamento cadastral e fotográfico

Sítio: Residência 1

Local: Boqueirão da Residência

Região: São Pedro

1 Coordenadas:

1.1 UTM 24L: 273796

1.2 UTMN: 8904598

1.3 Altitude: 807 m

2 O Suporte:

2.1 **Localização:** Serra de São Francisco

2.2 **Grupo geológico:** Chapada Diamantina

2.3 **Unidade:** Formação Tombador

2.4 **Estrutura:** Metassedimentar

2.5 **Composição:** Conglomerado desorganizado

2.6 **Feição:** Matacão

3 O Sítio:

3.1 **Altura relativa:** Baixa vertente

3.2 **Orientação:** Norte - sul

3.3 **Abertura:** Leste

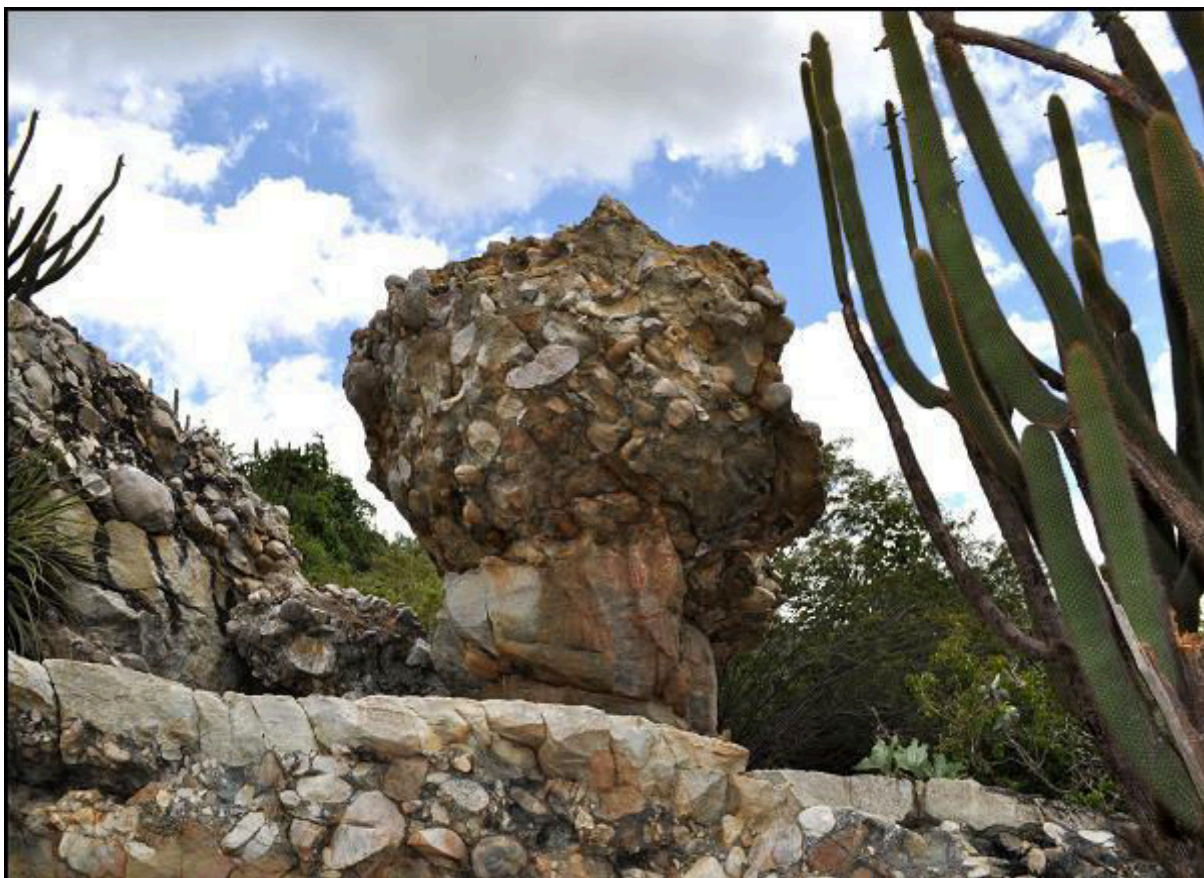
3.4 **Tipo:** Parede

3.5 **Comprimento:** 2,5 m

3.6 **Altura:** 2 m

3.7 **Largura:** 0,8 m

3.8 **Sedimento:** Inexistente



4 Vestígios arqueológicos: Pinturas rupestres

Painel	Conhecível	Reconhecível	Irreconhecível	Total
01	-	02	01	03
Total	-	02	01	03

Pesquisador: Raket de Castro Alves

Guia: Alonso José dos Santos

Área Arqueológica de Sobradinho – BA - ARAS

Levantamento cadastral e fotográfico

Sítio: Residência 2

Local: Boqueirão da Residência

Região: São Pedro

1 Coordenadas:

1.1 UTM 24L: 274127

1.2 UTMN: 8904576

1.3 Altitude: 850 m

2 O Suporte:

2.1 Localização: Serra de São Francisco

2.3 Unidade: Formação Tombador

2.5 Composição: Conglomerado desorganizado

2.2 Grupo geológico: Chapada Diamantina

2.4 Estrutura: Metassedimentar

2.6 Feição: Escarpa

3 O Sítio:

3.1 Altura relativa: Baixa vertente

3.3 Abertura: Sudeste

3.5 Comprimento: 58 m

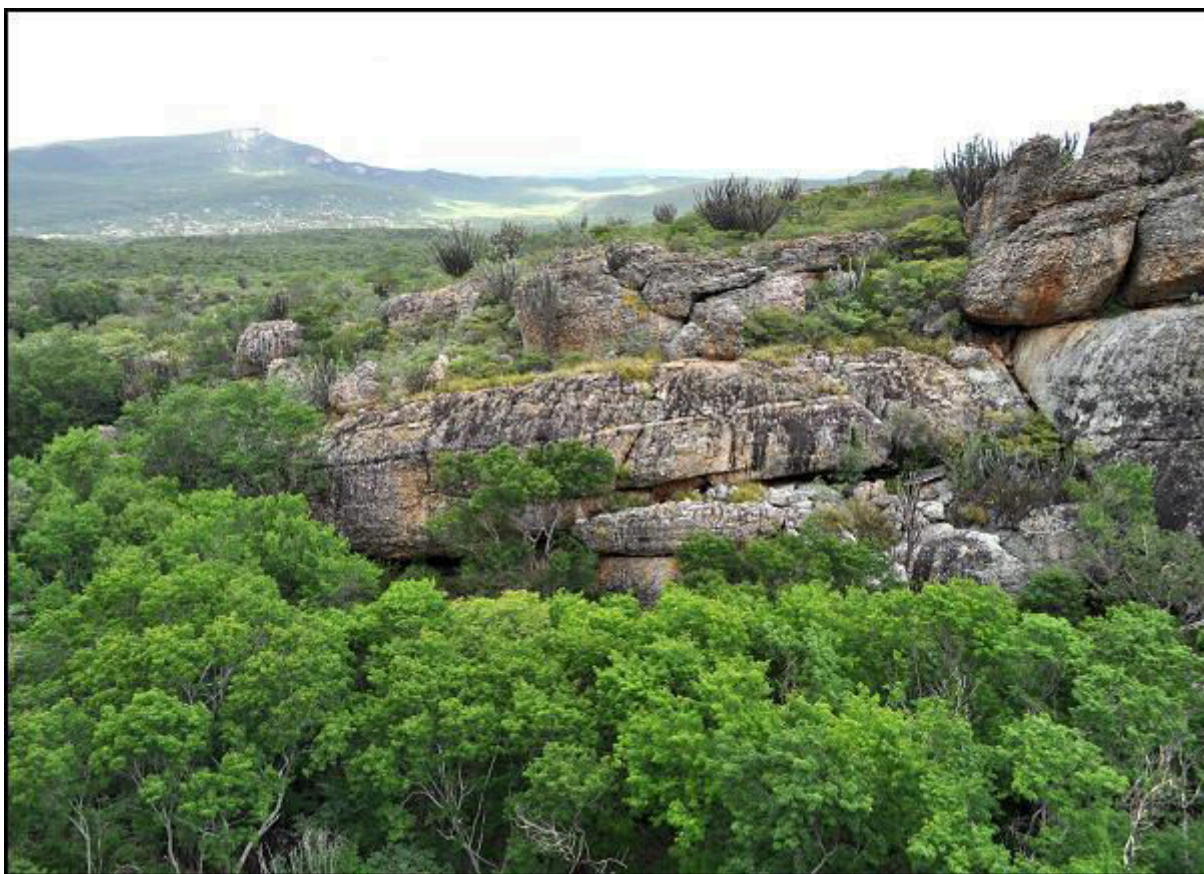
3.7 Largura: 5 m

3.2 Orientação: Nordeste - sudoeste

3.4 Tipo: Abrigo sob rocha

3.6 Altura: 15,5 m

3.8 Sedimento: Existente



4 Vestígios arqueológicos: Pinturas rupestres

Painel	Conhecível	Reconhecível	Irreconhecível	Total
01	-	-	01	01
02	-	01	-	01
03	-	01	-	01
04	-	01	-	01
05	-	05	07	12
06	-	01	01	02
07	-	01	-	01
08	-	01	-	01
09	-	-	01	01
10	-	09	02	11

11	01	-	-	01
12	-	01	-	01
13	-	05	-	05
14	-	01	-	01
15	-	-	01	01
16	-	-	01	01
17	-	01	-	01
18	-	01	-	01
19	-	01	-	01
20	-	02	-	02
21	01	-	-	01
22	-	01	-	01
23	01	01	-	02
24	01	04	02	07
25	-	05	01	06
26	-	04	-	04
27	-	03	-	03
28	-	01	-	01
29	-	01	-	01
30	-	05	01	06
31	-	03	01	04
32	-	02	01	03
33	-	01	02	03
34	-	04	02	06
35	-	01	-	01
36	-	02	02	04
37	01	03	06	10
38	-	02	-	02
Total	06	78	28	112

Pesquisador: Rakel de Castro Alves

Guia: Alonso José dos Santos